

# tinta fresca

revista de escrita criativa  
vol.1



# tinta fresca

<b>P</b>	<b>A</b>	<b>R</b>	<b>A</b>				
E	S	C	R	E	V	E	R

revista de escrita criativa  
vol. 1

# tinta fresca

vol. 1

abril de 2026

**Imagem da capa:** *Cobogós*, de Paolo Roberto Ridolfi

**Capa:** Vinícius Alves de Araújo

**Projeto gráfico:** Vinícius Alves de Araújo

**Diagramação:** Victor Augusto Bratti Domingues

**Organização e edição:** Lilian Sais

**Revisão:** Fernanda Sais e Lilian Sais

**Apoio técnico:** Ricardo Tertó

**Apoio administrativo:** Emygdio Costa

**Consultoria jurídica:** Érika Gentile

# sumário

4	<b>da edição</b>
6	<b>dos autores</b>
14	<b>para pensar a escrita</b>
34	<b>escrita como cerco</b>
52	<b>congresso latino-americano do medo</b>
66	<b>dois dedos de prosa</b>
90	<b>metalinguagem: modos de usar</b>
104	<b>penélope fogosa</b>
112	<b>tinta fresca</b>
166	<b>escrever sem papel e caneta</b>
172	<b>memória coletiva</b>

# da edição

Este é o primeiro volume da *Tinta fresca*, revista que nasce das trocas entre professores e alunos do **Para Escrever**. Essa iniciativa cultural voltada para a escrita criativa completou dois anos de existência em março de 2026. Nesse tempo, tivemos perto de 40 professores atuando em nossos cursos e mais de 1.500 pessoas assistindo às aulas. Cerca de metade delas teve acesso aos cursos gratuitamente, o que foi possível através da nossa política de bolsas, das aulas abertas que iniciamos este ano e da parceria, no ano passado, com o TEMA (Turmas de Escrita da Mário) da Biblioteca Mário de Andrade, que nos possibilitou oferecer oito dos nossos cursos ao longo de 2025.

Na primeira seção deste volume, “Para pensar a escrita”, reunimos textos de diferentes gêneros, mas o que os une é, sem dúvida, o que título expressa: essa vontade de pensarmos, juntos, a literatura e a escrita criativa.

As duas seções seguintes levam o nome de cursos ministrados por Schneider Carpeggiani: “Escrita como cerco” reúne ensaios, e “Congresso latino-americano do medo” reúne contos que surgiram sobretudo em diálogo com as aulas do professor por aqui.

A quarta seção, “Dois dedos de prosa”, traz textos produzidos pelos estudantes principalmente na Imersão em Prosa que oferecemos no primeiro semestre de 2025. Os professores dessa imersão foram Laura Cohen Rabelo, Veronica Stigger, Caio Peçanha, Ricardo Terto, Tarsilla Couto de Brito e eu.

“Metalinguagem: modos de usar” é a quinta seção, e seu título vem do módulo ministrado pela Tarsilla Couto de Brito em nosso curso de um ano de duração, do qual já tivemos três turmas. Entre muitas outras ideias, Tarsilla propõe nos encontros o conceito de “autodefinição literária”, que é um pouco do que vocês encontrarão aqui.

A poesia vem com tudo na sexta seção. Intitulada “Penélope fogosa”, essa seção nasce das provocações e proposições de Patrícia Lino no módulo que ela ministrou na Imersão em Poesia do primeiro semestre de 2025, em que apresentou à turma outras versões do mito de Penélope, nas quais ela não era “a esposa fiel e paciente” que a *Odisseia* nos apresenta.

A sétima seção é a que dá nome à revista: “Tinta fresca” reúne textos dos nossos alunos sobre temas diversos e produzidos em diferentes cursos que oferecemos. A seção seguinte, intitulada “Escrever sem papel e caneta”, nasce da proposta apresentada por Caetano Romão e Luiza Romão à nossa primeira turma de um ano: como seria escrever sem papel, sem caneta, sem computador? Que outras materialidades poderiam ser usadas? Algumas das respostas e soluções estão reunidas aqui.

Por fim, “Nós – memória coletiva da turma 1” começa com uma proposição de exercício feita por Flávia Péret no módulo sobre escritas autobiográficas ministrado por ela em nosso curso de um ano de duração. Cada aluno escreveu algumas de suas memórias utilizando o sintagma inicial “Eu me lembro”. Depois, sugeri que eles misturassem as memórias, formando um texto escrito a muitas mãos. Quem assumiu a tarefa da organização das memórias em ordem alfabética foi Letícia Nunes. Esse texto, ao mesmo tempo que encerra este volume, traz em si a memória do nosso início: a nossa primeira turma. Mas como fim e começo são sempre ambíguos, ainda temos uma surpresa de Patrícia Lino no pós-créditos.

Deixamos aqui nosso imenso agradecimento a todos os professores e palestrantes que inspiraram, de alguma forma, os textos que compõem esta revista: Adelaide Ivánova, Antonio Xerxenesky, Beatriz Malcher, Caetano Romão, Caio Peçanha, Cecília Lara, Diogo Cardoso, Édipo Ferreira, Eloah Pina, Euler Lopes, Evandro Cruz Silva, Fernanda de Almeida, Fernando Rinaldi, Flávia Péret, Francisco Mallmann, Gabriel Gonzalez, Jr. Bellé, Laura Cohen Rabelo, Luiza Romão, Marcela Dantés, nina rizzi, Paloma Franca Amorim, Patrícia Lino, Regina Azevedo, Ricardo Terto, Schneider Carpeggiani, Stephanie Borges, Taís Bravo, Tarsilla Couto de Brito, Tarso de Melo, Tiago Mine, Valeska Torres e Veronica Stigger.

Gostaria de agradecer ainda a Tayná Gonçalves, primeira parceira do **Para Escrever**, que cuida da nossa identidade visual, das artes do nosso Instagram e do nosso site, e a todos os estudantes que confiaram em nós. Infelizmente (ou felizmente?), não seria possível nomeá-los aqui, por serem muitos, mas não daria para encerrar este editorial sem deixar registrado o meu agradecimento pela dedicação e pelo empenho de cada um que passou pelos nossos cursos.

Além disso, é essencial deixar registrado que este primeiro volume da nossa revista também não existiria sem o trabalho de Emygdio Costa, Érika Gentile, Fernanda Sais, Ricardo Terto, Victor Augusto Bratti Domingues e Vinícius Alves de Araújo, integrantes da força-tarefa que montei para que esta *Tinta fresca* viesse ao mundo.

Agora ela está aqui. Que bom. Boa leitura!

**Lilian Sais**

# dos autores

**Adrielle Rezende** é artista da voz e da palavra. É licenciada em música pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Como arte-educadora, musicaliza corpos e territórios. Como poeta, é escrita por eles.

**Alexander Dejonghe** (São Paulo, 1992) é artista e professor. Seu trabalho atravessa narrativas literárias e poéticas sobre sexualidade e reparação, em texto, fotografia e publicação.

**Amanda Guimarães** é formada em Letras – Português/Literaturas de Língua Portuguesa, trabalha como redatora e escreve sobre cultura em diversos sites desde 2010. Ser obcecada por cinema de horror é o seu principal traço de personalidade, junto com ser péssima em descrições.

**Ana Favorin** é escritora, poeta e zineira maringense (PR). Investiga a estreita relação entre a palavra, a forma e o meio de publicação.

**ANANUN** (Ana Livia Nunes) nasceu em Bambuí (MG). Designer gráfica e escritora, investiga a palavra como um espaço, explorando as relações entre linguagem, imagem e forma.

**André Maia** (1989) é natural de Fortaleza/CE. Autor do livro *Algumas Distâncias Percorridas* (Ed. Quelônio).

**Beatriz Machado** é mestranda pela Unifesp, faz parte do Laboratório de Práticas de Escrita e é editora de plaquetes. Escreve de tudo, traduz algumas coisas e quase nunca publica. Recebeu menção honrosa no 2º Concurso de Dramaturgia do Conservatório de Tatuí por *O peso da memória*.

**Beatriz Malcher** é niteroiense. Escreve poesia, crítica literária e dá aula de Teoria da Literatura. Escreveu *Carro Alegórico* (Urutau, 2021), *O álbum dos carros* (Primata, 2023), *Sophia Loren não liga pro futuro* (Fictícia, 2023) e *Telemar* (Primata, 2024).

**Brisa Serena** é poeta errante, escutadora de vidas loucas, pintora por necessidade, mãe desnaturada e dança sempre que o corpo pede.

**Camila Caires** é trabalhadora da escrita e psicoterapeuta. Doutoranda em Psicologia pela Unesp, pesquisa processos de criação a partir da escrita, corpo e subjetividade. Sua primeira publicação, *quebracabeças*, sairá em 2026 pela Urutau.

**Celso Vanderlei** nasceu e vive em São Paulo. Profissional de Tecnologia da Informação e apaixonado por livros, arrisca alguns poemas como uma fuga eventual do mundo dos algoritmos.

**Cintia Brasileiro** é escritora, gestora cultural e especialista em Língua Portuguesa e Literatura. É curadora do Clube do Livro Escritoras Brasileiras e facilitadora do Ateliê de Leitura e Escrita para Mulheres. Autora do romance *Na intimidade do silêncio* (Aboio, 2023) e membro da Academia Araçatubense de Letras (AAL).

**Cláudia Ricci** vive em São Paulo. Assumiu a escrita, o bordado e toda forma de aprender e ser por prazer. Tem textos publicados em antologias das editoras Samsara, Abarca Editorial, Selo Off Flip e Persona. Publicou seu primeiro livro, *Cômodos e (In)cômodos*, pela editora Arpillera em abril de 2023.

**Cristiane Cerdera** é poeta e professora, criada entre os subúrbios do Rio de Janeiro e a cidade de Niterói. Doutora em Letras pela PUC-RJ, estudou o conceito de entendimento na filosofia do segundo Wittgenstein. Publicou *Resíduo*, pela editora Patuá, em 2024 – semifinalista do Prêmio Jabuti 2025 – e a plaquete *Entropia*, pela Mormaço Editorial.

**Deborah R. Sousa** é escritora, psicóloga e letróloga com ênfase em estudos literários, além de pós-graduada em gestão. Atua há 13 anos na gestão e produção cultural. Em 2021, lançou *A História de Todas as Famílias* (Crivo Editorial) e, em 2025, o romance *Pontos Perdidos* (Impressões de Minas).

**Dennis Novaes** é natural de Brasília e vive no Rio de Janeiro. Como antropólogo, se dedicou ao funk produzido nas favelas cariocas, onde encontrou muita poesia. É roteirista e apresentador dos podcasts “Do Soul ao 150” e “Qual o Sentido?”. Atualmente é professor no Departamento de História e Teoria da Arte da UFRJ.

**Diuli de Castilhos** nasceu em Jaquirana (RS) em 1996. Dedicou-se à escrita e à tradução. Ganhou o 30º Prêmio Nascente da USP, onde estuda literatura hispano-americana. É autora de *kitnet de vidro* (Laranja Original, 2024), livro semifinalista do Prêmio Jabuti e finalista do Prêmio Minuano de Literatura.

**Érika Gentile** (Itápolis, 1963) é escritora, mora em Cuiabá, Mato Grosso. Dedicou-se ao estudo da escrita criativa há mais de uma década, participando de cursos e formações. Publicou em antologias e revistas literárias.

**Felipe Julius** (Porto Alegre, 2000) é um escritor neurodivergente. Graduiu-se em Comunicação na PUCRS. Com seu livro de estreia, *Foram talvez os anjos revoltados* (Urutau), foi indicado ao 66º Prêmio Jabuti. Seu segundo livro, *Cicatrizes na paisagem* (CEPE), foi desenvolvido no curso **Para Escrever** e venceu o VIII Prêmio CEPE Nacional de Literatura.

**Fernando Rinaldi** é mestre em Letras pelo Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da FFLCH-USP e autor de *Dueto dos ausentes* (Reformatório), que foi finalista e recebeu menção honrosa no Prêmio Mix Literário 2024.

**Gabriel Gonzalez** é mineiro. Escreve, mas gosta mais de ler. Publicou um ou dois livros e já foi citado em um poema, o que o enche de orgulho.

**Geiza Martins** não é feita de açucenas.

**Igor Lage** nasceu em Itabira, em 1988, e vive em Belo Horizonte. É jornalista e pesquisador, com estudos sobre narrativa em primeira pessoa e catástrofe. Doutor em Comunicação pela UFMG. Assina a newsletter Jubarte.

**Isa Gontijo** é psicóloga e atua como clínica e supervisora em Belo Horizonte. Mestre e doutora em Psicanálise pela Universidade Federal de Minas Gerais, pesquisa no campo da psicopatologia e do diagnóstico as interfaces do caso clínico com a escrita. O seu escrever, ele veio mesmo da infância.

**Isabella Giordano** é doutora em Estudos Literários e compartilha a vida com três felinos de personalidades dissonantes e um homem meio menino. Na verdade, Isabella também é meio garota, isto é, ela ainda se relaciona com o mundo a partir de uma lógica que varia entre a revolta e o encantamento.

**Jaqueline Saad:** cria do cerrado goiano, virou brasilo-francesa e desaguou no Rio há mais de 10 anos. A escrita é constante de suas metamorfoses, tendo conduzido (entre outros) ao jornalismo cultural. Ficção, não ficção; prosa, poesia; colagem, pintura, fotografia: a hibridez é sua guia.

**Jef Garcia** nasceu em Maringá, em 1987. É poeta, ranzinza e adora um samba. É autor dos livros de poemas *O sol na boca do estômago* (Urutau) e *O fogo queima diferente abaixo da linha do equador* (Folheando). Gosta de vinho, das canções de Victor Jara e de sextas-feiras à noite.

**Laura Cohen Rabelo**, de Belo Horizonte, é mestre em Estudos Literários pela UFMG. Idealizou e coordena o projeto Estratégias Narrativas, focado na criação literária, desde 2013. Publicou, entre outros, os livros *Caruncho* (Impressões de Minas, 2022, Prêmio Academia Mineira de Letras), *Dois línguas* (Zain, 2024) e *Como matar seu marido* (CEPE, 2025).

**Leo Nunes** também é poeta. Publicou *está na hora de me tornar um homem sério* (M.inimalismos, 2023) e *menino do rio* (Os Livros de Oeiras, 2025).

**Letícia Nunes de Moraes** é historiadora, com mestrado e doutorado pela USP, e revisora de textos com especialização pela PUC Minas. De formação acadêmica, tem se aventurado pelos caminhos da literatura numa profunda revisão da própria escrita.

**Ligia Castro**, mineiroca rodada a três mãos incontinentes, atua pela gran causa do sem sentido. furor e suculeências no ocaso, à beira do paraíba do sul, contingência a contornar. entre o sono e a vigília seu desejo é uma desordem. terminantemente: histórica sim, graças à deus.

**Lucas Guilherme** é psicanalista e professor.

**Magali Freitas** nasceu em Santos. Filha e neta de caiçara, teve o mar como quintal. Escolheu se embrenhar pela psicologia, por se interessar pelas miudezas que compõem cada pessoa. Caminhou pelas veredas da Política Pública, longos anos. Nos últimos tempos, tem se dedicado a brincar com as palavras.

**Mariana Queiroz** é poeta, escritora e psicanalista. Publicou o primeiro livro, *AVOA* (2021), pela editora Urutau. Seu segundo livro, *tateio*, está no prelo pela editora M.inimalismos. Articula saraus e ministra oficinas de escrita. Também escreve em sua newsletter: <https://mariqueiroz.substack.com/>.

**Maribel Vazquez**, psicóloga com especialização em Saúde Coletiva, publicou os livros infantis *Abelardo, estropiado* e *Refugiadas: Escapando de um céu em perigo*. Em 2025, publicou o livro de contos *Coração de Papel*, pela Editora Patuá. Participa dos coletivos Escrevíveis e Mulherio das Letras - SP.

**Marie:** escrevo, desenho, tenho dois nomes e uma cicatriz grande no peito.

**Marina Leite** é formada em design gráfico e trabalha com produtos digitais. Escreve para a gaveta (por enquanto). Tem predileção por fluxo de consciência, escrita metacognitiva e reflexões introspectivas sobre si, o ser humano e o mundo.

**Mateus Ruas** nasceu em 1995 em Londrina, no Brasil. Reside em Portugal desde 2004. Estudou na área da saúde, mas cedo percebeu que não era a sua vocação. Esconde-se atrás das suas obsessões, a poesia e os animais. Tem três gatos, o que deverá ser a informação mais interessante sobre a sua vida.

**Maurício Reis** (São Paulo, 1997) é poeta e pesquisador. Mestrando na Universidade de São Paulo, pesquisa a poesia chilena dos anos 1980. Participou da turma de 2024 do Curso Livre de Preparação de Escritores (CLIFE), da Casa das Rosas. Está escrevendo seu primeiro livro.

**Maurício Rosa** nasceu em 1992 e vive em São Paulo. É autor dos livros *Vamos orar pela vingança*, *O longo cochilo da urso*, *Na proa do trovão* e *Meu corpo é testemunha*, todos de poesia.

**Milena Boniolo** nasceu em 1981 na cidade de Barueri, SP. É formada em Química e tem mestrado e doutorado na área (USP/Unesp). Atua como professora de cursos pré-vestibular. É mãe e instrutora de yoga. No seu quintal tem cachorro, gato, alecrim e hortelã. Possui textos em coletâneas e antologias de poesia.

**Natália Castro** (1998) é guarulhense, irmã mais velha e doutoranda em Estudos Literários pela Unifesp.

**Patrícia Lino** (1990) é poeta, ensaísta, performer, tradutora e Professora Associada de poesia e artes visuais na UCLA. Entre os seus livros, videopoemas, traduções, performances, palestras-performances e experiências sonoras consta, por exemplo, *A Ilha das Afeições* (2023). Seu trabalho foi publicado e apresentado em mais de 10 países. <http://patricialino.com>.

**Patrick Gois** é poeta, narratólogo e graduando em Ciências Sociais. Pé-vermelho e capricorniano, busca valorizar o papel da literatura como ferramenta de transformação social.

**Raul Castilhos** nasceu em Pelotas (RS) e formou-se em Cinema de Animação (UFPel), pesquisando cinemas de gênero e política. Atua com literatura, audiovisual, música e fotografia. Mora em São Paulo.

**Ricardo Terto** é escritor, roteirista e editor de áudio. Semifinalista do Prêmio Jabuti em 2025 na categoria Crônica por *Brincadeira Sem Futuro* (Ed. Todavia) e vencedor do prêmio Vladimir Herzog de Melhor Reportagem em Áudio em 2022.

**Stéfani Mendes**, travesti, multiartista e pesquisadora goiana. Graduada e mestranda em Artes, atuou há oito anos entre palco, performance e escrita, unindo arte e ativismo trans, buscando novos mundos possíveis.

Contato: [rosalem.stefani@gmail.com](mailto:rosalem.stefani@gmail.com)

**Taís Bravo** é escritora, pesquisadora e professora de escrita criativa. Como autora, publicou os livros *Expansão Marítima* e *Sobre as linhas extintas*, entre outros títulos. É mestre em Letras pela UFRJ e doutoranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade na PUC-Rio.

**Talita Franceschini** é bibliotecária e professora, nascida em Descalvado (SP). Tem duas crônicas publicadas na antologia *Crônicas de ir, vir e permanecer* (Editora Txai, 2022). *Instruções de uma equilibrista* (Editora Patuá, 2024) é seu primeiro livro solo de poemas.

**Tarsilla Couto de Brito** é professora de Teoria Literária na UFG. Estuda a escrita de mulheres na América Latina. É poeta (*Sentimentos Carimbados*, 2020; *A mulher que nasceu sem metafísica*, 2022; *Nossos próprios nomes nem isso*, 2025) e oficina encontros de leitura e de escrita criativa.

**Tarso de Melo** é poeta e editor. Coordena o Círculo de Poemas, coleção de poesia da editora Fósforo. Doutor em Filosofia do Direito pela USP, atualmente realiza pós-doutorado em teoria literária na Unicamp. É autor de *As formas selvagens da alegria* (Alpharrabio, 2022), entre outros livros.

**Tessi Ferreira** é escritora, multiartista e gestora cultural. Publicou em 2024 o romance *Debaixo dos Panos*, pela editora Patuá, e a plaquete *O que eles pensam de mim*. Em 2023, o livreto *Crônicas da Casa*, pelo CCSP e, em 2019, a coletânea de crônicas *Campo Minado*, pela editora Letramento.

**Tim Silva** é escritor, roteirista e ator brasileiro. Publicitário pela UNIBH e pós-graduado em Escrita Criativa pela PUC Minas, é estudante de Letras na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Vem desenvolvendo trabalhos voltados à criação artística e à ficção contemporânea.

**Vilma Ribeiro Gomes** tem 57 anos, é paulista de nascimento e alagoana de coração. É psicóloga e pedagoga. Atuou na rede pública de ensino, onde militou pelo acesso à literatura. Publicou três livros. Escreve a partir da memória e da infância, territórios que frequenta para alinhar sua escrita.

**Vinícius Alves de Araújo** vive e trabalha em Maringá (PR). É arquiteto e urbanista e, entre desenho, memória e linguagem, escreve poemas.

**para pensar a escrita**



# o universo numa coxinha de bar

*ricardo terto*

Esta crônica vai terminar surpreendentemente com uma cena em que estou diante de um elefante, segurando uma coxinha na mão.

Mas, por ora, estou apenas no começo da crônica e, nesse caso, o que estou fazendo é uma abertura forte. Forte, não por abordar um tema forte, mas por fazer uma tentativa de despertar algum tipo de interesse no leitor, como um feirante quando vê uma senhora com a sacola vazia.

Há muitas formas de fazer isso: por exemplo, começar com uma particularidade, como “eu nunca estive perto de um elefante”, o que receberá de imediato a resposta intuitiva “e daí?”. Não sei se já notaram, o “e daí?” é um dos grandes aliados da crônica.

É que, diferente de outros gêneros, a crônica não é capaz de esconder quem escreve. Mesmo na intimidade inquietante da poesia, existe uma forma capaz de produzir distância; na crônica, não. E daí?

Daí que, por conta dessa proximidade, de poder falar direto com quem lê, na crônica se estabelece uma crise chamada “por que me interessa o que essa pessoa tem a dizer sobre o mundo?”. Essa crise só se resolve pela capacidade do texto de envolver.

Não confundir o texto com a vida: você não está indo parar diante de um elefante, você está em um texto sobre ir parar diante de um elefante, o que será muito menos interessante do que estar de fato diante do tal elefante. Mas isso não é problema seu, é problema de quem escreve.

Nos parágrafos anteriores, não sei se notaram, eu criei uma circularidade no texto com a expressão “e daí?”; algo que, quando notado por quem lê, gera satisfação. Durante a leitura, um elemento da linguagem foi percebido: o “e daí” ganha um pouco de “ah-há!”, não importa o quão explícita estivesse a tal coisa no texto. Jogamos isso aos poucos na crônica de formas mais ou menos claras de tempos em tempos, porque a fricção pode gerar prazer; que delícia, hein.

Por exemplo, quando escrevi “não sei se notaram”, o tom era cômico – afinal, é claro que você notou a repetição da expressão “e daí?”. Ou quando você percebe, neste momento do texto, que estou escrevendo uma crônica enquanto explico o que é uma crônica.

Sem querer, acabei avançando muito do começo do texto, onde estava pronto para dizer que é por isso que, 90% das vezes, uma crônica começa com uma sentença particular, uma cena ou uma descrição do cotidiano que esconde de alguma forma o verdadeiro tema da crônica. Se a crônica fosse só contar um caso, “foda-se” seria a resposta para a pergunta “e daí?”. Ainda que fosse algo muito inusitado ou uma história muito boa – o que, aliás, raramente acontece: escapar de um acidente de trem pode ser uma história muito chata dependendo de como se conta, ao passo que comprar uma coxinha no bar pode ser a coisa mais interessante.

Essa estatística dos 90% eu acabei de inventar, não tenho a menor ideia. Na crônica eu posso escrever desse jeito e confessar minha impressão porque isso também me aproxima mais de quem lê.

É o que fiz agora, pois deduzo com razão que você solta estatísticas aleatórias em conversas por aí. O público-alvo da crônica é gente assim, como a gente. Não todo mundo, mas pelo menos uns 90%.

Ah-há.

Eu falei de tema e não posso esquecer de dizer algo que talvez seja contraintuitivo: o tema é o maior inimigo da crônica. O tema é a treta a ser resolvida, o monstro a ser dominado, porque o tema pode simplesmente destruir a crônica. Parte da essência da crônica é o truque de ser assumidamente desimportante diante da vida.

A crônica lembra ser menor que a coxinha do bar, menor que um mosquito que te acorda de madrugada, mas poder escrever sobre a coxinha ou o mosquito gera essa sensação de intimidade: não com os acontecimentos, mas com o sabor dos acontecimentos, sejam eles calorosos, amargos, irritantes, frustrantes, delicados, ridículos; a crônica nunca é sobre a coxinha, porém sobre o gosto da coxinha... mesmo quando fala sobre o preço da coxinha, o que fica é gosto da coxinha, o gosto que fica ao achar uma coxinha cara demais... o gosto que deixa o som da voz do feirante, o gosto que fica da insônia causada pelo mosquito.

Logo, o tema pode ser um grande destruidor de crônicas, porque apenas falar

de um tema em si, dizer que ele é relevante, é tentador, mas não necessariamente é uma crônica. Sinto que quando o tema engole o texto tudo é importante e não tem gosto de nada.

O chão, o bafo, o troco, o tropeço, o erro, a hesitação... na mesma travessia da bomba, da morte, do amor, da crise, da história, do tempo.

Não é fácil vender o universo numa coxinha de bar.

Escrevo isso e penso “tenho um título”. Limpo o suor do texto e respiro, porque já chegamos até aqui. Uma metacrônica sobre escrever crônica: o sabor da coxinha está declarado.

Mas, antes de ir embora (e parte fundamental da crônica e seu charme é ir embora, um gênero sempre pronto para sair de fininho), você pode se perguntar:

E a porra do elefante?

Nunca houve elefante nenhum nesta história.

Só coloquei isso no começo do texto para dizer que a crônica não tem nenhuma obrigação com a verdade. Na crônica a vida é mais importante que a verdade. Certo, mas e daí?

Eu sei lá o que dizer, a crônica já foi embora e só me deixou com essa coxinha na mão.

# notas (e três exercícios) para a criação de personagens

*laura cohen rabelo*

1. No ateliê de escrita que ministro aqui em Belo Horizonte, dei a algumas alunas a tarefa de criarem personagens. Propus o exercício assim, na vagueza e na irresponsabilidade: criem um personagem. Até que uma aluna me perguntou: e como eu faço isso? No quente da aula, respondi: inspire-se numa pessoa pela qual você está apaixonada. Penso em Barthes, no seu *A preparação do romance*, que propõe a seguinte fórmula: “Amar + escrever = fazer justiça àqueles que conhecemos e amamos, isto é, *testemunhar* por eles (no sentido religioso), isto é, imortalizá-los.”<sup>1</sup> Eu poderia também ter dito: baseie-se em alguém que você odeia. Personagens nascem de questões e sentimentos humanos que nos convocam. “Criem um personagem” foi uma instrução imprecisa e gosto de profundidade, mesmo que às vezes a gente tenha que propor coisas vagas em sala de aula. Senti que eu precisava falar um pouco mais disso. Esse texto é para vocês, minhas queridas de segunda-feira.

2. Personagens são a coisa de que mais gosto na literatura. Personagens planos, personagens profundos, personagens poéticos, personagens odiosos. A minha grande questão no mundo é O OUTRO, ele me fascina; ele é tudo que não sou, e quero que ele faça parte de mim; ele é tudo que não quero ser e posso contemplar, encenar suas virtudes e vícios e adversidades. Até ao escrever sobre nós mesmas, escrevemos essa outra pessoa.

Uma aluna diz, fascinada: “no texto, se pode tudo, é a liberdade total da criação”. Audre Lorde escreve: “eu poderia citar dez ideias que consideraria intoleráveis ou incompreensíveis e assustadoras a menos que viessem de sonhos e de poemas”.<sup>2</sup> É apenas um texto que você escreve sentada em sua casa e você pode tudo – criar um canalha, salvar um país, cometer um crime, encontrar um destino, vingar-se de alguém. O personagem nos protege, sua ficção é uma capa contra qualquer confissão.

3. William Faulkner disse numa entrevista que escrever um romance era simples: bastava criar um personagem e seguir esse sujeito por aí.<sup>3</sup> Nisso, ele coloca a criação do personagem no centro da narrativa, como eu mesma gosto de fazer. Às vezes realmente parece que o personagem tem vida própria: ele faz o que quer. Com frequência, na prática de ateliê vejo a parte da autoria sendo dominada completamente pelo desejo autônomo dos personagens, que parecem existir para além do nosso desejo, como se fossem uma parte do nosso inconsciente ganhando autonomia. Outro dia, enquanto escrevia um personagem, ele disse: *meu marido*. Só assim descobri que se tratava de um homem gay, quarentão e casado há muitos anos. Não tinha planejado nada disso.

4. Mas de onde nascem os personagens com essa autonomia? Estou lendo *A obrigação de ser genial* da Betina

<sup>1</sup> *A preparação do romance*, vol. 1, Roland Barthes, trad. Leyla Perrone, Ed. Martins Fontes, 2005, p. 28

<sup>2</sup> A poesia não é um luxo, Audre Lorde. *Irmã Outsider*, Trad. Stephanie Borges, Ed. Autêntica, 2019, p. 47.

<sup>3</sup> Não consegui localizar a fonte dessa fala (suspeito que seja da *Paris Review*). Isso pode ser apenas uma anedota que um dia escutei, mas consideremos que anedotas são importantes por carregarem uma verdade filosófica, mesmo sendo uma mentira.

González, e ela defende no ensaio *O coração na página* que no início de todo texto há uma emoção. Mesmo que o texto seja puramente ficcional, ele parte de uma emoção humana verdadeira, verdadeira até mesmo em seu fingimento (o poeta é um fingidor etc.). Betina González escreve: “a emoção é o fato misterioso do ato criativo. Talvez por isso não seja um tema frequente nos tratados de escrita ou nos festivais literários. Também não é bem-vista pela crítica, que acha suspeitos os assuntos do coração. E encontro poucos escritores que se referem diretamente ao assunto, o que é surpreendente, dado o papel que ele ocupa na escrita e na leitura. Por acaso a emoção não está no impulso que nos move para a página, que nos leva a narrar o que vivemos ou imaginamos?”. Tudo dito por Betina González sobre emoção por um momento me revoltou, e depois passei a aceitar. Vale pensar que personagens têm (ou nascem de) emoções – talvez a história se narre em uma emoção central desse personagem, em torno de um desejo. Quantas narrativas não são movidas pela melancolia? Pelo luto? Pela necessidade de vingança? Pela traição? Não somos feitos de sentimentos?

5. Percebo que meus personagens nascem claramente de emoções, mas também nascem de desejos. Quando criei a Matê, do *Canção sem palavras*, me baseei na experiência de não me entregar às minhas vocações, mas duvidar delas: Matê é profundamente ancorada em emoções pessoais, porém nada na história dela se assemelha à minha, nem mesmo as opiniões dela se assemelhavam às minhas. Quando criei o maestro do *Caruncho*, eu estava tendo que conviver com muitos homens escrotos, autoritários e egoístas, e foi a partir do meu sentimento de raiva e vingança que o criei; a violoncelista, por sua vez, foi feita a partir do meu desejo de desistir de uma carreira (eu, das letras clássicas; ela, da música), mas ao mesmo tempo havia uma vontade de criar alguém to-

talmente oposta a mim, porque que eu estava em um estado sério de sofrimento mental, que me deixou de saco cheio de mim mesma enquanto escrevia. B, o personagem de *Duas línguas*, é um dos meus preferidos: ele surgiu do desejo de criar um homem bom, uma vez que criei um homem muito mau no *Caruncho*. Precisava passar um tempo com a doçura e a inocência desse homem bom, B, e acreditar que um bom romance nasce também de emoções cândidas.

6. Personagens nascem, ainda, de histórias, pessoas, fatos, encontros e escutas que geram sentimentos. Sandra, de *Duas línguas*, é inspirada em muitas amigas e conhecidas, assim como Martin é inspirado em muitos amigos. O enredo de *Duas línguas* foi profundamente ancorado em histórias que ouvi da boca das pessoas a quem dediquei o livro, e o espírito dessas histórias é a vida dos personagens. Foram áudios e mais áudios de whatsapp contando histórias, horas ouvindo e transcrevendo o programa de rádio Violão com Fábio Zanon; das palavras das pessoas, surgiram os personagens, suas linguagens.

Natália Ginzburg no texto *Meu ofício*, no livro *As pequenas virtudes*, escreve: “Como tinha descoberto a existência de personagens, parecia-me que ter um personagem bastava para fazer um conto. Assim eu andava sempre à cata de personagens, olhava as pessoas no bonde e pelas ruas e, quando topava com uma cara que me parecia adequada para figurar em um conto, tecia em torno dela particularidades morais e uma pequena história. Também buscava detalhes sobre a vestimenta e o aspecto das pessoas, ou sobre os interiores das casas e outros lugares; se entrava em um aposento novo, me esforçava em descrevê-lo no pensamento e tentava achar algum detalhe miúdo que combinasse bem num conto. Mantinha um caderninho no qual escrevia certos detalhes que eu ia descobrindo ou pequenas comparações ou episódios que me prometia inserir nos contos”.

7. A personagem é feita de linguagem. Nós, seres humanos, nos constituímos como sujeitos através da linguagem; essa mesma linguagem que nos constitui, serve para a escrita (às vezes parece que a gente está pegando pedaços do nosso corpo e botando no texto, nos despedaçando; às vezes parece que os pedaços colocados no texto servem para reconstituir o corpo que perdemos em algum momento). A literatura é simples em sua confecção, não precisa de telas, lápis, iluminação, instrumentos musicais, mas a literatura é radical em sua matéria-prima. A literatura é feita de linguagens que constituem sujeitos, que são os personagens. Uma forma de falar, uma forma de pensar usando as palavras, cacoetes, frases feitas: pode-se assim construir uma personagem, assim a personagem ganha sua autonomia.

8. Um *post* de Sérgio Rodrigues nas redes sociais em 29/03/2020: “Sim, temos problemas muito maiores, mas pensa bem: os escritores passam décadas, séculos explicando aos iniciantes que não existe vilão 100% mau, que maniqueísmo é caricatura, que vale a pena buscar o lado humano do personagem mais vil, trabalhar as nuances. E aí vem o Bolsonaro”.

Na literatura contemporânea existe o império do personagem redondo, a regra de que personagens devem ter muitas camadas, e eu não gosto disso. Deveríamos também considerar o personagem plano, o personagem alegórico. Dois exemplos disso na literatura recente: em *O presidente pornô*, Bruna Kalil Othero cria Bráulio, o presidente, construído a partir de muitos presidentes, ele se torna o presidente zero, sem camadas, apenas ação – e é brilhante, alegórico em sua relação com a história da república, um grande teatro de marionetes que nos tira ótimas risadas.

O texto não perde qualidade por essa decisão da autora, na verdade o enredo é potencializado quando encontramos esse personagem sem a intenção de ter nuances. Em *A cilada*, Otto Lara Resende escreve a vida de um avaro completamente sem camadas e cheio de lugares comuns. É um texto excelente, que termina em uma deliciosa punição do destino.

Gosto muito de um livro de Cesare Ripa, chamado *Iconologia*, publicado no fim do século XVI: nele, o autor perusino busca recolher e representar imagens ditas “universais” (ah, o renascimento!) e mostrar a maneira correta de ilustrá-las tanto na poesia como na pintura. Nós, contemporâneos, entendemos isso de outra maneira, uma vez que temos uma sede pela autenticidade ou pela originalidade. Inclusive, as imagens do livro são gravuras: clichês, repetidas, reimpressas. Todas as alegorias têm como base um corpo de mulher (típico do homem renascentista: a mulher como figura moldável, o homem não). “O homem é a medida de todas as coisas”...

9. Assim, deixo três exercícios para vocês:

a) Crie um personagem para se vingar de alguém (uma pessoa ou mais)/Crie um personagem inspirado no seu amor por alguém. Amor e ódio são sentimentos que podem coexistir.

b) Copie a linguagem de uma ou mais pessoas; transcreva o que dizem e crie personagens com base nisso.

c) Escolha um sentimento, uma virtude, uma característica ou uma alegoria e baseie uma vida em torno disso.

Boas escritas!



# cenas chinesas

*tarso de melo*

Como se forma, à distância e com o passar do tempo, a imagem que temos de um país, de um povo, de sua cultura? Qual é a China que tenho em minha cabeça? A China antiga dos livros, dos filmes, dos poetas nas montanhas? A China moderna das revoluções, da profunda transformação social? A China atual vista por *youtubers*, por outros livros, por amigos que já visitaram o país? Qual é a China que começa a se desenhar em mim a partir do convite para um festival de poesia em duas de suas infinitas cidades? O que sei é que na minha bagagem mental cabiam muitas Chinas, que têm bem mais a forma de perguntas que de respostas. Levei-as todas comigo para a China.



São Paulo, 13/9, sábado, 1h05. No primeiro dos três voos que nos levaram até Xi'an (mais de quatorze horas entre São Paulo e Dubai), com os pés dez quilômetros acima do Atlântico, eu li *Passaporte para a China*, livro que reúne as crônicas de Lygia Fagundes Telles sobre uma viagem, em 1960, muito parecida com a que estávamos começando a fazer. Claro, o plural aqui se deve ao meu amigo Renan Nuernberger, com quem dividi toda a aventura; o outro brasileiro da comitiva, Ricardo Domeneck, que vive em Berlim, só se juntaria a nós no aeroporto de Pequim.



Gosto muito de pensar que não conhecemos quase nada. Um socrático “sei que nada sei” que não se restringe apenas à filosofia. No fundo, não sabemos quase nada sobre ninguém, sobre nada. Nem sobre nós mesmos. Estamos sempre colhendo cacós, tentando formar uma imagem mais ou menos clara das coisas, de tudo que nos cerca, de todos com quem convivemos, de tudo que vivemos. Pode ser bastante desestabilizador – mas acho delicioso – reconhecer que tudo é estranho à nossa volta, que o sentido das coisas, a “verdade” sobre as pessoas, sobre nossa própria existência, é algo a ser buscado de modo permanente, pacientemente, cuidadosamente, e sempre guardará algum mistério. Cada uma das pessoas, dos bichos, das árvores... qualquer elemento com que cruzamos nas ruas nos conta apenas uma pequenina parte de sua história. Uma cena, um flash, um clique. Só mesmo uma visão preconceituosa ou muito apressada para formar certezas, completas e estáveis, sobre tudo que encontramos no mundo. Não conheço profundamente (o que seria isso?) nem mesmo a região metropolitana em que vivo. Ela é sempre um espanto vivo. Imagina então um Brasil inteiro. Imagina então uma China.



Dubai, 13/9, sábado, 23h. Pousamos em Dubai para esperar algumas horas até a conexão rumo a Pequim. O aeroporto é uma cidade fechada, repleta de gente de todo o mundo, que quer chegar ou voltar de alguma das nações do Oriente. Grande parte dos trabalhadores parece ser indiana e se move em carrinhos elétricos em meio à multidão que se encanta com perfumes, relógios, bebidas caras. É, no fundo, um imenso e caríssimo *shopping center* em que pousam e partem aviões gigantes, mais ou menos como os demais aeroportos. O dia 14 começa ali para nós, sete horas de fuso à frente de São Paulo, e ainda é madrugada nos Emirados Árabes quando saímos do chão.



Aprendemos outro país na nossa língua. Com as lentes da nossa língua. Tentamos cobrir assim o abismo. O que um país só nos diz na sua própria língua? O que a China conta apenas nas teias de seus milhares de ideogramas? Qual China se revela apenas nas entranhas e nos tons sutis do mandarim? E quais países se escondem nos diversos dialetos que sobrevivem em seus 9,6 milhões de km<sup>2</sup>? O que nos diz seu silêncio?



Pequim, 14/9, domingo, 15h25. Estamos, enfim, com os pés na China. Mais algumas horas no aeroporto e vamos voar para Xi'an, nosso primeiro destino. No aeroporto, os primeiros contatos com a vida na China: na imigração, tudo se resolve sem que seja preciso trocar uma palavra com os funcionários. Um tradutor eletrônico identifica nossa língua pelo passaporte e, em português, dá as instruções básicas. Entramos, enfim, no país e vamos procurar algo para comer e beber: tudo se resolve na língua dos aplicativos. Os sabores da China nos dizem *ni hao*. Às 20h pegamos o outro voo e, por volta das 22h30, encontramos a equipe do festival para nos levar de ônibus até o hotel (a noite é linda em Xi'an), aonde chegamos – os três brasileiros e alguns outros convidados da América Latina – no início da madrugada. Já ali se dá o nó entre chinês, inglês, espanhol e português em que viveríamos os próximos dias.



Entre o Rio de Janeiro e Pequim, a viagem de Lygia Fagundes Telles fez escalas em Dacar, Paris, Praga, Omsk e Irkutsk. Por isso, grande parte dos seus textos trata dessas cidades. Tantos mundos tão diferentes no caminho de um outro mundo. Afinal, qual era a China que Lygia levava na cabeça para essa visita à então novíssima República Popular da China? Que imagens da China ela recolheu pelo caminho? Que imagens da China ela perdeu pelo caminho? Qual China ela encontrou na China?



Xi'an, 15/9, segunda. Logo cedo aprendo que Xi'an, hoje capital da província de Shaanxi, é a cidade mais antiga da China. Durante muito tempo, Xi'an se chamava Chang'an e foi a capital da China ao longo das dinastias Qin, Han e Tang. Nesse último período, foi a casa de ninguém menos que o maior

poeta chinês de todos os tempos, Li Bai (701-762). Um ator representando o poeta será o animador de nossa primeira viagem de ônibus pela cidade, em direção ao primeiro compromisso: o mausoléu de Qin Shi Huang, onde estão as milhares de estátuas que formam o famoso Exército de Terracota. Em torno das estátuas, vivíssimos, milhares de turistas. É a primeira vez, de muitas na China, em que direi que, se aquilo fosse feito hoje (no caso, diante de uma obra com mais de 2 300 anos), já seria bastante impressionante, inacreditável. É a primeira vez, de muitas, em que as fronteiras entre real e imaginário, entre história e invenção, se nublaram. À tarde, mergulhamos numa espécie de cidade-cenário, com roupas típicas da antiga Chang'an – uma “experiência imersiva” que simula a vida na antiga capital da China. Tudo muito bonito e vivo. Algo desnorteante. Quanto a cidade lá fora também é cenário? Quanto é real? À noite, calorosa cerimônia de abertura.



A imagem que temos de um país, na distância, é confusa. De alguns países, não temos imagem alguma; de outros, um borrão: uma vaga ideia de onde está no mapa, o tronco a que pertence a língua local, a religião majoritária ou obrigatória. Não vamos muito além do nome e, não raro, dos preconceitos que cercam quase tudo que julgamos estranho. Temos medo do que inventamos para colocar entre o outro e nós, mais do que, propriamente, medo do outro, que, no fundo, desprezamos. Podemos amar um país por desconhecê-lo, mas normalmente preferimos odiá-lo.



Xi'an, 16/9, terça. Nossa manhã será dedicada a conhecer o Museu da Civilização Qin-Han. A experiência de passar pelos espaços amplos em que a história da China vai sendo apresentada com objetos antigos e raríssimos abraçados pelas novas tecnologias. Na linha do tempo, quando a China já tem dois mil anos de história, surgem os gregos. O orgulho do pioneirismo e, também, da diferença – e o triunfo. À tarde, depois do almoço no hotel, os grupos se dividem para atividades em três universidades da cidade. Estou no grupo que vai conhecer a Xi'an International Studies University. As centenas de alunos, muitos vestidos com trajes militares (porque o início da vida universitária coincide com o serviço militar obrigatório para homens e mulheres), andam rápido pelo belo campus. Depois das leituras de poemas e ensaios, jantar na universidade.



“O mundo é concebido aqui como um conjunto onde tudo está ligado, sem rupturas; onde nada é absoluto, independente, separado; onde o invisível, longe de ter uma existência distinta, está presente no visível em estado de sinais. O minúsculo início, por mais tênue e inapreensível que seja, está ali para atestar o vaivém cíclico entre manifesto e latente, entre o que os sentidos percebem e o que lhes escapa. De maneira análoga, o sistema figurativo elaborado nas *Mutações* serve de mediador entre a linguagem discursiva e o indizível. Com efeito, a figura não é a representação ou a reprodução de uma coisa, mas é um estágio no processo de sua formação, o qual passa pela manifestação (*cheng*) antes de chegar à imagem (*xiang*), e depois à forma (*xing*) para chegar ao objeto concreto (*qi*)” – Anne Cheng, sobre o *I-Ching*,

em *História do pensamento chinês* (trad. Gentil A. Titton; Petrópolis: Vozes, 2008).



Xi'an, 17/9, quarta. Manhã chuvosa em Xi'an e é dia de passeio no parque da floresta Niubeiliang. Ao pé da montanha Qinling, somos recebidos com uma grande festa na aldeia de Zhongnanshan. Com capas plásticas e guarda-chuvas, andamos entre as pequenas lojas e restaurantes que vendem comida tradicional. Depois do almoço no incrível hotel que fica dentro do parque, vamos para outro hotel nas redondezas para mais uma leitura de poemas e ensaios. Em cada detalhe, o cuidado em manter a história viva. Da janela do ônibus, cerca de uma hora de trajeto, o contraste entre a moderna Xi'an, repleta de guias imensas indicando obras e mais obras colossais, e a natureza que parece intocada. Seja onde for, tudo muito bem cuidado. As coisas belas que o homem fez, mas também tudo que ele ainda não desfez. À noite, jantar no nosso hotel.



“Nos exames imperiais, que davam acesso ao serviço público – as funções mais disputadas pelos letrados –, a prova de poesia, obrigatória, era cercada de um rigor abissal. Além de conhecer a fundo o *Shijing*, a antologia de Confúcio, que às vezes decoravam na íntegra, os jovens candidatos tinham de analisar e escrever poemas, demonstrando domínio absoluto de toda a arte da escrita. À importância que lhe deram na seleção da elite do império corresponde a generalização da poesia pela sociedade dos Tang. Trocar poemas do próprio punho entre amigos, ou então como mensagens de amor, parabenizar ou incentivar alguém com poemas eram gestos corriqueiros de civilidade e bom gosto” – Leonardo Fróes, “Prefácio”, em *Poemas clássicos chineses*, de Li Bai, Du Fu, Wang Wei (trad. Sérgio Capparelli e Sun Yuqi; Porto Alegre: L&PM, 2016).



Xi'an, 18/9, quinta. Passeio matinal pelo parque Tang Furong. Sob a chuva fina, os olhos brilham diante das maravilhas do parque. Jardins, prédios, obras, peças: tudo perfeitamente cuidado. Anoto: tanto já andado, tanto por andar, aqui não parece que o mundo pode acabar. Eis a China. *Check-out* já com saudade de Xi'an. No trem expresso para Pequim, a viagem de cerca de 1 100 km (algo como ir de São Paulo a Porto Alegre) é feita em menos de 4 horas (para ter uma ideia do que é isso: Lygia também conta que viajou de trem entre Pequim e Xangai, algo em torno de 1 200 km: naqueles tempos, foram 30 horas de viagem). Passamos a 350 km/h por imensas áreas urbanas que saltam do meio de faixas verdes do território. À noite, jantar no hotel (ao lado do Ninho do Pássaro, o Estádio Nacional, no parque olímpico de Pequim) e andar pelas ruas lotadas com Renan, até achar algo parecido com um boteco. Sucesso na missão.



Não levamos apenas a China da nossa cabeça para o encontro com a China real. Levamos também o nosso país – o país que povoa nossa cabeça. Lygia,

por exemplo, leva o país que havia acabado de inaugurar Brasília, no quinto ano do mandato de Juscelino Kubitschek, o quinto ano da promessa desenvolvimentista de avançar “50 anos em 5”. Com esse Brasil na cabeça, em que já se falava do “monstro do comunismo”, Lygia se depararia com a China de “5 mil anos de culto à beleza”, nas palavras dela, mas também com a China que, uma década antes, havia feito uma revolução, ou melhor, havia começado a viver uma revolução que chega até nós. O choque entre aquele Brasil e aquela China produz outros países na cabeça. Ontem como hoje.



Pequim, 19/9, sexta. Logo cedo vamos para o Museu da Literatura Moderna da China, para ver a exposição permanente dos livros, manuscritos e objetos dos escritórios dos grandes escritores do país. Lamento ter passado tão rápido pelas salas repletas do museu, porque daria para ficar dias e dias ali, mas tínhamos, noutro prédio, um seminário com todos os convidados estrangeiros e os poetas chineses. Além disso, precisávamos voltar rápido para o almoço no hotel, porque no início da tarde o ônibus nos levaria à Grande Muralha. À medida que o ônibus vai vencendo as ruas estreitas do pé da montanha e subindo em direção à base da muralha, minha sensação é de estar vivendo dentro de um sonho, no tempo do sonho. Aquela parte da muralha (Mutianyu) foi construída há mais de 650 anos. Conta-se que alguns trechos, dos milhares de quilômetros da muralha que vai da província de Gansu à de Liaoning, têm mais de 2 200 anos. Mesmo com os pés ali em cima daquelas pedras, tocando as pedras, olhando as montanhas em volta, sinto que há algo de sonho naquilo tudo. Como é que aquilo foi parar ali?



“Vamos viver aqui” – consigo imaginar mulheres e homens de tempos muito distantes afirmando isso ao se deparar com essas maravilhas que compõem o território chinês: montanhas, rios, planícies, praias etc. Os primeiros homens e mulheres dessa população de 1,4 bilhão de pessoas, que hoje recebem em sua casa mais de 100 milhões de turistas por ano. Não é difícil imaginar, entre estes, outros tantos homens e mulheres que, diante de antigas e novas maravilhas, dizem: “vamos viver aqui”.



Pequim, 20/9, sábado. Manhã no centenário parque Beihai, com seus 69 hectares no centro da cidade. Mais uma vez, o espanto com o capricho em cada coisa: o lago, os jardins, os templos. Dia ensolarado, claro, quente, lindo. Recital de poesia no meio do parque e passeio de barco no lago. Dali, o ônibus nos leva para um banquete num hotel majestoso (eles tratam poetas assim!). Depois do almoço, num trânsito pesado, seguimos para o Museu do Palácio Imperial – a Cidade Proibida. É até difícil descrever aquilo tudo: cercado por muralhas, o complexo construído há mais de seis séculos, que serviu de casa aos imperadores e suas famílias, tem centenas de edifícios espalhados por 720 mil metros quadrados. Monumento de monumentos. À noite, no hotel, o jantar de despedida com todos que dividiram conosco esses dias inesquecíveis.



“Muitas pessoas temem o Vazio. [...] Certa vez, no meio de um dia particularmente atarefado, o imperador foi levado a uma sala de reuniões. No entanto, por algum equívoco, não havia ninguém nela. O imperador aproveitou o momento e, caminhando até o centro do imenso *hall*, ficou em profundo silêncio, após o que fez uma reverência para o espaço vazio. Depois, voltou-se para seus assistentes e, com um amplo sorriso no rosto, disse: ‘precisamos marcar mais reuniões como esta. Há muito tempo não passo um momento tão gratificante’” – Benjamin Hoff, *O Tao do Pooh* (trad. Elisabeth e Dagoberto A. Pacheco; São Paulo: Triom, 1995).



Pequim, 21/9, domingo. Último dia, dia livre. Saio para caminhar com Renan e o poeta mexicano Roberto Acuña, para conhecer Pequim. Não vamos muito longe, porque logo nos deparamos com uma imensa foice & martelo no horizonte. Vamos até lá para ver o que é: o Museu do Partido Comunista. Se tudo o que vimos nesses dias de China já impressionava pela monumentalidade e pelo cuidado, o Museu do Partido parece ser a síntese mais bem acabada e admirável de uma ideia comum: a valorização do passado é a base da construção do presente próspero e a condição para um futuro triunfal. Ali, por exemplo, fica claro que, de alguma maneira, todos os museus se complementam, contam parcelas dessa história sob a mesma lógica: vencemos, venceremos.



Qual é a China que mora em sua cabeça?



Pequim/São Paulo, 22/9, segunda. Se nos dias chineses não sobrou tempo nem para ficar cansado, no voo de volta, contra o relógio (saímos de Pequim e chegamos a São Paulo no mesmo dia, porque os fusos vão sendo atravessados ao avesso), todo o peso desses dias desaba sobre a cabeça, sobre o corpo todo. As horas de voo parecem infinitas, mas, enfim, colocamos os pés em São Paulo. Pegar as malas e o rumo de casa, com outra China na cabeça, com outra cabeça talvez. Os amigos me perguntam, desde então: “E aí, como foi na China?” Tenho dado as respostas mais variadas, todas elas sinceras, porque, aqui dentro, algo mudou de lugar: o coração, quente, desliza.

# silvana tavano faz mistura de ficção e memórias em *ressuscitar mamutes\**

fernando rinaldi

Faz parte do nosso imaginário a analogia entre texto literário e tecido, entre teia e trama, a escrita pensada como a tecitura de um texto. Na mitologia grega, Aracne foi, segundo nos conta Ovídio, uma tecelã habilidosa cuja petulância levou Atena a desafiá-la. Na competição, ambas teceram representações de episódios do passado para apresentá-las, em tapeçaria, no presente da ação.

Embora tenha certo fundo moralizante – a tecelagem de Aracne ousou mostrar os equívocos dos deuses e ela acabou sendo punida por Atena –, pode-se depreender do mito uma imagem ainda poderosa para a reflexão sobre as literaturas que lidam com a memória: as narrativas são tecidas com as linhas soltas e embaralhadas do passado e com as agulhas da linguagem, enredando reminiscências, vivências e fabulação.

Em *Ressuscitar mamutes*, novo livro de Silvana Tavano pela Autêntica Contemporânea, a narradora habilmente tece a história da mãe, morta inesperada e precocemente, com fiapos de lembranças e outros fios que suas mãos alcançam: estudos científicos, citações literárias, artigos, entradas de dicionários, romances e ensaios. A composição textual do romance se faz com múltiplas matérias-primas que, de alguma forma, iluminam sua investigação a respeito do tempo, encarnada nas interrogações e hipóteses que surgem sobre a vida de sua mãe. Como se mãe e tempo fossem a frente e o verso do bordado, ou vice-versa – não é relevante saber qual é o avesso.

Antes de iniciar sua jornada em busca da própria mãe, a narradora nos apresenta o projeto científico real que dá título ao livro: com o objetivo de evitar o derretimento do *permafrost*, solo ártico que mantém os gases de efeito estufa sob a camada de gelo, um grupo de cientistas estuda criar em laboratório um híbrido dos mamutes com os elefantes asiáticos, os mamofontes. Esses novos mamutes possibilitariam a restauração do equilíbrio ecológico ao trazer de volta à tundra a pastagem capaz de conter as emissões de dióxido de carbono. Em outras palavras, para que haja futuro, seria preciso trazer o passado ao presente, mas um passado modificado.

Assim como no caso dos mamofontes, o gênero híbrido de *Ressuscitar mamutes* – mistura de ficção, memórias e fragmentos de inclinação ensaística – pretende preservar o futuro da memória por meio do resgate do passado, não exatamente como ele foi, mas da maneira como se pode presentificá-lo. Em “Instruções-exemplos sobre formas de viajar no tempo” e “Hojes”, as duas primeiras partes do livro, somos apresentados a fatos e discursos que pensam o tempo na sua simultaneidade, sincronidade, pluralidade e mistério.

A narradora procura entender o tempo tanto no seu sentido científico quanto subjetivo, na tentativa de apreender a figura da mãe, que vai surgindo em lampejos, no relato de lembranças e sonhos, e também na comparação com as “esperanças”, criaturas mágicas de Cortázar que passam um pouco alheias à vida.

\*Texto originalmente publicado no caderno Pensar do Estado de Minas em 21 de setembro de 2024.

## Trivial e complexo

“Reinventar a vida ao lado dela – escrever faz parte desse esforço”, diz a narradora. Da terceira parte em diante, ao comprimir a história da mãe em poucas páginas, destacando fatos e eventos – reais ou inventados ou, ainda, reais, mas com fendas preenchidas com imaginação (memórias híbridas?) –, ela faz o esforço de resgatá-la, tornando-a mais inteligível, ainda que por meio de um rascunho do que ela foi.

Escrevendo, redescobre uma mãe de vida tão trivial quanto complexa: uma mãe de corpo encolhido, metódica, sozinha; uma mãe que abdica dos desejos após a separação; uma mãe que a dada altura vira sua companheira de viagem. E uma mãe que surge na própria narradora, quando, com rosto mais envelhecido, vê nele os traços desse esboço de mãe.

Merecidamente elogiada por seu romance de estreia, *O último sábado de julho amanhece quieto* – que também toca nos temas do luto e da maternidade, mas do ponto de vista de uma mulher que vai gestar simultaneamente um

filho e a perda do companheiro –, em *Ressuscitar mamutes* Silvana é muito bem-sucedida em anunciar a impossibilidade de narrar a mãe para, a partir daí, narrar uma mãe de todos os tempos, inclusive os que ela não testemunhou ou nunca poderá testemunhar, mas que são igualmente verdadeiros.

O ponto alto do livro é a capacidade de a autora nos transportar com suas palavras, que entremeiam diferentes registros e tempos verbais e compartilham com o leitor momentos sensíveis e ideias sofisticadas com a mesma precisão.

“Mãe não tem limite,/é tempo sem hora” são versos do poema de Drummond usado como uma das epígrafes do livro, em que o eu-lírico expressa o desejo de que houvesse uma lei para as mães nunca morrerem. Em *Ressuscitar mamutes*, embora a figura materna morra quase sem aviso, sua ausência é ponto de partida para integrá-la ao tempo contínuo do texto. Na tapeçaria tecida por Silvana Tavano, vemos surgir uma mãe caleidoscópica, de presença atemporal. Uma mãe simultânea à escrita e a todas as leituras futuras desse primoroso romance.

# a invasão dissidente das escritas de si no brasil\*

*taís bravo*

Há um tempo me incomoda o modo como as escritas de si vêm sendo pensadas, dentro e fora dos espaços acadêmicos, mas principalmente em discussões feitas através das redes sociais e plataformas como essa em que escrevo. Como uma escritora que faz uso desse gênero e pesquisadora do campo da Literatura, sinto que existe uma falha grande nessas leituras: falta pensar o Brasil. Principalmente, falta pensar o Brasil a partir de seus próprios parâmetros, levando em consideração a nossa experiência social em profunda turbulência nos últimos anos e desde sempre.

No doutorado, em um exercício que entrelaça curadoria e crítica, estou pesquisando pessoas artistas brasileiras que criam gestos de arquivo em nossa contemporaneidade, mais especificamente após 2018. Minha hipótese é que, diante de uma complexa conjuntura política, há um movimento de produzir pela linguagem artística memória, ou seja, de fabular arquivos.

Esses trabalhos, em grande maioria, são memórias de si, guardam experiências íntimas, como histórias familiares, a receita de uma avó, o cuidado de uma mãe, as formas de vida de um lugar. No entanto, ao contrário da leitura geral que vem sendo feita atualmente das escritas de si, essas memórias são gestos de imaginação que miram o

coletivo, quando falam de si trazem junto um *nós*.

Nesse ponto, é importante delimitar que trabalho com obras de pessoas que se posicionam em dissidência, isto é, mulheres, pessoas negras, indígenas e/ou LGBTQIAPN+ que expressam em suas linguagens artísticas as singularidades de tais marcadores sociais em suas interseccionalidades. Além disso, esse grupo de artistas é majoritariamente composto por pessoas advindas de famílias migrantes e pobres, ou seja, são descendentes de uma herança familiar marcada por exclusões, o que as faz muitas vezes pioneiras: essas pessoas artistas são as primeiras de suas famílias a alcançarem espaços de poder simbólico, como as universidades, museus, editoras e festas literárias.

Há aí um ponto crucial que difere essas memórias de si da autoficção de Annie Ernaux e Edouard Louis, dois autores franceses que vieram ao Brasil recentemente, ambos como convidados da Flip, se tornaram verdadeiros sucessos editoriais e parecem ser lidos como bastiões da autoficção contemporânea. Como li em um ótimo ensaio da Juliana Cunha, esses autores franceses são trânsfugas de classe, ou seja, são pessoas que em seus projetos literários narram a ascensão social como uma fuga, na qual é preciso apagar totalmente seu vínculo familiar de origem pobre<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Citação direta de Juliana Cunha, no ensaio *Problemas de leitura\**: “O que caracteriza esses autores é sua condição de trânsfugas de classe: indivíduos cuja saída da pobreza foi condicionada a uma traição das próprias origens e à reinvenção radical da própria identidade, apagando deliberadamente todos os traços que pudessem ligá-los aos seus mundos de origem. Seus narradores não apenas mudam de classe social, mas são obrigados a negar sua cultura anterior para serem aceitos em seus novos círculos”.

\*Este ensaio foi originalmente publicado na newsletter *Trajeto de escrita*, em setembro de 2025.

Já esse grupo de artistas em dissidência no Brasil realiza um gesto mais delicado, uma vez que, quando ascendem socialmente, não tentam apagar os traços de suas origens – pelo contrário, usam seus trabalhos artísticos para compor um arquivo de tais memórias. Em outras palavras, há uma tentativa de, por meio da ascensão social – que nem sempre (na verdade, quase nunca) significa estabilidade financeira –, tornar visíveis e dignas de memória experiências que foram historicamente silenciadas, apagadas e diminuídas no contexto brasileiro: memórias negras, indígenas, LGBTQs, entre tantas outras.

É por isso que acho importante não esquecer como o contexto francês de ascensão social de Ernaux e Louis é profundamente distinto das experiências próprias de um país que sofreu um processo de colonização e de escravidão; se filiar a essas escritas de forma ingênua é virar as costas para a experiência brasileira. É claro que as obras de tais escritores podem nos influenciar, porém o que vamos produzir, como pessoas artistas brasileiras, trará elementos próprios e significativamente distantes das paisagens europeias.

Acho um pouco perigoso como duas únicas autorias francesas parecem ter se tornado o parâmetro crítico para ler as escritas de si na contemporaneidade brasileira. Essa escolha é própria a uma crítica obediente ao que o mercado editorial aponta como cânone, o que, por sua vez, leva à completa ignorância do que realmente acontece fora desses centros.

Na minha tese, defendo como as escritas de si de pessoas em dissidência vêm criando gestos de arquivos. E é através de um exercício de imaginação, de fabulação – para usar um termo de Saidiya Hartman –, que esses arquivos guardam memórias perdidas e reparam, em uma delicada operação, as distâncias pro-

duzidas pelos esforços intergeracionais em busca da ascensão social. As pessoas arcontes desses arquivos fabulados são netes e filhas que, ao chegarem como verdadeiros estrangeiros de dentro – um conceito de Patricia Hill Collins – nos espaços hegemônicos de produção de cultura e conhecimento, trazem consigo as histórias e os saberes de suas mães e avós, que até então eram subjugadas às margens.

Por exemplo, quando o poeta Floresta<sup>2</sup> incorpora, pela escrita, Dona Rosa, sua avó que não aprendeu a escrever:

*eu sou a minha vó  
mesmo aqui escrevendo  
que ela em grande parte da vida  
não sabia ler nem escrever como os outros  
embora fosse dada a outras leituras*

Ou quando Heleine Fernandes<sup>3</sup> define a sua escrita como herdeira não de um cânone literário, mas das literaturas feitas à mão por sua família:

*jardim é um município do cariri  
região metropolitana do ceará.  
é o canteiro de  
terra de onde brota  
a literatura de cimento do meu avô  
a literatura de letra insegura de minha  
[avó  
a literatura de minha mãe  
que não escreve:  
a literatura que herdei  
e continuo.*

Ou quando Leíner Hoki<sup>4</sup> pede para sua tia sapatona do Mato Grosso ficar viva:

<sup>2</sup> Floresta, em *Rio Pequeno* (Círculo de Poemas).

<sup>3</sup> Heleine Fernandes, em *Nascente* (Malê).

<sup>4</sup> Leíner Hoki, em *Tribades, safistas, sapatonas do mundo: uni-vos* (Urutau).

*se você for  
queimada tia  
na fogueira  
eu vou te amar mesmo assim*

Ou quando Tatiana Pequeno<sup>5</sup> desvia da Europa para se filiar poeticamente aos verões do subúrbio carioca onde sua mãe vendia muambas:

*o que minha mãe não sabe é que deve-se  
a minha poesia à muamba daquela  
[infância  
porque verdadeiramente era  
aquilo que passava por mim  
e que eu queria  
mas jamais poderia ser meu.*

Essas escritas, apesar de assumirem a primeira pessoa, são vozes de projetos políticos coletivos que, em última instância, têm o poder de transformar a própria forma como a literatura, a arte e a crítica são feitas no Brasil. Ao acessarem locais de poder simbólico e trazerem consigo as memórias e saberes de seus lugares de origem, essas pessoas artistas têm o potencial de abalar as estruturas desses espaços, mudando seus parâmetros, arquivos e formas de organização. Logo, não estão em fuga, são invasoras.

<sup>5</sup> Tatiana Pequeno, em *Onde estão as bombas* (Macondo Edições).



**escrita como cerco**



# ensaio sobre josefa

*mateus ruas*

Pode-se dizer que um ensaio tem um tema pré-definido antes mesmo de ser escrito, e para este caso está certo. Quero escrever sobre Josefa. Mas, quero tanto escrever sobre Josefa, que o tema se perde e me perco. É labiríntico querer escrever sobre uma obsessão. Talvez seja assim por eu ser desorganizado, mas Josefa não tem culpa disso – e, provavelmente, se soubesse que alguém, um jovem idiota, 340 anos depois da sua morte, pensa em escrever sobre ela, teria ignorado a situação por completo e ido rezar para a igreja perto de sua casa.

É sobre Josefa que quero escrever, mas há demasiadas coisas nessa coisa que quero escrever, e escrever sobre Josefa é escrever sobre Francisca Camelo é escrever sobre Hilda Hilst é escrever sobre Maria Teresa Horta é escrever sobre Bárbara Virgínia é escrever sobre escrever é escrever sobre mim também.

Há pouco tempo, mas depois de 340 anos da morte de Josefa, foi descoberto um novo fresco de sua autoria. Ponderei eu, quando li a notícia, cortada pela publicidade, que seria algo descoberto de uma coleção privada (forma de dizer que alguém anônimo ainda hoje vive à custa de riqueza acumulada por anos e anos de trabalho escravo). Não. Deixou-me espantar com a sua origem: Palácio Nacional de Mafra. Poder-se-ia suspeitar que estava abandonado. Palácio em ruínas. Com um fresco da pintora barroca numa área escura e insegura. Mas esse foi o local que serviu de inspiração para uma das maiores obras portuguesas, *Memorial do Convento*, de José Saramago, e local de filmagem do filme *La Reine Margot*, de Patrice

Chéreau, que filmou Isabelle Adjani correndo loucamente com o seu vestido branco manchado de vermelho, de sangue; é diariamente visitado por hordas de turistas; então não, não é um palácio em ruínas, como eu preferia pensar que fosse.

Mudando de assunto para depois poder voltar ao assunto: Francisca Camelo, poeta portuguesa, escreveu um poema chamado “hilda hilst é a autora mais vendida na flip 2018”, parte do seu livro *A Importância do Pequeno-Almoço* (2020), e que começa com os seguintes versos:

na literatura

a mulher precisa de morrer

Foram necessários 14 anos após a morte de Hilda Hilst para que se tornasse a autora mais vendida na Flip. Como devemos analisar essa informação? Por qual prisma? Devemos aceitar e agradecer que, pelo menos hoje, mulheres tenham destaque suficiente para que outros continuem a descobrir as suas pinturas após 340 anos da sua morte e para que elas se tornem *best-sellers* após 14?

Infelizmente, vivemos num mundo capitalista, pensemos no dinheiro. Josefa tem um quadro no Louvre, por doação. Antes de ser doado, foi comprado em leilão por 269 mil dólares, em 2015. Hoje é um de dois quadros por pintores portugueses no maior museu do mundo (na verdade não sei se é o maior, tanto em questão de espaço físico como de importância, mas não é o tema deste texto); o outro é do seu pai, que não interessa quanto custou. Mesmo após muito pesquisar, não consegui identi-

car quantos livros de Hilda Hilst foram vendidos na Flip 2018, mas podemos pressupor, imaginar, uma pequena quantia de 1 000 exemplares entre os diversos títulos (já que houve vários da autora no *top* 10 dos mais vendidos); se cada livro custasse na média de 60 reais, isso geraria um faturamento total de 60 mil reais. Voltemos à poeta Francisca Camelo, no mesmo poema, nuns versos mais abaixo:

na literatura  
a mulher precisa de morrer  
para fazer dinheiro

Vou pausar a citação aqui, para escrever estas palavras desnecessárias e pedir a mim e ao leitor que voltemos ao que Francisca escreveu e releiamos... regressando, então, e continuando a citação:

(para onde vai  
o dinheiro da poeta  
morta?).

Para onde vai?

Talvez me digam (e me refiro às vozes da minha cabeça) que falar de pintura e de literatura é como falar de água e óleo. Este texto não é sobre isso. É sobre a Josefa, mas, hoje, falar de Josefa, que no seu testamento, publicado pela primeira vez em 1986 (melhor evitar falar dos possíveis motivos de ter demorado tanto para que fosse publicado, já que a sua existência era conhecida), 302 anos após a sua morte, escreveu e descreveu-se como *mulher donzela emancipada*. Nessa época, ela era a única mulher donzela emancipada em Portugal, e todo o dinheiro que tinha, dividiu por quem a ajudou: seus amigos, sua igreja e, principalmente, suas sobrinhas, que não eram mulheres donzelas emancipadas e não podiam ganhar o próprio dinheiro, ter a própria casa e escolher como viver. Josefa quis protegê-las dessa insegurança.

Anos mais tarde, Maria Teresa Horta publicou o polêmico livro *Minha Senhora de Mim*. Digo polêmico por ter sido publicado durante a ditadura de Salazar.

Digo polêmico porque a espancaram na rua pelo livro e seus versos. Poderia citá-los aqui, mas mudaria de tema. Ela escreveu sobre ser mulher, sobre a sua sexualidade e erotismo, sobre o seu conforto com o seu próprio corpo, sobre ser senhora de si mesma. E escreveu e descreveu-se como *minha senhora de mim*, e apanhou por causa disso.

Quem conhece pintura sacra, principalmente barroca, sabe que uma das imagens fetiches são da Virgem Maria, com os seios para fora, em diversas poses, muitas delas com leite a escorrer, às vezes com padres a beber desse tal leite (*Lactação de São Bernardo*, de Josefa d'Óbidos). Mas, tanto quanto se sabe, Josefa nunca apanhou por ter feito essas representações da sexualidade e erotismo. Na verdade, era paga para isso. Seria a sexualidade e erotismo aceitos, desde que fosse para o consumo do homem? Do homem religioso? Se Maria Teresa Horta tivesse escrito um livro em que o erotismo focasse o prazer e o desejo do homem (do homem religioso), teria, ainda assim, apanhado na rua?

No entanto, o texto não é sobre isso e, por isso, podemos falar sobre o efeito descrito por Francisca Camelo. Maria Teresa Horta morreu em fevereiro de 2025. Ainda não houve tempo para saber se ela se tornou numa escritora *best-seller*. Acredito que sim. Antes de sua morte, não se via, não se ouvia e não se falava sobre a sua literatura e sobre os seus livros. Para poder comprar um livro da sua extensa bibliografia, caso não quisesse ler uma antologia, terias de recorrer a livros usados (havendo a chance de estar quase estragado pela umidade) ou a depósitos perdidos de bibliotecas das cidades grandes. Hoje, todas as livrarias têm diversos livros da autora, espalhados nas diversas seções em que escrevia:

na literatura  
a mulher precisa de morrer

Após a sua morte, ela estava nos livros em destaque. Quantos livros ainda edi-

tarão, como fizeram com Joan Didion, das cartas e rascunhos que nunca quis publicar? Quantos livros venderam desde fevereiro até hoje, em setembro? Quantos frescos e quadros ainda descobrirão de Josefa? Quantos nunca chegaremos a conhecer? Quanto lucro rendeu a poeta morta?

Falando em mulheres, temos o caso de Bárbara Virgínia, primeira realizadora portuguesa, primeira realizadora mulher portuguesa a ser exibida no primeiro ano do festival de cinema de Cannes (festival de cinema extremamente conceituado atualmente). Acredito que seja importante reforçar a ideia. Ela foi a primeira pessoa portuguesa a competir no festival, e não apenas a primeira mulher realizadora portuguesa a competir. O seu filme, *Três Dias sem Deus* (1946), diz-se que foi um sucesso. Não posso falar mais sobre o filme. Do filme, que tinha uma duração de 102 minutos, hoje restam apenas 26 minutos, em que não existe som. Conhecemos o seu início, não conhecemos o seu meio nem fim. Perdeu-se. O que sobra não sobra nem chega. Teria acontecido se quem tivesse realizado fosse homem? Ter-se-ia perdido uma obra assim?

Talvez, se aguardarmos 340 anos, conseguirão encontrar os 76 minutos perdidos e os 102 minutos de áudio que não existem. Talvez, em 14 anos, valorize-

mos as escritoras enquanto ainda estão vivas, celebrá-la-emos e dar-lhe-emos o dinheiro pelos seus livros para que elas possam usufruir desse pequeno luxo. Mas, Audre Lorde bem disse, *a poesia não é um luxo*. E temos de nos restringir a expandir o que ela disse. A arte não é um luxo, e para as mulheres, paga-se com a vida para que outros possam receber o seu reconhecimento (lucro). Quantas mulheres conseguimos lembrar que passaram ou passam por isso? Quantas artistas, em todas as suas vertentes da arte, fazem hoje as *masterpieces* do futuro? Estarei eu vivo para ver isso acontecer? Reformulando: estarão *elas* vivas para ver isso acontecer?

Poderia falar de outros nomes, mas de que adianta, isto é um texto sobre Josefa e a minha obsessão: o seu mais recente fresco (re)descoberto, e sobre como fiquei perplexo de ninguém tê-lo visto com olhar de ver e ter pensado, será que este fresco é de Josefa d'Óbidos? Foi necessário ver a assinatura para terem alguma ideia? Tenho tantas questões que não caberiam neste texto. Aliás, isto é um texto, e não a minha lista de dúvidas, também não é uma lista de mulheres roubadas que já morreram, mesmo que assim se tenha tornado:

só as que morrem  
são consagradas.



# bruxas exibicionistas e uma breve história da vagina escancarada

*isabella giordano*

Já faz muitos anos que, descendo o fluxo infinito de alguma *timeline*, dei de cara com a ilustração de uma artista chamada Caroline Jamhour. Era a imagem de uma mulher de olhos bem esbugalhados, cabelos esvoaçantes e sorrisinho de maluca. Suas pernas estavam encolhidas contra o corpo e os braços passavam por cima delas, cada mão segurando um dos lábios de uma enorme vagina escancarada. Do meio do órgão surgia um universo escuro com estrelas brancas. Na legenda estava escrito Sheela-na-Gig.

Prontamente associei à música de PJ Harvey, uma música de 1992 que eu ouvira em *looping* por vários meses, mas eu nunca havia entendido o significado de todas as suas palavras. Havia uma mensagem meio clara, pois a música falava de uma mulher acusada de ser exibicionista. Na letra, após tentar seduzir um homem com seus quadris, seus lábios e braços, ele virava para ela e gritava: “Sheela-na-gig, sua exibicionista!” Tem uma parte dessa música que eu gosto de forma particular, que é quando Harvey se utiliza de um intertexto de *Carrie, A Estranha*. O homem-personagem da música repete várias vezes, *please take those dirty pillows away from me*, aludindo a uma expressão de Margaret White para se referir aos seios de Carrie. Esse parentesco com a Carrie, coloca a Sheela de Harvey em um local da cultura com o qual já estamos bem familiarizados: o da fabulosa figura da mulher monstruosa dos filmes da década de 1980. O que dizer da mulher monstro? É essa figura feminina toda errada que sa-

bemos que está certa em estar errada e que tendemos a amar em todos os seus erros e, também, nos seus retornos vingativos. O corpo da mulher monstruosa é sempre um pouco mais do que um corpo, porque ele sempre parece ter algum nível de elasticidade radical, como os seios de *Elvira, a Rainha das Trevas* ou o pescoço de Madeline Ashton, de *A morte lhe cai bem*, ou até a chuva menstrual de Carrie.

Assim como Baubo ou a Górgona, Sheela-na-gig é uma mulher monstruosa ancestral. Sheela-na-gig é como são conhecidas antigas estatuetas de pedra encontradas em castelos, igrejas e cemitérios no norte da Europa – os cemitérios sempre ficavam em um terreno do lado ou atrás das igrejas, uma lembrança da ligação entre Deus e a morte. Alguns pesquisadores dizem que as *sheelas* são figuras apotropaicas, ou seja, servem para espantar o mal do lugar onde são instaladas. Seguindo a mesma lógica da carranca, aquilo que espanta o mal tem que ser muito mais feio que o próprio mal, tem que ser aterrador. Não demorou muito para alguém achar que pior do que o mal, só uma velha escancarando a vagina, como uma boa e obscena Senhora D.

Eu não sei se é minha ligação ancestral/artificial com as mulheres monstruosas, mas acho as *sheelas* absolutamente simpáticas. Elas são sempre muito malfeitas, sendo um pouco difícil discernir seus contornos, mas têm dois elementos que se repetem: os olhos esbugalhados e a vagina escancarada, gigante, quase do tamanho do próprio corpo. As minhas favoritas têm um sorrisinho no rosto,

uma coisa meio debochada. Por serem consideradas obscenas demais, muitas dessas imagens foram removidas e escondidas por párocos e frequentadores das igrejas. Algumas das que restaram ainda têm marcas de fogo, pois é claro que tentaram queimá-las. Nos escritos sobre elas, é comum encontrar a palavra “exibicionismo” e algumas teorias que as associam com bruxas. No meu universo particular, as *sheelas* são as primeiras bruxas exibicionistas de uma longa história de vaginas escancaradas.

A imagem da mulher de pernas abertas, escancarando a vagina, fica se repetindo na história como uma imagem dialética – sabe?, aquele conceito de Walter Benjamin?, em que ele diz “a imagem é aquilo em que o ocorrido encontra o agora num lampejo, formando uma constelação”. A Sheela-na-gig é algo assim: um lampejo, em que passado, presente e futuro se encontram, formando uma constelação de mulheres-monstras que a humanidade fica tentando apagar, mas que eventualmente reluzem como as estrelas brancas do desenho de Caroline. Uma constelação de vaginas, como uma exposição de Hannah Wilke.

A tentativa de esconder ou queimar as Sheelas-na-gig mostra que elas nem sempre foram um incômodo, mas que esse sentimento é situado em um momento da história. E, desde que esse incômodo se instaurou como um impulso de recalçamento, suas imagens têm gerado situações controversas, uma vez que, como todo conteúdo expulso para o inconsciente, as vaginas ainda pulsam como pequenos coraçõezinhos.

Após a Sheela, um outro exemplo significativo e muito clássico é o quadro *A origem do mundo*, de Coubert, que também tem uma história de aparecimentos e reclusões. Pintado em 1866, sob encomenda, o quadro mostra o torso de uma mulher em tamanho real, do seio à coxa, com as pernas abertas. Uma vagina é escancarada e seu pelo está cortado rente à pele. Esse quadro foi encontrado em 1889, pelo escritor Edmond de

Goncourt, em um antiquário, e depois foi comprado por um cientista chamado Emile Vial, e então por um nobre húngaro chamando François de Hatvany. Nesse momento da história, ele teria sido roubado pelos exércitos russos na Segunda Guerra Mundial, sendo recuperado após o conflito. Trazido de volta a Paris, foi comprado pelo psicanalista Jacques Lacan.

Gompertz conta que Coubert se deliciava com a reputação de artista grosseiro e atiçava o *establishment* questionando o que até então era concebido e produzido como arte. Gosto de pensá-lo como uma bruxa exibicionista, portanto. O quadro permaneceu destinado à apreciação privada por mais de cem anos e apenas em 1988 ele foi mostrado pela primeira vez em uma exposição pública. A gênese de *A origem do mundo* está em um contexto em que, frente a tecnologias como a da fotografia, a arte estava na encruzilhada de definir qual era sua função e no que ela se diferenciava de uma mera reprodução do real ou de um patrimônio de imagens. Indo por um caminho extremamente oposto aos impressionistas e simbolistas, Coubert foi o primeiro a captar que a singularidade da pintura era o seu processo de produção. Ele tinha noção de que o processo de produção artístico dava uma concretude e um peso à obra, ao ponto de fazer dela uma coisa real e não uma representação de algo, como a fotografia.

Na biografia de Lacan escrita por Elizabeth Roudinesco, a autora conta que a esposa dele, Sylvia Lacan, ficou tão chocada diante da visão dessa obra que pediu para seu cunhado, André Masson, confeccionar um segundo quadro para cobrir o de Coubert. O quadro de Masson é uma releitura menos explícita e mais abstrata de *A origem do mundo*: um fundo ocre com umas linhas de cor mais clara que reproduzem a silhueta da imagem original. Eu acho particularmente engraçado o fato de que o único momento em que um nome próprio feminino aparece na história

da vagina de Coubert seja para fazer os ares do puritanismo. Diferente da sua esposa, Lacan adorava surpreender suas visitas com o ato ritualístico de desvelar a vagina. Ele deslizava o painel e – afirmando que Coubert já era lacaniano – exclamava: “O falo está dentro do quadro!!!”.

Parece que o mundo demorou a se conformar à existência de *A origem do mundo*, mas que em algum momento conseguiu abraçá-la como “uma grande obra de arte”, passível de exposição. Após a morte de Lacan, ela foi doada ao museu d’Orsay e atualmente é a segunda obra mais visitada do local. Apesar de ser uma das obras de pior reputação na história da arte e de ainda causar polêmicas – como as das censuras que ocorreram no Facebook nos anos de 2011, 2012 e 2016 – ela atualmente tem seu *status* reconhecido pela crítica especializada de forma praticamente absoluta.

Se por um lado a vagina de Coubert foi abraçada por uma cultura intelectual, uma vagina que não foi aceita foi a de Deborah de Robertis. Em 2014 a artista foi detida por uma performance executada na frente do quadro de Coubert. De Robertis entrou com um vestido de lantejoulas douradas no museu d’Orsay ao som de “Ave Maria”, de Schubert, sentou-se na frente de *A origem do mundo*, abriu as pernas e exibiu sua própria vagina. Apesar de ser aplaudida por alguns frequentadores, ela sofreu uma censura institucional do museu, que exigiu que ela finalizasse a performance o quanto antes. Foi aberto um processo contra a artista, que foi acusada de atentado ao pudor e exibicionismo. O nome da sua obra é *O espelho da origem*.

Eu amo essa performance de De Robertis. Quer dizer, a vagina de Coubert foi concebida como uma ultrapassagem da representação por via da produção da realidade. A obra de De Robertis faz a mesma coisa, porém, vai um pouco mais além ao diluir a experiência no tempo e no espaço em uma

espécie de círculo mágico: a coisa toda acontece entre a artista, os espectadores e o espaço do museu. Posteriormente, ao lado dessa Santa Trindade, aparecem também a crítica e a história. O que quero dizer: a resposta do público e da instituição fazem parte do argumento em si, que, apesar de não ser impulsivo, é incontrolável. Tudo isso além de, é claro, fazer um comentário sobre qual vagina é aceita no espaço institucional do museu e qual não é.

Mas, ainda antes de De Robertis, outra bruxa exibicionista tinha feito a *sheela* nessa constelação benjaminiana. Era Valie Export, uma artista performática que serviu de influência para Deborah de Robertis, assim como para outras tantas outras. Em 1967, ela começou a desenvolver um conjunto de obras que exploravam as relações entre política, experiência e identidade feminina. Em 1968 ela propôs um cinema tátil com o *Touch Cinema*, em que caminhava pelas ruas com uma caixa de isopor no dorso. A caixa tinha uma abertura na frente, coberta por cortinas, e outra atrás, onde a artista encaixava os seus seios. Ela convidava os transeuntes a afastarem a cortina com suas próprias mãos e sentir seu conteúdo: seus seios nus. Na verdade, ninguém sabia o que acontecia dentro da caixa, apenas Valie e o convidado. Foi por essa performance que ela foi acusada de bruxa pela revista *Tab und Tast Cinema*:

“Não temos bruxas hoje em dia, vivemos em tempos modernos, mas se queremos bruxas, precisamos pegar Valie Export e queimá-la! Ela deixa as pessoas tocarem seus seios e diz: celuloide você pode queimar, mas Valie Export não.”

Gente?

No ano seguinte, Valie apresentou *Genital Panic*, em que ela caminhava no palco de um cinema vestindo um par de calças *jeans* cortadas na região da

virilha; a altura do palco permitia que sua vagina ficasse no nível dos olhos dos espectadores, que eram convidados a lidar com uma “mulher real” em vez de imagens em uma tela. Enquanto caminhava, dizia “o que você vê aqui é a realidade”. Em 1969, essa performance foi monumentalizada em uma fotografia que mostra Valie sentada de pernas abertas com sua calça cortada, uma jaqueta de couro e uma arma na mão. Seus cabelos estão completamente desgrenhados e volumosos, formando um semblante meio medúscico. Ela está sentada em um banco de madeira que parece quase ceder ao seu peso, e a parede atrás dela está com a tinta descascando. Pow! Pow! Um lampejo! Valie é muito *punk*.

Assim como várias outras artistas, Deborah de Robertis fez algumas releituras de *Genital Panic*. Uma delas se deu em 2017, quando se sentou na frente da Mona Lisa, de pernas abertas, com uma icônica calça que mostrava a vagina, enquanto gritava em um megafone: “Mona Lisa, my pussy, my copyright”. Após isso, ela ficou em uma cela por dois dias, até que um juiz ordenasse um julgamento.

Na neuroanatomia, existe um conceito chamado homúnculo, que é um mapa somatotópico onde as partes do corpo com mais funções e sensibilidade ocupam uma área maior do córtex cerebral. O resultado é um desenho tipo o *Abaporu*, de Tarsila do Amaral. Se houvesse um homúnculo de Valie Export, com toda certeza ele teria o formato da Sheela-na-gig. Quer dizer, me parece muito impressionante como determinadas artistas conseguem tematizar e expor seus sexos e, ao mesmo tempo, desarticulá-lo dos significantes sexuais. A vagina escancarada deixa de ser um objeto de desejo, de fetiche, de sexualização, para se transformar em algo completamente diferente: uma possibilidade de abstração e, ao mesmo tempo, de materialidade, radical e assustadora. O quão estranho é que, expondo suas

vaginas, essas mulheres atinjam o extremo oposto da eroticidade e, quiçá, da pornografia?

É o que eu acho, mas não é o que acha uma última heroína que eu gostaria de mencionar, Shannon Bell. Dentre as diferentes linhagens das bruxas exibicionistas, Bell está ao lado daquelas que uniram a vagina escancarada aos dispositivos médico-tecnológicos. A sua inspiração está na mesa do ginecologista e, por que não?, na pornografia. A partir das suas performances, ela explora tanto o *squirt* – isto é, a ejaculação feminina – quanto o *speculum*, um espelho redondo, preso a uma haste, utilizado em exames ginecológicos para observar a vagina por dentro. Em sessões de masturbação pública, Shannon filma o interior da sua vagina enquanto ela lança um *squirt* e demonstra, veja só, que Lacan tinha razão, que há um falo dentro do quadro (risos). Ela observa que, por dentro da vagina, perto da uretra, forma-se uma protuberância fálica e, com isso, conclui que toda mulher é inerentemente *queer*, essencialmente intersexo.

Didi-Huberman tem uma metáfora muito bonita sobre comunidades de vaga-lumes que vivem em arbustos, no meio do mato, e cujas existências tendem a ser obscurecidas pelas luzes das cidades. Ele diz que os vaga-lumes são como as minorias, formando comunidades, piscando como forma de resistir. Mas é curioso como as artistas-bruxas fazem algo diferente dos vaga-lumes, pois elas sempre operam pelos holofotes dos escândalos. Dizem que as fêmeas dos vaga-lumes não voam, mas ficam em estado de larva, se arrastando pelo chão e mimetizando uma luz hipnótica, que faz os machos descerem até lá, onde, depois de fazer sexo, são devorados. Didi-Huberman não comenta essa parte da história, talvez porque ela soe um pouco grotesca, mas me parece uma bela reviravolta. Quer dizer, as vaga-lumes performam uma verdadeira mimese estratégica para a captura de um

sexo meio canibal, uma espécie de vagina dentada. São como mulheres monstruosas, cujo corpo é sempre meio elástico, sempre meio outro, sempre meio inesperado. Ele não é necessariamente erótico, mas também pode ser. Como pertencentes à família das monstras, as bruxas exibicionistas se utilizam desse talento especial para expor suas vaginas dentadas, que mimetizam estrategicamente o desejo masculino, apenas para devorá-lo, regurgitá-lo ou parodiá-lo.

São atos, gestos e desejos que criam limites corpóreos que definem o que é marginal, ex-cêntrico, o que está no campo das aberrações e o que é incorporado por uma ordem hegemônica.

Provavelmente, nossas bruxas exibicionistas conseguiram causar confusões subversivas o bastante para questionar a verdade ficcional da mulher. Nesse sentido, há uma abertura para uma mulher que não existe apenas como configuração de gênero dentro de estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória. Essa é uma mulher que existe como devir, cuja referência é a processualidade. O escancaramento das vaginas é um convite à libertação do confinamento do visível, do que é passível de ser visto e do que desterritorializa com uma violência de fechar os olhos.



# o tempo é um bem misterioso

*igor lage*

Já estamos no mês de outubro e a bênção de um domingo ameno vai se tornando cada vez mais rara. O céu azul sem nuvens, monocromático, como se alguém tivesse estendido sobre ele um lençol recém-passado, ou clicado no interior de seus contornos distantes com o balde de tinta do Paintbrush, é um céu que anuncia a chegada do verão com a certeza de que todo dezembro, invariavelmente, o verão chega para os países do hemisfério sul. Ainda é outubro e o verão está a caminho, mas também já está no meio de nós. Como você passou o último domingo? O sol forte do lado de fora por vezes me parece um convite, outras vezes me parece uma ameaça. Ficar em casa ou lançar o corpo à rua é sempre uma escolha, e geralmente a resposta certa é a resposta escolhida, mas, no tempo transitório da dúvida, eu fico com a sensação de que os domingos já não são mais os mesmos.

Quando me mudei para Belo Horizonte, há pouco mais de duas décadas, os domingos eram mais curtos. Eu tinha 15 anos e estava vivendo pela primeira vez longe dos meus pais. Morava em um apartamento pequeno, mas não minúsculo, no centro da cidade, perto de tudo que me fosse necessário. Vivíamos eu, um primo e duas primas, que são irmãos e já moravam juntos antes da minha chegada. Todo final de semana, eu voltava para a casa dos meus pais – ainda minha também –, em Itabira, com uma mala de roupas sujas e o desejo de descansar um pouco da rotina intensa de aulas e das tentativas atrapalhadas de socialização na minha nova escola em uma nova cidade. Pegava o ônibus

intermunicipal na sexta à tarde para voltar à cidade onde nasci e me criei, a cidade onde eu via, com um sentimento meio curioso e já resignado, o tempo se cristalizar em uma fotografia mental só minha, que eu sempre haveria de sacar do álbum toda vez que a rodovia começasse a se transmutar no cenário urbano interiorano demarcado por trilhos de trem encardidos e luzes sombrias da atividade mineradora.

Os domingos eram mais curtos naquela época. Entre almoçar na casa de vó, dormir até mais tarde, jogar um *videogame* e arrumar a mala depressa para não perder o último ônibus, o domingo passava voando. Nunca dava tempo de fazer tudo, mas alguma vez já deu? Por que essa ideia de que voltar aos anos de adolescência poderia me ajudar a entender esse sentimento persistente de tempo perdido que me ocorre hoje? Mas fato é que o domingo acabava ali, na rodoviária. Assim que as luzes internas do ônibus se apagavam, eu também apagava e só acordava diante da claridade urbana das avenidas largas. Às vezes, com sorte, meu corpo moço me dava uma trégua e me permitia viajar acordado, admirando a imensidão infinita da noite nas serras enquanto descobria bandas de *ska punk* e discos do Bob Dylan no tocador *MP3* de pilha. Mas essas viagens de ônibus já não eram do domingo; eram um interlúdio entre o meu final de semana e o início concreto de uma nova semana.

O que há de diferente agora? Bem, eu já não estou no Ensino Médio, mas ainda vivo em Belo Horizonte. Meus primos se casaram, eu ouço menos Bob Dylan, não tenho contato com os colegas de escola

daqueles anos. Lavo as minhas próprias roupas, não vejo meus pais com tanta frequência e sinto o domingo passar de pressa de outro modo; apesar da sua característica morosidade – ou talvez por conta dela mesma –, um dia que se esvai como uma ampulheta insuficiente, uma ampulheta pequena demais para cada rodada do jogo. Por que essa sensação constante de estar perdendo tempo?



No último sábado, fui a um chá de fraldas, o segundo neste mês de outubro. Boa parte dos meus amigos e amigas de faculdade são agora papais e mães de primeira viagem. Bebês e barrigões ajudam a compor o cenário de nossos encontros, cada vez mais raros, mas ainda entusiasmados. Minhas amigas tão lindas com seus bebês no colo, e meus amigos orgulhosos, jovens pais e jovens mães em outro começo. Eu ainda não tenho filhos, nem sinto pressa de tê-los, só que às vezes me surge uma vontade de que essa hora chegue logo, pois talvez com ela venha também um futuro diferente do agora. Um futuro em que outras questões já estejam resolvidas e eu esteja conversando com meus amigos e amigas enquanto embalo o meu bebê no colo e bebo a minha cerveja sem pressa, esquecido dos problemas da vida – outros problemas, não estes de agora. Há algumas semanas, terminei um trabalho que me tomou vários meses e até me rendeu uma graninha boa; mas agora o contrato acabou e eu me encontro aqui, pensando nos filhos dos meus amigos, em qual vai ser a minha próxima fonte de renda e em como ainda somos todos nós muito jovens, apenas não tão jovens quanto na época em que nos conhecemos, vinte anos atrás (alguns casais estão juntos desde então!). E o que me atravessa o pensamento é uma palpitação afrontosa, petulante, desgraçada mesmo, e me desculpem por esse breve desabafo, uma inquietação que me leva a questionar minhas próprias escolhas e pensar se eu estou,

de alguma forma, adiando algo que eu quero que aconteça antes de seu tempo ou se tenho feito algo de muito errado ao longo desses últimos anos todos para não estar tão próximo de onde eu gostaria de estar. Mas onde eu gostaria de estar? Que lugar é esse? Que futuro é esse? E por que o “onde” viria antes do “quando”? Eu não posso querer outro passado, e o apito do trem é alto, rasga alguma coisa no ar em alta velocidade, enquanto as curvas de uma espiral começam a causar vertigem e, talvez, seja melhor não olhar nem para frente, nem para baixo.



Renato Russo tinha 26 anos quando gravou os versos “Todos os dias quando acordo / Não tenho mais o tempo que passou”. Essa constatação sóbria, acompanhada pelo *riff* de guitarra *pós-punk* da introdução, estabelece de partida o tom melancólico da canção. O que passou não volta mais: nada mais óbvio e nada mais duro de encarar. O leite derramado talvez valha o choro, se você o deseja muito. Mas *Tempo Perdido* não é exatamente uma canção sobre melancolia. Ela me parece mais uma canção melancólica sobre a juventude – e a juventude é, sem dúvidas, um dos grandes temas de Renato. Não é por acaso, então, que um ímpeto jovial puxa a música para cima nos versos seguintes, com a energia de um adolescente que não quer se reconhecer abatido: “Mas temos muito tempo / Temos todo o tempo do mundo”.

Acho bonito o modo como Renato Russo canta “Temos todo o tempo do mundo”. Estou longe de ser fã devoto da Legião Urbana, mas admiro a banda. Em suas melhores músicas, há um *páthos* explícito do qual é impossível desviar a atenção e que talvez incomode pela não delicadeza no modo como aparece. Quanto mais o tempo passa, mais me comove justamente a franqueza da própria entrega. É *rock* urbano, notur-

no e triste, um negócio totalmente The Smiths (essa autoconsciência da franqueza, pô, isso é Smiths todinho), é cafona e bonito pra caramba.

O tempo passa a todo instante, para nós todos. Estamos, portanto, perdendo tempo o tempo todo. O presente pode ser passado em uma fração de segundo – mas, ei, ainda há muito pela frente! Renato sempre gostou de ver poesia na juventude. Esperança, todo o tempo do mundo, uma vontade de viver. Ser jovem é acreditar nesse futuro imenso, em tudo o que está por vir; mas qualquer pessoa que já foi jovem de verdade sabe que o sentimento no peito pesado não se resume a isso. Talvez a beleza melancólica da juventude não seja tanto esse futuro gigante, mas a crença de que o tempo pode ser seu de alguma forma.



Para perder tempo, é preciso ter algum tempo. Não é uma afirmativa óbvia demais, é? Afinal, o que significa “ter” algo dessa coisa tão esquiva, majestosa, onipresente, estranha e viscosa que chamamos de “tempo”?

Talvez o incômodo do domingo seja justamente o nosso encontro semanal com a consciência da passagem do tempo. Nenhum outro dia da semana parece lento como o domingo. Sua vagarosidade é como um filtro: a partir do momento em que se instaura, toda a cena se resigna a um novo ritmo. Sociologicamente, deve haver uma explicação para isso, uma explicação que passe pelo fechamento do comércio, pela religião, pela legislação trabalhista, pela historicidade do hábito, pelo calor, por um tanto de outros fatores. Domingos são dias lentos, mas de onde vem esse sentimento de que eles não são mais suficientes? Será que uma criança também sente o dia escorrer lentamente, enquanto observa, hipnotizada, o esvaziamento de alguma coisa que enchia um recipiente sem bordas e, agora, vai se acabando aos poucos?

“O tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo”. Essa frase é do filósofo francês Paul Ricoeur e está presente no primeiro tomo de sua obra mais conhecida, *Tempo e Narrativa*. Eu acho fascinante a coragem dos filósofos de encarar temas tão grandes. De um lado, o tempo; de outro, a narrativa. Sobra alguma coisa? Talvez o humano, mas o que somos nós senão tempo e narrativa, a experiência embaralhada das duas coisas juntas? Não se preocupe, não vou me aventurar aqui a tentar esmiuçar o pensamento devoto, metódico e luminar de Ricoeur (me faltam habilidades demais para isso, além do tempo em si). Mas vamos arriscar caminhar um pouquinho com ele. Como a citação bem resume, sua tese propõe, em linhas gerais, que nós, humanos, criamos narrativas para tentar, entre outras coisas, dar conta dos modos como experienciamos o tempo. Faz sentido, não faz? Eu gosto dessa relação colocada entre tentativa e narrativa. Em certa medida, narrar é um dos recursos – para Ricoeur, o principal deles – que usamos para “ter” o tempo. Obviamente, “ter” não é o melhor dos verbos a ser empregado aqui; porém, pelo menos por ora, vai ter que servir. Porque o que eu quero aqui é chamar a atenção para essa dimensão “humana” do tempo, que não se dá de forma natural. É preciso que haja justamente uma intervenção nossa, uma ação, um intuito de criar um tipo de ordenamento – ainda que o resultado venha a ser desorientado ou desorientador. O tempo por si só não é da ordem do humano. Se não agirmos, ele nos escapa. O tempo nos contorna. Será por isso que buscamos a ilusão de tê-lo?

Talvez os muitos sistemas de medição do tempo sejam, no frigidar dos ovos, formas que a humanidade criou para tentar capturá-lo. Tentativas de dar contornos mais tácitos a essa massa amorfa, invisível e inescapável. A natureza dá as suas pistas com as movimentações cíclicas do céu. O Sol nasce e o Sol se põe,

a noite avança e depois recua. O que fazemos ao longo dos ciclos é responsabilidade nossa. Entretanto, nunca há tempo suficiente para tudo aquilo que desejamos. E se mudássemos a métrica? Impossível; então tentamos nos ajustar.

Decido buscar soluções no YouTube, a grande coletânea audiovisual moderna de manuais amadores de “como fazer”. Pergunto à barra de busca como otimizar o meu tempo, e ela me devolve um compilado de micropalestras (e alguns anúncios publicitários) com táticas valiosas sobre como “usar” melhor o tempo que “tenho”. O vídeo com maior número de visualizações é uma espécie de apresentação de PowerPoint bem didática sobre como as máquinas podem me ensinar a aproveitar melhor o meu tempo e, assim, realizar as minhas tarefas de forma mais eficiente. Antes das dicas, para minha surpresa, uma citação da escritora Annie Dillard, cujo livro mais famoso relata suas experiências no contato com a natureza exuberante e perigosa da região dos Montes Apalaches, no norte dos Estados Unidos. Esse livro se chama *Pilgrim at Tinker Creek*, mas a citação é de outro: “O modo como passamos os nossos dias é, obviamente, o modo como vivemos as nossas vidas”. A citação é do *The Writing Life*. Sim, um livro sobre escrita! Abrindo uma micropalestra sobre gestão eficiente do tempo! Não é irônico? Ou eu que deixei alguma coisa passar?



Eu ainda estava no Ensino Médio quando a Rede Globo lançou uma vinheta de fim de ano em que notáveis de seu elenco declamavam a letra da canção *Tempos Modernos*, do Lulu Santos. Minha mãe ficou completamente obcecada com isso. Atravessava os corredores da casa, exausta dos afazeres, anunciando em uma declamatória meio própria aquilo que a televisão lhe iluminava toda noite: “Hoje o tempo voa, amor / Escorre pelas mãos”. E às vezes comple-

tava, usurpando a ordem original do refrão: “E não há tempo que volte, amor”, e por aí ficava, estabelecendo uma longa reticências depois desse verso. Eu e minha irmã achávamos graça da situação. Aqueles versos tinham se entramado nos pensamentos de nossa mãe como quem arma uma cama de gato no espaço entre os dedos. A qualquer momento, a lembrança de que “hoje o tempo voa, amor”. Fazendo almoço, tomando banho, arrumando-se para o trabalho, voltando da caminhada, estudando para o curso de Direito que fazia à noite, a qualquer momento, lá estavam os versos resvalando pela casa: “Hoje o tempo voa, amor / Escorre pelas mãos”...

Hoje o tempo voa, de fato, e acredito que duas décadas atrás, naquele final de ano, ele também voava, assim como voava quarenta anos atrás, no início dos 1980, quando a música foi lançada e minha mãe era uma mulher jovem, com seus projetos, sua rotina, suas irritações; uma mulher que gostava de ouvir Lulu Santos, mas Legião Urbana nem tanto. O que será que o tempo levava junto quando escorria naquela época? Será que minha mãe se lembra do que lhe dava a sensação de tempo perdido? E vinte anos mais tarde, já em meados daqueles confusos anos 2000, quando ela decide mandar o filho mais velho para a capital, sabendo que ele provavelmente não voltaria a dormir todas as noites naquele quarto pensado para ele, e sabendo que a filha em breve seguiria o mesmo caminho, será que é do tempo em que ouviu Lulu cantar pela primeira vez “E não há tempo que volte, amor” que nossa mãe se lembrava? Por que o peso na voz, o princípio de suspiro ao recitar a passagem do tempo? Que tempo é esse que escorria das mãos de minha mãe ainda jovem, que ela sentia passar por entre os seus dedos sem saber como reagir?



Enquanto escrevo este texto, meu avô está internado no hospital para realizar um exame aparentemente simples na região do estômago. A suspeita é de que ele tenha um pequeno cálculo na vesícula que está impedindo a passagem da bile, causando dor e sintomas de icterícia. Meu avô tem 99 anos, completados há pouco mais de dois meses. Sua pele é flácida e seu corpo é magro, uma pele que parece querer se livrar de seu corpo magro; e, às vezes, a sensação que temos é de que meu avô quer mesmo sair logo desse corpo e dar por encerradas as suas responsabilidades neste mundo. Na minha família, ele é hoje o que possui mais tempo e o que possui menos tempo.



Como o espaço sideral, o fundo do mar é imenso e assustador. É também maravilhoso e repleto de segredos. Eu sinto o tempo como um imenso oceano que nos cerca por todos os lados, por cima, por baixo, até onde a vista alcança, e nós estamos ali, afundados no meio dele, afundados nessa água infinita que não podemos segurar, só sentir e tentar respirar ali mesmo, como um peixe ou uma alga. Mas o oceano é grande demais, e eu sou apenas uma baleia.



# **congresso latino-americano do medo**



# a mulher que se deu de comer aos gatos

*stéfani mendes*

Há anos que a fome insistia em lhe fazer companhia. Claro, nunca morreu de fome, mas não eram raras as situações em que só tinha um arroz com ovo para comer. Às vezes só arroz. Por muitas vezes era só isso que comia por longas semanas. Mas sempre conseguia dar seus pulos e, principalmente, nunca deixava faltar ração para seus 10 gatos. Eles que eram seus mais que companheiros, seus verdadeiros – e únicos – amores. Eles surgiram como uma benção; sempre os viu assim, afinal chegaram quando as coisas começaram a se ajeitar. Foi no mesmo mês que conseguiu o emprego no salão e pôde sair das ruas, conseguiu alugar uma casinha confortável e tinha a dispensa cheia. Estava voltando do trabalho tarde da noite quando ouviu um miadinho vindo do lote baldio que havia ali perto. Não resistiu. Era como um chamado. Entrou no mato e achou ali a coisinha mais linda da sua vida, uma gatinha pretinha, bem pretinha, molhada e assustada com grandes olhos amarelos. Ela não mordeu nem arranhou, deixou-se ser resgatada. Perséfone foi a primeira. Naquela semana ela pegou o dobro de clientes e trabalhou que nem uma condenada, agora tinha uma casa e uma boca para alimentar, duas na verdade, contanto consigo mesma.

Não tardou para que Perséfone crescesse, gatos crescem rápido, observava. E claro que naquela época não sabia da importância da castração e muito menos tinha dinheiro para tal, e como Perséfone estava na flor da idade, e era uma gatinha muito andarilha, logo apareceu prenha e pouco tempo depois deu

quatro filhotinhos de presente para sua tutora. Ficou desesperada. Cinco bocas para alimentar, seis se contar com a sua própria. Anunciou no Instagram e nós grupos de WhatsApp. Ninguém queria adotar gatinhos. Eram seus agora. Logo percebeu que eram dois machos e duas fêmeas, puta merda, tenho que dar um jeito de castrar eles, pelos menos as fêmeas, se não daqui a pouco não dou conta, pensava. Naquela época não havia hospital veterinário público na cidade, na verdade ainda não há, mas hoje prometem que haverá. Nos próximos dias ela teve que vender o corpo, algo que já não fazia há algum tempo, desde que arrumou o emprego no salão e alugou a sua casinha. Mas precisava castrar três gatas. Naquela semana chorou muito, mas seus gatinhos subiam pela barra da saia e mordiscavam seus dedos, e logo estava rindo. Valeu a pena, dizia a si mesma, enquanto se limpava do último cliente, amanhã consigo castrar as três duma só vez.

Enfim podia parar de se prostituir e focar somente o salão. Mas o que ela não esperava era que o dinheiro extra havia aberto um precedente, e até fazia falta de certa forma. Por maior que fosse o número de clientes que atendia no salão, não era tão rentável quanto os clientes que atendia nos bancos do carona, nos becos escuros ou nas construções abandonadas. Então, vez ou outra, quando voltava tarde do salão, parava sob a luz amarela de um poste e esperava ali por alguns minutos; logo um carro parava, abaixava o vidro e ela dava seu preço: duzentos reais, paizinho. Em uma hora é uma grana fácil.

Foi numa dessas que certa noite um desses homens que escondiam o rosto na penumbra lhe perguntou: por que você faz isso? Por que vende seu corpo? E num momento de sinceridade respondeu: para comprar ração para meus gatos. Mas essa segunda jornada tinha seu preço. A sensação de estar sempre suja; os perigos e violências da noite, o olho roxo causado por um cliente transfóbico e mal resolvido que depois que deu o cu, descontou sua raiva na mulher que lhe deu prazer; os olhares tortos que parecia sentir no ar. Você está emagrecendo, tá se alimentando bem?, perguntava a patroa na segunda de manhã. Tô sim, senhora. Não está usando droga não né? Não mesmo, senhora. Mas estava sim. Só com algumas carreiras de padê para aguentar aquelas noites em pé na rua fria. Eu te dei esse emprego para você mudar de vida, dizia a patroa diariamente.

Em casa seus gatos ficavam sentados olhando para ela, que tentava se distrair com a novela das nove. Por que vocês estão me julgando? Os gatos não respondiam. Mas Perséfone tinha parado de dormir no seu pé na cama. Diana e Vênus também a evitavam. Só Pã e Baco que ainda se deitavam com ela no sofá e pediam seus cafunés. Vocês me acham suja, é? Gritou um dia enquanto tentava fazer carinho em Vênus. Eu faço isso para que vocês tenham uma vida boa, tá?! Que louca, gritando com os gatos, devia ser algo da sua própria consciência, decidiu parar, de novo, com aquilo. Não precisava, era só uma renda extra, e podia fazer renda extra fazendo faxina na parte da manhã. Há outras formas de vender o corpo e conseguir dinheiro.

Certa madrugada saiu para um barzinho com uma amiga que lhe perguntou se no fundo ela na verdade gostava daquilo, de se vender na rua. Negou com veemência, ninguém gosta disso. Voltou para casa a pé, refletindo sobre aquilo. É impossível alguém gostar disso, não é? Quando então ouviu um miado. O corpo ficou em prontidão. Era como o miado

de Perséfone naquela noite há um ano, era como um chamado. Não estava muito longe dali. Apurou os ouvidos. Caminhou até perto de uma lixeira e ouviu novamente o miado, ou melhor, os miados. Ali estava uma caixa, no lixo mesmo, jogados fora, uma ninhada inteira. Cinco, cinco de uma só vez, assim, jogados fora. Cinco vidinhas, cinco anjinhos, cinco bençãos. Agradeceu ao universo. Não era que gostava de se vender, era sua missão na terra, precisava dar uma vida boa aos gatinhos que o universo lhe encarregava de cuidar. Achou que estava tudo resolvido, que logo iria ficar tudo bem. Era só conciliar direito os dias da rua com os horários do salão, para não dar problema. E parar com o pó, isso também era importante. Mas primeiro tinha que saber quantas fêmeas tinha naquela ninhada, a castração nunca sai barata. Por sorte eram só mais duas. Athenas e Hera. E três machinhos. Zeus, Poseidon e Ades. Seu panteão de gatos era sua alegria. Seus novos filhinhos davam a atenção que os mais velhos já não queriam lhe dar. Mas também demandavam muito mais de suas finanças. Alguns deles viviam doentinhos, e não foram poucas as vezes que ela os levou ao veterinário, e cada uma dessas idas era uma facada no orçamento escasso da travesti.

Logo precisou ir para a pista toda noite, bater não sabe quantas portas e mais e mais carreiras de pó para lhe manter acordada. Chegava no salão com as olheiras fundas, nariz ressecado e as mãos tremulas. Seu serviço ficou desleixado. As clientes começaram a reclamar: ela tem um bafo insuportável. Olha essa merda que ela fez na minha cara. Ela rebentou meu cabelo todinho. A patroa não podia deixar aquilo passar. Ou você para com isso que você está fazendo ou vou te demitir! Gritou certo dia. Mas ela sabia que não podia parar, caso contrário seus filhos iriam morrer de fome. São dez bocas para alimentar. Onze se contar com a sua própria. Você está acabada, dizia sua amiga, tá muito

magra, não tá comendo? Pouco, respondia. Não tinha muito o que comer, nem muita vontade, na verdade. Mas também não sobrava muito. Como não? Perguntou a amiga, você trabalha o dia todo naquele salão e toda noite você tá lá na pista. Era para você tá rica agora. Lógico que sua amiga não entendia. Sabe quanto custa uma Pedigree? Veterinário é caro, e esses dias eu castrei todos os machos. Já telexi minha casa, eles não fogem mais, e tenho ainda que gatificar melhor a casa, eles ficam subindo na geladeira, eu não gosto disso. Acho que vou instalar daquelas pontezinhas, sabe? Para eles ficarem correndo de um lado para o outro, acho uma gracinha esses vídeos no Instagram. Depois disso a amiga passou o resto da noite dizendo como ela deveria parar de gastar tanto com os gatos e cuidar de si mesma, mas ela estava pensando na casa cheia de pontes e casinhas suspensas para seus filhinhos ficarem correndo de uma para outra, felizes da vida. Mas logo seus sonhos foram por água abaixo.

Numa noite se trocou de roupa no salão mesmo, quando acabou o expediente. Onde vai assim? Perguntou a patroa, tá parecendo uma puta. Só tô indo tomar uma breja com umas amigas no barzinho, aproveitar que amanhã é feriado, né não? A patroa sorriu amarelo. Mas naquela noite, quando estava na esquina de sempre, um carro parou e abriu só meio vidro: duzentos reais, paizinho, disse pela janela. Mas quando a janela se abriu por completo ela viu o rosto familiar da patroa a encarando. Não disse nada, só fechou a janela e deu partida no carro. Naquele momento ela soube, acabou. Dito e feito. No dia seguinte só recebeu uma mensagem da patroa: amanhã passe no salão às 9, antes de abirmos, para pegar seu acerto. Ficou desesperada novamente. Como manter dez bocas, onze se contar com a sua? Logo precisou fazer cortes. O acerto não deu para muita coisa, mas comprou dois sacos de uma ração mais barata, pelo menos garantia dois meses

para os gatinhos até dar seus pulos. Eles demoraram se adaptar aquela ração, mas quando viram que não tinha outra opção, começaram a comer. O sonho de gatificar a casa ficou para um futuro distante. E agora descia para rua mais cedo, e ficava a noite toda lá, tentando fazer alguma grana.

Não era todo dia que aceitavam pagar os duzentos, e agora ela não podia mais escolher quais clientes aceitar, era sua única renda, de novo. E diferente da época na rua, agora tinha casa e filhos para manter. São dez bocas, onze se contar com a sua, lembrava-se diariamente. Estava pior do que antes. Agora não era só pó, também injetava na veia, tentando aliviar as dores no corpo e não se importar muito com as humilhações dos clientes. Logo o corpo começou a adoecer. Dormia o dia todo, acordava e ia para a esquina. Esquecia de limpar a areia dos gatos e as vezes até de tomar banho. Os clientes odiavam, xingavam e não pagavam – mas não deixavam de consumir. Já tinha abaixado seu preço, às vezes 100 e já chegou até a 50.

Em uma manhã chegou em casa e sentiu um cheiro forte, procurou pela casa, desviando dos gatos que miavam sem parar, até que encontrou Perséfone morta embaixo do armário da cozinha. Não sabe de fato o que foi, mas sua filhinha havia ido embora. Viu então os pratos de ração vazios. Saiu na noite anterior sem alimentar seus filhotes. Falhou na sua missão e por isso estava sendo punida, perdeu sua primogênita. Pelo menos agora eram nove bocas para alimentar, dez se contar com a sua.

Naquele dia chorou como nunca. Tentou comer alguma coisa, mas não tinha nada na geladeira. Teve que comer arroz puro, com um pouco de vinagre, como sua mãe fazia na infância pobre. Não sabia o que fazer com o corpo da gata, então o enrolou em uns lençóis velhos e jogou fora junto com o lixo da casa. Estava tremendo o tempo todo, e fraca demais para limpar a casa com capricho. Antes do fim da manhã caiu

na cama e dormiu até tarde da noite. Acordou no meio da madrugada com os gatos miando e mordiscando sua mão. Alimentou-os e limpou as caixas de areia. Comeu um pouco mais de arroz. Precisava mudar sua realidade. Estava afundando. Logo o aluguel ia vencer e não tinha como pagar. Ia ser despejada junto com os gatos.

Com a cabeça doendo, corpo fraco e estômago roncando, ela se arrumou e foi para rua trabalhar. Naquela noite não conseguiu nada. Ninguém a quis. Se sentiu horrível por isso. Mas suas amigas de pista lhe consolaram e deram algo novo para experimentar. Também era injetável, mas prometeram que era muito melhor. Naquela noite provou. E gostou muito. Nem se importou de voltar para casa sem fazer dinheiro. Conseguiu limpar a casa, cuidar dos gatos e ainda ficar tirando uma onda com tudo isso. Não se lembrava de que horas dormiu, mas acordou por volta das três da tarde. A casa estava ótima, em comparação ao que estava antes. Mas a porta estava aberta e nenhum gato estava em casa mais. Se desesperou e saiu pela rua chamando seus filhos. Quem via aquela cena de fora achava estranhíssimo: uma travesti vestida para noite, descabelada e com a maquiagem borrada, gritando nome de deuses gregos no meio da rua em plena tarde de uma quinta-feira. Não encontrou nenhum dos seus filhos naquela busca. Votou para casa arrasada, chorando muito. Não aguentou a dor e injetou mais daquela nova droga. A euforia tomou conta do seu corpo e saiu mais uma vez, agora à noite, a procura de seus gatos.

Gritava por todas as ruas, com luzes guiando seus instintos. Andou sabe-se lá por quantas horas. Entrou em ruas que nunca antes havia entrado. Sua visão era só luzes coloridas e barulho de cidade. Sua imaginação via gatos brilhantes dobrando as esquinas, e ela corria atrás, achava ser seus guias a levando até seus filhos perdidos. Alguns carros buzonavam para ela nas ruas vazias,

mas ela não dava atenção. Você viu um bando de gatos? Perguntava a pessoas aleatórias na rua. As poucas pessoas que ainda estavam nas ruas àquela hora se assustavam com ela e a evitavam. Sai pra lá, louca! Diziam. Ela seguia seu caminho, sem rumo. Escutou um miado e seguiu. Entrou em um beco sem saída, numa rua deserta. Vazio. Quando se virou para sair tinha um grupo de homens parados na entrada, olhando para ela. Tá perdida, mocinha? Diziam os homens. É mocinha? Vocês viram meus gatos? Perguntou. Acho que não é mulher não, em. Meus gatos, vocês viram? Você é o que em? Se não viram meus gatos, dão licença, preciso achar eles.

Queria ir perseguir seus gatos, mas quando tentou passar pelos homens de algum modo foi parar no chão. Demorou entender que estava sendo atacada, seu corpo não estava sentindo dor, e sua mente estava focada nos gatos brilhantes que lhe indicavam o caminho. Não conseguiu gritar, nem teve chance de fugir. Foi espancada, estuprada e assassinada ali mesmo, naquele beco escuro e deserto.

Seu corpo ficou estirado no chão com as roupas rasgadas depois que os assassinos fugiram. Era madrugada, a luz dos postes entrava pelo beco e iluminavam parte das pernas ensanguentadas. A luz da lua era que iluminava seus olhos ainda abertos e sem vida. Pequenas criaturinhas começaram a sair das sombras naquele beco e a farejar o ar. Os gatos se aproximaram do corpo. Miavam, como se chamassem uns aos outros. Cada vez mais gatos saíam das sombras e farejavam o corpo da travesti. Uma gata preta foi a primeira a dar uma lambida no sangue ainda quente. Logo todos os gatos estavam mordendo as mãos, pernas, seios e rosto da mulher. E além das marcas da violência, agora várias mordidinhas irregulares se espalhavam pelo seu corpo. No dia seguinte, a manchete era que uma travesti foi assassinada e serviu de banquete para os gatos de rua.

# o almoço

*tessi ferreira*

Era dia de folga. Acordou bem-humorada, tomou banho, beijou o namorado, tomaram café da manhã juntos e colocou uma roupa que não usava há algum tempo. Iam almoçar na casa da avó dele e Lúcia estava habituada com os compromissos sociais familiares. Colocou os sapatos, pegaram os objetos essenciais e chamaram o elevador. Descendo para o térreo, fitou bem atentamente o seu rosto no espelho e sentiu a pele levemente queimar.

Dentro do carro, Lúcia ouvia todos os ruídos que era possível ouvir, sentia o cheiro da fumaça do carro atrás. Havia um carro atrás? A estrada se anunciava à frente como uma pista de teste, eles eram um casal testando um novo modelo de carro, um novo modelo de pista, um novo modelo de risco. Sentia o vento que entrava pelas frestas da janela e chegou a cogitar a possibilidade de haver nessa corrente aparentemente agradável minúsculos cacos de vidro que agora penetravam sua pele sorrateiramente. Tudo parecia claro demais, luminoso demais, o mundo parecia arreganhado. Em cerca de quarenta minutos chegariam à casa da família, e Lúcia pensou que isso seria tempo suficiente para ficar sóbria, para queimar todo aquele combustível fervilhando em seu sistema nervoso. Depois de dez ou quinze minutos de estrada, uma batalha se estabeleceu. Lúcia estava em uma arena sendo rodeada por um animal raivoso e babão, e por cinco gladiadores armados com lâminas e dentes, muitos dentes.

Seus oponentes queriam sua jugular, mas também algo mais escorregadio,

sua lucidez. Lúcia começou a manifestar em seu corpo cada golpe que a atingia na batalha secreta e escondida, que só ela sentia, que ninguém mais poderia testemunhar. Uma pontada no peito, uma queimação no tórax, uma dor implacável nos ombros que irradiava por toda a região costal. O tempo de viagem diminuía e a casa da família estava cada vez mais próxima. Lúcia respirava fundo e sorria calada, ela e o namorado não conversaram o trajeto inteiro. Para ele, um silêncio terno e confortável. Para ela, o terror individual invadindo cada minúscula brecha do seu cérebro, da sua racionalidade. Sobre o que ela poderia falar naquele momento? Sobre a possibilidade do carro capotar? Sobre a possibilidade de seu coração parar? Sobre o sufocamento iminente? Sobre o animal rosnando ou sobre os gladiadores sem mãos?

Lúcia! Lúcia! Lúcia!

Lúcia é um penhasco.

Lúcia, não pule.

Tum tum. Tum tum. Tum tum. Seu coração é uma caixa barulhenta, Lúcia. Ele vai explodir? Ele vai explodir?

Seus olhos, Lúcia, eles vão derreter? Ou vão rolar para fora do carro e atingir a roda de um caminhão de carga?

A batalha estava emocionante. Lúcia estava apanhando, mas, de certa forma, também estava desferindo golpes violentos, mas sutis. Bater nesse caso significava domar os pensamentos nocivos, domar a dor no peito, deixar a mão em carne viva de tanto segurar as rédeas. Falar ou não falar? Se perguntava a cada



Dói. Doía. O dia, a corrente elétrica, o vislumbre de outros planetas, a sola dos pés, a cera no ouvido, as vozes ao redor se misturando como gases na atmosfera, o passado, a esperança alucinada pelo futuro, o monstro à espreita debaixo da cama, dentro do prato, boiando no copo d'água. Os gladiadores, a arena quase vazia, a poeira da arena ainda pairando no ar depois do animal raivoso se cansar de tanto correr, salivar e rosnar. A sombra do medo como um bafo gelado de um frio que em alguns instantes era muito, muito intenso. O medo também se cansa. A exaustão vence qualquer batalha!

Havia um bebê na casa da família, ele já dá seus primeiros passos. O bebê saiu caminhando, cambaleando até a sala, o cômodo vazio ao lado da sala de jantar que estava cheia. Lúcia se levantou e foi atrás. Os órgãos não balançaram como antes, mas pareciam um tanto rígidos. Caminhar até a sala foi quase uma experiência de se certificar se ainda sabia caminhar. Um passo depois do outro e

cada passo uma surpresa. O bebê olhava para os objetos e Lúcia se perguntava o que ele estava pensando. Como os bebês pensam? Como os bebês sabem que estão pensando? Suas pequenas mãozinhas tocavam as superfícies e até mesmo os objetos mais empoeirados.

Lúcia, está vendo?

Lúcia, está ouvindo?

Lúcia, cadê suas mãos?

Lúcia, no fundo da sala há uma mala escondida, lá dentro estão guardados gladiadores, animais, pesadelos e assobios.

Quando Lúcia se deu conta, o bebê estava tentando abrir a mala. Ela não percebeu de onde ele havia tirado, em um movimento súbito ela tomou o objeto, o bebê chorou e o som das lágrimas caindo fizeram Lúcia se esquecer do som dos dentes rangendo há algumas horas ameaçando mordê-la e rasgá-la inteira. Ela abraçou o bebê. Abraçou o bebê. O peso de seu pequeno corpinho era perfeitamente suportável.



# fim de história

*maribel vazquez*

Minhas primeiras lembranças são fugir do abraço de minha mãe e me esconder do seu campo de visão. Nunca desejei ser tocada, nem sequer por seu olhar. A mínima possibilidade de sentir o calor de sua pele ou o hálito do seu beijo me aterrorizava. Ela, em troca, insistia em abrir seus braços, me trazia guloseimas da rua e comprava meus quadrinhos preferidos. Devolvia o desprezo com olhares molhados e submissos. Não tolero miradas pedintes. Dessas que rastejam em nossa direção, carentes de dignidade. Desconheço o que seja amor filial ou arrependimento. O que me habita é o incômodo.

Ser alvo de críticas por parte de todos ao meu redor não me perturbava.

*Não seja grosseira com sua mãe; ela te ama. Você é uma menina mimada; merece uns tapas na bunda. Deus vai lhe castigar por sua ingratidão.*

Minha mãe silenciava. Outras vezes pedia para que não me criticassem, justificando minha existência anômala.

*A menina tem algum trauma, precisa de cuidados. Toda filha ama a mãe. Eu sei.*

A capacidade humana de não perceber o óbvio me assombra. Essa mulher é incapaz de enxergar o que salta aos olhos, o incontornável. Mães podem ser seres muito parvos.

Tinha cerca de cinco ou seis anos quando observei, incrédula, os colegas da pré-escola chegarem sorridentes e de mãos dadas com suas mães. Me lembravam cachorrinhos abanando seus rabos, à espera de afagos. A visão me causou enjoo. Eu atravessava o portão de ferro,

agarrada à mochila, sem intenção de segurar qualquer mão, muito menos a que suplicava minha atenção. Se oferecesse a minha, a outra, maior e mais forte, me laçaria e esmagaria minha recém-conquistada autonomia. Nunca pude vacilar.

A mulher, que me entregava diariamente aos cuidados da escola, conversava com as professoras, cochichando para que eu não escutasse. Mas é óbvio que eu sabia que o assunto era comigo. Foi por essa época que comecei a suspeitar de que eu era filha de outra mãe. Fui roubada da minha mãe biológica. Uma mulher que deve estar chorando, angustiada, à minha procura.

Minha suspeita surgiu um dia, ao ouvir a mulher que se dizia minha mãe comentar a novela com a vizinha. Ela tinha esse hábito de passar suas noites assistindo telenovelas.

*Não, ela não é filha legítima. Foi roubada no berçário da maternidade por uma mulher vestida de enfermeira.*

Minha identificação com a trama foi instantânea. Visualizei o que havia acontecido comigo, na tela. Naquele momento, tudo fez sentido.

A partir dessa descoberta, minha repulsa pela mãe falsificada aumentou. Como me aproximar de uma ladra, sequestradora, impostora?

Conforme fui crescendo, aprendi que, ao exibir meus sentimentos, recebia em troca somente julgamentos negativos e acusações.

*Essa menina é uma diaba, insensível e má.*

Não ouvia nenhuma pergunta sobre como me sentia ou sobre as razões da minha aversão.

Minha infância foi marcada por diversas tentativas de fuga. Ela sempre me encontrava, me perdoava e continuava a me amar. Era o que dizia. Eu só desejava respirar em liberdade, longe do seu afeto pegajoso.

Me perdia, de propósito, na feira livre, entre uma multidão de pernas circulando, barracas de verduras e do peixeiro gritando que moça bonita não paga. Escapava do seu radar, corria para longe, pegava qualquer mão disponível e recebia um olhar surpreso da mulher desconhecida ao me ouvir dizer “Mãe!”. Fiz isso repetidas vezes, mas sempre a “outra” me achava e corria com olhos chorosos em minha direção.

*Filha, onde você estava?*

Fui logo obrigada a frequentar consultas médicas e fazer terapia. Passei uma boa parte da minha infância e adolescência engolindo comprimidos coloridos e desenhando mulheres degoladas. A psicóloga deduzia que eu desenhava minha mãe. Ingênua, mal sabia que ela era quem eu retratava nos desenhos. Não suporto interpretações, imposições ou olhares condescendentes. A psicóloga que me atende aqui é mais esperta.

Meu pai não perguntava nada. Nunca. Sua preocupação eram as despesas financeiras. Ele não escondia seu descontentamento, reclamando da quantidade de dinheiro gasta comigo em consultas, medicamentos e terapias.

*Se tivesse poupado todo esse dinheiro já teria comprado um carro zero.*

Agradeço ao meu pai por ter me fornecido a senha para a minha libertação:

aprendi a mentir. Dissimulava minhas expressões enquanto meu ódio fermentava e crescia em silêncio.

Minha mãe, a falsa, e a psicóloga não queriam que eu parasse com os comprimidos nem com as sessões, mas era o pai quem decidia.

*Ela está ótima, mais calma, não é mais malcriada com a mãe.*

Não me lembro da noite em que cheguei aqui. Daquela vez, os meus planos não funcionaram. Ela me visita toda semana. Vem com maçãs vermelhas, um pastel de carne, outro de queijo, um refrigerante de dois litros. Eu recolho tudo sem olhar para ela, mas sinto seu olhar escorrendo pelo meu corpo. Sento-me na outra mesa com a mãe da minha vizinha de quarto. Não é uma cela. No começo, elas sugeriram que eu voltasse para o lado daquela mulher. Desistiram. Gritei o mais alto que pude até ser levada de volta ao dormitório.

Ouvi as duas conversando: a que me roubou e a mãe da minha colega.

*Deve ser coisa de espírito, encosto ou um trabalho maligno feito no nascimento.*

A mãe que me guardou nove meses dentro dela, a legítima, vem conversar comigo, todas as noites. Ela não falha. Nunca falhou. Chega silenciosamente e ninguém percebe sua presença. É tão esperta quanto eu. Ou sou eu quem puxou a ela. Ela diz para não me preocupar, pois o fim desta história está mais perto do que se pode imaginar. Ela me ajuda a planejar e garante que, desta vez, vai dar certo.

Impossível conviver com as duas. Uma terá que desaparecer.

# taturana

*ana favorin*

Vai ficar gostoso no meio do pão. Ela ergueu a panela e mostrou o doce de abóbora laranjinha. Cheiro de açúcar grudando no fundo.

Contando agora não consigo lembrar bem do rosto dela. Memória esburacada. Eu começo nos pés, dedos encavalados de reumatismo dentro dos sapatinhos tipo alpargatas da Moleca, os únicos confortáveis o suficiente. Depois, as canelas, pele fina quase sempre com um roxo ou machucadinho. Mais pra cima a barra de renda do seu vestidinho rosado, quase creme, com enormes bolsos retangulares, onde ela guardava o lenço, o terço e o dinheiro enroladinho que distribuía para os netos. Os botões do vestido sempre revestidos de tecido da mesma cor, botões grandes. Ela comprava o tecido e mandava fazer. Na frente do vestido, as mãos finalmente erguendo a panela assim, com o doce de abóbora quentinho. Nós nas juntas dos dedos a cada dia mais grossos e os anéis de sempre, aquele de prata bem fininho com 3 corações em cima.

Daí pra cima é mais difícil. Lembro do prateado do cabelo liso e grosso, mas o rosto... parece mais que minha cabeça

completou a imagem com a memória de uma foto em vez do olhar dela. Sei que era doce, mas firme. Mesmo assim não tenho certeza da imagem.

Ela sempre teve medo de taturana, bigato, mandruvá... Minha mãe também. Eu menos, porque se tivesse muito medo não subia no pé de goiaba. E eu gostava, mesmo sabendo do risco de me queimar numa dessas bichas verdonas e fluorescentes, quase amarelas, que queimam de dar febre.

Depois de subir e descer ilesa, eu podia ir na venda com meu tio pra jogar no bicho. Sempre que eu ia, ele ganhava. Eu dava sorte. Dividia o dinheiro comigo, com certeza não era em partes iguais, mas tudo bem porque eu gastava tudo em pirulito e bala de Coca-Cola. Às vezes um geladinho.

Meu tio, o caçula da vó. Se ele fosse um bicho, seria verde fluorescente quase amarelo.

A natureza sabe das coisas. O que é tão bonito e colorido, às vezes é mais venenoso. Dele eu lembro bem.



# **dois dedos de prosa**



# cães de aluguel

*amanda guimarães*

E daí que passei na frente dos meus guias? Dei àquelas pessoas o que elas queriam. Você acha que alguém vem me procurar esperando uma negativa? Claro que não, Ricardo. Um coitado que aparece no terreiro dizendo que foi demandado quer que eu confirme as suas suspeitas. Ele quer devolver na mesma moeda, mas precisa de uma desculpa, porque gosta de se ver como uma boa pessoa. O Seu Tranca Rua não vai mentir para um desesperado. Então, eu peço licença e digo o que tem que ser dito. Cai nessa história de incorporação inconsciente quem quer. Eu preciso estar ali. Só que a minha ausência hipotética transmite confiança, e por isso falo que não me lembro de nada. O que posso dizer? Todo dia saem de casa um malandro e um otário.

Sabe, Ricardo, a melhor coisa que fiz foi arrancar a sua língua. Só essa sua cara de panaca já me enche o saco. Como se você não tivesse desenvolvimento o suficiente para saber que eu estava marmotando. Pensa bem: por que nada dava certo para a Bianca? Quantas vezes eu fiz trabalhos para ela? Nenhum deles tinha fundamento. Foi divertido convencê-la que uma casa de cartolina com velas acesas ao redor faria com que ela conseguisse se mudar. Também gostei de vê-la acreditando que os seus relacionamentos não davam certo por questões cármicas. Facilitou a sabotagem. Depois disso, só precisei dar meia dúzia de conselhos tortos em momentos de vulnerabilidade. Pena que não consegui dizer que tinha sentimentos por ela antes de tudo ir para a casa do caralho.

De novo essa cara de pobre diabo. Você sabia. Por isso vivia pelos cantos resmungando que ela era minha amante. Bem que eu queria, mas sou covarde. Morro de medo de mulher. Perto de gente da sua laia é fácil parecer ótima. Você faz muito pela minha construção de imagem, Ricardo. Depois de dez anos posando de vítima de um sujeito manipulador, todo mundo me acha uma guerreirinha. Eu gosto de estar nesse lugar porque me faz parecer uma santa que não desiste fácil dos outros. Ajuda o meu trabalho. A fila da assistência não para de crescer e as consultas de tarô se marcam sozinhas. Sabe por quê? Porque qualquer outra teria largado há tempos um fodido cheio de transtornos de personalidade. Mas eu insisto pela minha fé inabalável na capacidade de mudança do ser humano. Já me falaram que essa é a minha maior qualidade, sabia?

Ah, não me diz que você vai chorar. O que você chama de amor é só um sintoma e nós dois sabemos disso. Por isso aproveitamos os períodos de lua de mel com tanta intensidade. É ótimo para renovar as fotos do Instagram e os *tweets* mela-cueca. E o meu guarda-roupas também, já que você fica generoso nos episódios maníacos. Isso quando você está empregado, Ricardo. Porque ainda tem esse detalhe. Se fossem só os transtornos, eu poderia pensar em te poupar. Não é uma escolha e blábláblá. Mas você sempre foi incapaz de manter um emprego por mais de três meses. Ainda estou remoendo aquela palhaçada que você aprontou da última vez. *“Pelo menos eu falo inglês”*. O cara

te ofendeu na frente da equipe. O constrangimento seria o suficiente para que você saísse por cima. Mas não, Ricardo, o seu ego machucadinho é sempre mais importante. Ao invés de levar a gravação para a diretoria, você preferiu debochar do fato de que ele pediu ao Google para traduzir “incompetente”. Além de tudo é burro.

Por isso eu prefiro a Bianca. Tão linda, tão esperta. Não sei como ela descobriu. Fiz tudo com cuidado. Ela tinha tanta confiança no Seu Tranca Rua. Conversava por horas com ele. Só consigo pensar que a Sofia abriu os olhos dela. Sempre soube que essa menina seria um problema. Ela não retribuía quando eu a chamava de amiga. Respondia com Dalila. Não fazia ideia que ouvir alguém dizendo o meu nome podia me despertar esse nível de ódio. Cobri essa garota de elogios, nunca deixei ela pagar uma consulta e sempre fui Dalila. Me empenhei de verdade na conquista. Usei todo o meu carisma para derrubar as defesas da Sofia. O máximo que consegui foi fazer com que ela ficasse calada por alguns meses, mas isso foi mais porque ela prefere não se meter nos assuntos da Bianca. Quando ela notou que a irmã ia surtar com aquela história de ser sugada por uma legião de mortos, abriu a boca. A diaba é convincente. Mais do que isso, ela é inteligente e sabe tomar distância das situações.

Tudo teria sido diferente se eu tivesse conseguido destruí-la lá atrás, quando ela não estava em condições de reagir. Achei que fazer Bianca acreditar que a Sofia estava empacando a sua vida por falta de fé seria o suficiente. Subestimei a ligação entre elas. Agora estamos aqui, no fim da linha. Ainda não decidi o que vem a seguir. Sei que não vamos deixar esse cômodo vivos, mas ainda não sei como fazer. Queria um desfecho dramático, que deixasse algumas pontas soltas. Gostaria de ter um mistério como

legado. Os meus seguidores, filhos de santo e amigos passariam anos especulando sobre a ordem dos acontecimentos, certos de que eu não machucaria uma mosca. Ninguém estranharia se a Bianca tivesse enlouquecido e matado nós dois. Não com toda a bagagem espiritual que inventei para ela e fiz questão de espalhar por aí. Mas essa história não vai colar porque ela e Sofia morreram há dias e nós ainda temos algum tempo pela frente.

Isso não termina hoje, Ricardo. Ainda tenho algumas coisas para resolver. E, cá entre nós, ninguém vai te procurar antes do mês que vem. Você não tem amigos e a sua família é uma merda. Só existem duas pessoas que iam querer saber do seu paradeiro: Glenda e Carina. Mas cuidei de ambas, viu? Deixei a pensão das crianças paga e enviei dinheiro a mais. Vendi aquelas suas bugigangas de músico fracassado para cobrir o valor. Adorei fazer isso. Não só porque o dinheiro me comprou tempo o bastante para descontar toda a raiva acumulada, mas porque foi reconfortante saber que nunca mais vou te ouvir tocando U2. Eu te fiz um favor. Assim você para de passar vergonha tentando ser o Jota. Até a sua mãe notou que não era só admiração.

A gente vai morrer, cara. Somos duas bombas-relógio. Não precisa esconder que você quer dar para o meu ex-marido. Todos os meus amigos, da Ludi ao Cristiano, questionaram a sua sexualidade depois de te ver comentando o vídeo dele participando do *show* do Blind Pigs. O Jota canta bem, tem presença, mas só você ficou de pau duro falando sobre o assunto. Se eu te ensinar Código Morse você me diz a verdade? Três sinais curtos, dois sinais longos e mais três sinais curtos significa sim. Acredito que já te dei toda a informação que você precisa para responder à pergunta “o Ricardo morre de tesão no Jota?”.

Está nervosinho? Me erra. Melhora essa cara ou apago meu cigarro na bochecha que ainda não usei de cinzeiro. Dessa vez vou fazer isso ao som de Rock the Casbah. Quero adicionar uma camada extra de diversão. De verdade, eu não me importo. Consigo reconhecer as qualidades do meu ex, mas acho que ele não ia querer nada com você. Sabe que hoje em dia eu lamento ter terminado um bom casamento a troco de nada? Não sei onde estava com a cabeça, provavelmente no meio das pernas. Era entediante dormir e acordar ao lado da mesma pessoa. E aí quando o Mauro apareceu, achei que seria uma boa ficar com ele. Pode ser surpreendente para você descobrir que não terminei pelo temperamento do Jota. Até porque ele sabe direcionar a agressividade e nunca faria nada comigo. Eu dou essa desculpa porque é melhor do que dizer que eu larguei um bom homem para ficar com um sujeito que tinha vergonha de sair na rua comigo. Você deve bastante ao Mauro, Ricardo. Se não fosse ele, eu não teria ficado tão impressionada com a sua vontade de me exibir. Foi ótimo ser um troféu uma vez na vida. E aí eu fui ficando e fui ficando apesar de te achar um merdinha. Só saí com você porque queria que o Mauro visse que eu não estava nem aí para o fato de que ele me trocou por uma menina 15 anos mais nova e vários quilos mais magra. Por favor, não me diga que você acreditava que era pelas suas numerosas qualidades.

Ah, meu filho, vamos colocar a mão na consciência. Você não tem nada para oferecer. Nada. Nem uma rola boa. Nunca vou me esquecer da Dona Dama da Noite te chamando de borracha fraca. Juro que dessa vez não fui eu passando na frente. Depois sim, quando ela entrou em detalhes sobre como você era insuficiente para mim. Que delícia te humilhar na frente do terreiro inteiro e em dia de festa. Ainda mais naquela época, que você estava desempregado há seis meses e enfiado na minha casa,

bebendo o dia inteiro e mastigando aquele salgadinho fedorento. Fora isso, se você estava acordado era pra se entupir de alprazolam. Esse teatrinho de suicida ficou velho rapidinho, sabia? Você é narcisista demais para realmente querer tirar a própria vida. Mas toda vez que eu reclamava de uma cueca freada em cima da cama ou do mijo na tampa do vaso, você enchia o cu de remédio como se isso fosse fazer minhas queixas desaparecerem.

Teria sido melhor se os bombeiros não tivessem te tirado da linha do trem daquela vez. Você teria acabado como merece. Um pastel de vísceras na linha 9-Esmeralda. Consigo visualizar as manchetes: “Bêbado inútil cai nos trilhos e atrapalha a operação da CPTM”. Também fico imaginando a cara do trabalhador, às 19h, depois de um ônibus e uma caralhada de baldeações. Um trem inteiro cheio de gente querendo te comer na porrada. Era assim que você merecia acabar: como a coisa insignificante que separou um sujeito honesto da sua cama. Mas, infelizmente, você foi resgatado e me sobrou apenas a vergonha de ter que explicar para as pessoas como o meu marido foi parar na linha do trem.

Foi por isso que cortei a sua língua, Ricardo. Para você não me humilhar mais. Quer dizer, na verdade eu cortei porque não aguentava mais a gritaria inútil. Você mesmo instalou o isolamento acústico desse quarto, imbecil. E, fala a verdade, no minuto que você ameaçou contar para a Ludi a respeito da situação do carro, você sabia que não tinha mais volta. Eu não podia deixar você falar. Se esse fio fosse puxado, vários outros seriam. Minha imagem de mãe de santo dedicada iria para o inferno. Continuo pensando que o roubo foi bem feito e que ela precisava rever a sua relação com o dinheiro, mas nem por isso quero tornar minha opinião pública. Na verdade, nenhuma das minhas

opiniões pode ser pública. Pensa só: eu vivo massacrando metade das cartomantes que puxo o saco *online*, inclusive a Foquinha. Quem ia confiar em mim depois disso? Posso perder qualquer coisa, menos a credibilidade que construí, porque eu sei que o preço foi alto. Ou você acha que estou feliz por ter envenenado a Bianca? Para a Sofia eu nem ligo, dano colateral e que se foda. Aliás, foi até meio divertido vê-la agonizando e se esticando atrás do autoinjeter. Essa é outra que poderia ter se beneficiado de uma boca fechada, mas teve que entrar no meu caminho.

É, Ricardo, eu fiz tudo isso para proteger a minha imagem e nós vamos morrer para que ela continue intacta. No mundo de hoje parecer importa mais do que ser. Às vezes nem certeza da minha fé eu tenho, mas ela é útil porque atrai gente como o Cristiano, que é importante em outros círculos. Um acadêmico brilhante. Ou a Ludi, bem-sucedida e cheia de dinheiro. Até a palhaça da Foquinha, que conhece gente e me apresentou o Bruno. Você já viu os números desse cara nas redes sociais? Escapa da minha compreensão como um babaquinha que vive correndo atrás de menininhas pálidas de franja conquistou tanto público. Ah se soubessem que esse otário acredita que o seu caminho está travado porque ele fez um pacto com Lilith em outra vida. Lilith, Ricardo, Lilith. Um demoniozinho baixo clero. Me dá vontade de rir. Parece você, acreditando que tudo de ruim que te aconteceu foi por causa dos seus transtornos. Mas deixa eu te contar uma coisa: foi o seu caráter duvidoso mesmo. Essa habilidade de sugar todo o ar do ambiente só de abrir a boca. Essa mania insuportável de se vitimizar. Coisa mais irritante. É por isso que eu estou dedicando um bom tempo dos meus últimos dias de vida para te ensinar o que é ser uma vítima. Você está se saindo bem, Ricardo. Inclusive, que tal se eu colocar *Like a Virgin* para tocar e arrancar as

suas unhas enquanto desfilo de calcinha e salto alto? Você precisa admitir que sou criativa.

Cresci num circo, para dizer o mínimo. Tive que aprender a não ser engolida viva. Sem contar todas as vezes que precisei impedir um parente de fazer uma merda. No enterro do meu avô, Jennifer Patrícia queria enfiar o nome dos seus inimigos na boca do velho e costurar com linha preta. Coisa de defuntaria, não estou disposta a te explicar agora. Não podia deixar isso acontecer e coleí a boca do cadáver com Super Bonder. Pedi desculpa o tempo todo. Mas ali percebi que sou durona. Consigo fazer o que for preciso para atingir os meus objetivos. Confesso que aprendi com Jennifer. Ela sempre foi implacável. Quando ficou interessada em um cara com namorada, roubou terra de cemitério para conseguir provocar o acidente que matou a menina. Eles não foram felizes para sempre, óbvio, mas ela conseguiu dar para o sujeito. Um comprometimento que tento replicar em todas as tarefas que me proponho a executar. Então, Ricardo, você ainda pode esperar muita curtidão dos nossos últimos *dates*.

Mas não agora. Ultimamente é tão agradável estar com você que perdi a noção do tempo. Tenho um cliente para atender. Um *gay* chato que quer falar sobre relacionamentos. Já posso imaginar o nível das perguntas. Fazer o quê? Vou vestir a fantasia de pessoa afável e falar daquele jeito reconfortante que você sempre chamou de falso. Pelo menos isso você entendeu certo. Com alguns clientes eu realmente me importo, especialmente a *sugar baby* de Dubai. Mas com esses que precisam colocar o custo da consulta em uma planilha para saber se o orçamento vai fechar no fim do mês? Tenha dó. O que essa gente vai poder fazer por mim? Finjo que trato todo mundo igual porque é bom para os negócios. Acredita que semana passada até entreguei alguns pacotinhos de ervas em mãos? Isso é mérito seu, Ricardo.

Talvez na volta eu te traga um saco de confetes. Você sempre implorou por esse tipo de coisa e não custa te dar uma alegria. Tipo a última ceia dos presos do corredor da morte. Um ato de humanização. Viu como eu sou legal? Agora vou lá que o viadinho não vai se acalmar

sozinho. Eu te daria um beijo de despedida, mas a sua cara esfolada é meio nojenta. Então ficamos só no “tchau” e no “até a próxima”. Vou deixar *Get on Your Boots* tocando no *repeat* para você. Não se divirta muito sem mim!



# o abismo

*gabriel gonzalez*

Água? Não, obrigado, cinquenta anos atrás, tomei um copo. Sim, quando entrei nesta empresa. Aqui eles não gostam que bebamos muito. Além disso, estamos com pressa. Uma pressa enorme. Há um bocado o quê ver por aqui. Venham, cheguem, vejam. Nossa história é rica. Muito rica. Aqui, somos todos iguais. Como chegamos aqui? Dentro de caixas. É chocante, sim, todos se chocam. Abrem as bocas, levantam as mãos, tocam as faces. Assim. Exato, assim. Logo se tranquilizam. Digo que vez ou outra batia uma brisa, que era agradável. Não, não era tão quente. Aqui, sim. Aqui pode ser quente. Logo se tranquilizam ou esquecem, quando conto, por exemplo, sobre os anos trabalhados embaixo desses uniformes e o rendimento e a importância deste empreendimento. Os uniformes? Sim, não são todos iguais. Ganhamos essas roupas quando entramos aqui. Antes de perder uns 50 cm de altura. Não pensem vocês que sempre estive à altura. Quando cheguei tinha 1,80m. Depois, me deram esse colete roxo, essas calças roxas. Daí, fui encolhendo e cheguei ao tamanho preciso.

Não se espantem. Apesar das pernas curtas, minha função nesta empresa é de valor inestimável, todos me conhecem, me chamam pelo nome, Sam. Sim, é o mesmo nome que todos levam nessa empresa, mas é um belo nome. Sam. E todos o sabem. Me sinto lisonjeado. Hoje? Hoje vamos conhecer o que faz dessa empresa uma empresa. E isso não é qualquer coisa, como sabem. Afinal, não teriam sido incorporados a este tão seleto grupo, caso não soubessem. Aqui

temos o maior abismo do mundo, e esta é a nossa energia. Na semana passada, fui promovido. Agora, sou eu quem alimenta e realinha as engrenagens, os maquinários, as gruas, os umbilicais elétricos – que alimentam o fundo do poço –, os cabos submarinos, os veículos autônomos, os computadores, as bombas e tubulações e toda sorte de engenhoca inventada para fazer o abismo funcionar em todo seu esplendor. Há um orgulho nisso. Sim, não é possível que alguém assuma tal posição e não se sinta minimamente orgulhoso. É como alimentar um filhote de panda que se aninha em suas pernas. Ou um vírus.

Um vírus? Não ouçam tudo o que este velhote diz, tem hora que a cachola começa a falhar. A falar, digo a falar. Mas nunca com esta empresa. Onde estávamos mesmo. Sim, obrigado, na semana passada. Na semana passada, fui promovido e tudo teria sido uma festa, onde trocaríamos pequenos e singelos abraços, nossos chefes – sim, usam as mesas calças e coletes roxos. Por baixo? Essa mesma blusa branca com listras verdes. O mesmo penteado, sim. Não, de forma alguma, eles têm a estatura que suas funções lhes demandam. Sim, ninguém alcança a janela. Satisfeitos? Nossos chefes são pessoas iluminadas. Não, ilustradas. Nossos chefes são pessoas ilustradas, ilustríssimas. Brilhantes. Fisicamente, somos iguais, mas é seu cuidado pelas pessoas que os fazem assim, chefes. Naturalmente, chefes. Semana passada, quando fui promovido, esperava uma festa, sempre fui bastante fiel às normas daqui. Uma baita empresa. Uma mãe, dizem. Mas quando fui promovido

na semana passada o chefe da empresa, Sam, não estava. E quando ele não está o equilíbrio se perde e coisas esquisitas acontecem.

O abismo? Não, somos inteiramente diligentes com o abismo. Medimos sua pressão, edificamos suas refeições, nutriente por nutriente, secamos seu suor, limpamos e cuidamos de suas necessidades. Todas as manhãs, diga-se de passagem, cantamos hinos e louvores em suas bordas em prol do florescimento e da frutificação de seus resultados. Mas quando o chefe não está, acontece. E depois ele volta como se nada tivesse acontecido. Da última vez, foi há uma semana, quando os substitutos, Sam e Sam, que inclusive usam calças e coletes roxos da mesma tonalidade e estirpe dos de Sam – em nada diferentes dos meus – tiraram do bolso um barômetro de chocolate e começaram a alimentar Sam, o então responsável pela produção e reparo do abismo. Pode parecer loucura, mas todos aqui somos diabéticos e eles sabiam que Sam não era diferente. Aquilo, tudo aquilo, era premeditado. Digo, presenteado. Sim, é chocante. Não adianta abrirem as bocas, levantarem as mãos à face. Assim. Exato, não adianta. É chocante, mas não ouviram tudo. E já estão quase tranquilos.

Sam se levantou e cambaleou em minha direção, disse que eu estava de olho em seu lugar, que sua cadeira tinha sido conseguida por esforço e mérito – cadeira exatamente a mesma que a minha – e que era sua por direito. Sua voz chiava. Sua respiração era, pouco a pouco, obstruída. Os lábios e os olhos inchavam e ele bravejava, cada vez mais fraco, que eu deveria respeitá-lo em seus 120 anos de empresa. Com o fiapo final de sua voz, num tom distinto da acusação inicial, disse, Ponha o ombro no andar, companheiro, faça força você também. Se não cuidarmos desta empresa, os gerentes das multi e seus servidores e sequazes, civis e militares, continuarão forçando-a a existir para eles. Termino esta minha vida exausto de viver, mas querendo mais vida. A você que fica aí, inútil, vivendo vida insossa, só digo: coragem. Esta é aqui e agora, a nossa parte. Depois, seremos matéria cósmica, sem memória de virtudes ou de gozos. Apagados, minerais. Para sempre mortos.

E morreu.

Oi? Sim, claro, um copo d'água. Te esperamos aqui. Parados. Mas se apresse, por favor. A noite chega veloz e não queremos perder o pôr do sol no abismo.

# pêsames

*vilma ribeiro*

4h30

Pá.

Rodrigo bateu com força no celular. Estou exausto, quando vamos admitir que terminou? Tínhamos que quebrar o pau justo ontem? Ela está de boa dormindo no escritório. Vestiu a calça jeans que estava jogada sobre a cadeira e pegou a camisa no armário. Bendito minimalismo. A essa hora não tem trânsito, alguma vantagem. Escovou os dentes. Porra! Por que não mijeí antes de pôr a calça? Com a escova na boca abriu o zíper e sem abaixar as calças colocou o membro para fora e... Merda sujei a camisa. Não deu trabalho escolher outra, eram todas pretas. Esse horário da madrugada é foda. Vamos lá cobrir desgraça alheia, já não basta a minha. Celular, carteira, chave, crachá, cigarro.

4h30

Pá Pá Pá

Um homem com dores se retorcia na cama, a mulher preparava marmitta, o casal gemia, a velha escarrava no banheiro, o adolescente via pornografia, o despertador do celular tocava, a gorda assaltava a geladeira, o mendigo acordou, um cachorro latiu.

6h00

O bolor dos prédios fedia à luz do dia. Da lixeira abarrotada saiu uma ratazana, que atravessou a rua depois de tropeçar em uma embalagem de pizza, se meteu embaixo da carcaça enferrujada de um corsa com os quatro pneus arriados e

sumiu dentro do bueiro. O odor acre de mijo evaporando do muro, o corpo baleado coberto por um lençol azul-claro. O rastro de sangue denunciava que foi arrastado para não atrapalhar a passagem da faxineira, da doméstica, do porteiro, do pedreiro, da balconista, da garçonete, da babá, do chapeiro, do Uber, do lixeiro.

O carro da reportagem estacionou a uns quinhentos metros da entrada, Rodrigo desce para farejar. Vou dar uma volta. Vai lá, meu chefe, cobrir o dia da marmota é missão complicada. Ele anda pelas redondezas bisbilhotando na tentativa de descobrir algo inédito. De hoje não passa, vou ligar para o Junão e passar uns dias no AP dele. Encontrou um grupo de adolescentes, um deles não parava de gesticular em uma performance para seis expectadores, o repórter diminuiu passos, podia ser um bom material.

6h10

Foi nessa hora meu. A gente estava voltando do rolê, no caminho eu vinha contando pra eles que comi duas mina atrás do muro, a primeira putinha subiu a saia encostou no carro e meteu a mão na boceta molhada, gemeu pra caralho, a mão toda lambuzada. Passou na minha cara chamando minha boca, queria gozar na língua a safada. Fiz o serviço, depois juntei os cabelo dela com uma mão, puxei feito crina de cavala, virei ela de costa e enterrei o pau, foi umas dez bombadas. Diante dos olhares incrédulos dos companheiros consertou. Dez não meu, foi umas oito. Também

não importa. Ela me deu um tchau e sumiu no meio da gritaria, não disse nem o nome. A dúvida estampada nos rostos. Teve mais cara. Aí mandei outra, a segunda era iniciante e as coisas não rolaram suave, a mina quase não parou de pé, e a hora que terminei ela virou pro lado e vomitou pra caralho, tudo colorido. Chevette com Askovy – vixi, vixi, vixi –, um fedor da porra, mina porca. Me arrumei e saí andando enquanto ela deixava até as tripas ali no chão. Despedimos dele, falou, falou, falou. Deixamos o mano aqui na entrada do CDHU meu, e agora, como assim o cara tá morto? Era mó porca o cara meu. Não arrumava treta com ninguém.

6h20

O celular de Rodrigo vibra, ele responde. “Q foi num posso atendê.” Precisava de uma boa história. Muitos moradores reunidos em pequenos grupos contavam suas versões do acontecido, vestidos em seus pijamas improvisados, carregando políticos nas costas. “Tudo vem na frente, é disso que eu estou falando” A perua escolar buzinou, as crianças forçaram a rotina, vestidas em seus uniformes rotos, mochilas puídas nos ombros corriam e tagarelavam com sua alegria pueril. Aborda um homem, seu faro dizia que dali podia sair algo de bom. “A gente se fala depois” “Junão vô precisar d tu meu irmão”. Faz um sinal para o cinegrafista, que se aproxima. Mais um e tento fechar. O equipamento tá preparado. Estava saindo para o trabalho quando “se não me responder acabou tudo” ouvi uma moto frear logo atrás dele, ele ainda se virou e deu uma olhada pra conferir, estavam em dois, o da garupa tirou uma arma do blusão e atirou, uma, duas, três vezes, “tá acabado faz tempo” uma bala pegou bem na cabeça. Só deu tempo de me jogar no chão, sabe como é. “vc acabou qdo comeu aquela puta” numa dessas sobra pra todo mundo. “de novo essa história já t expliquei 100 vezes, cansei” Calma cara mais uma e já gravamos.

6h35

Eu ia pegar às 6h00 na padaria, da Brasilândia até a Angélica leva uma hora e meia, dez minutos para colocar o uniforme, passar a digital pra marcar presença e ver se a maquininha apitou, “vc tá cansado, não brinca, e eu tô o q?” porque se não tomar cuidado ela não funciona e você que se lasca todinha. Bom, eu já ia fechando a porta. Ouvi o bum, bum, bum, logo pensei, quem será dessa vez? “e aí Junão na escuta” Voltei rápido pra dentro de casa, que nessas horas é o que se pode fazer, abri a porta do quarto dos meninos, o mais velho que anda escapando pra esses bailes estava lá guardadinho, por isso eu sempre digo, gente que presta não tá por aí voltando de bagunça essa hora da madrugada. Tem que educar, se falar não resolve, a cinta dá um jeito. “agora não qer mais responder, vai fazer joguinho?” “porra o q vc qer, que eu confesso, tá bom. Eu comi qem vc qiser”.

6h45

Vamos nos meninos, dá para explorar mais. “é isso tá vendo como vc fala comigo” Aqui tá bom, tá pegando o corpo no fundo? Se ajeitou pra entrar no ar em 3 2 1... Vibrou. Continuou gravando o celular no bolso. Vibrou. Concentrado no que o menino dizia. Fez a pergunta certa. Vibrou. Agora é a hora que ela manda duzentas mensagens em seguida. Vibrou. Finalizado. Vibrou. “depois vejo, tava gravando” “Junão me socorre cara” “já sei, a porta tá aberta cara”

15h00

O bom de trabalhar na madrugada é isso. Rodrigo foi pra casa depois de passar na padoca e comer, entrou no AP e juntou o que conseguiu. Tirou uma foto da mala e enviou. “pronto tá feliz?” “vc é muito radical, não sabe conversar, não era disso que eu estava falando” “ACABOUUU” “vc nunca me valorizo msmo, é assim eu não mereço qe vc ter-

mine cara a cara, depois de tudo que a gt viveu.”

19h00

E aí cara já chegou? Fala Junão. Entrou como? A chave reserva que tu me emprestou, não lembra? Se lembro, a loira gostosa. Toma uma? Estou precisando meu irmão, foi foda, dessa vez é sério. Já deu. Junão empurra o amigo para o lado, senta-se, bota os pés na mesa de centro e liga a TV. Cara já já nosso coringa entra, só alegria. Mais um adolescente foi morto na região da Brasilândia, a criminalidade na Região só aumentou no último ano. Vamos ver a cobertura

do... Cara não, ninguém merece, troca o canal dessa merda. Ahhh não mesmo.

Morreu mais um adolescente, os amigos relataram que as 4h30 da madrugada eles se despediram aqui nesse local depois de voltarem de um pancadão. Moradores dizem ter ouvido barulho de tiros nesse mesmo horário. Não encontramos nenhum familiar que pudesse esclarecer algo. Os amigos da vítima disseram que ele estava levando informações para a facção rival que fica no bairro vizinho. Apesar de ele negar que estivesse trabalhando para os dois lados, tudo indica que foi traição...



# jardim ponte alta ii

*natália castro*

me conta daquele lagozinho lembra que o pai levava eu e você às vezes quando estava muito calor e não tinha nada para fazer no bairro não era nem lago era mais uma fossa uma água barrenta gordurosa que diziam ter engolido uma vaca e uma criança mas eu achava lindo porque parecia que perto de casa tinha um lago e às vezes eu sonhava com o lugar mesmo quando eu ainda nem conhecia sonhava que a perna da calça ficava cheia de mamonas e você que era chorona encrocava e fazia o pai tirar as plantinhas da sua perna o tempo todo e eu também sonhava que a mãe montava uma lancheira com muito danone e bolachinhas e eu você e o pai podíamos deitar brincando de que bicho essa nuvem é e fingir que aquela fossa era linda que o bairro não era um descampado podre à beira de um cemitério às vezes eu sonho que eu e você tiramos o corpo dela do rio pesando uma tonelada a cabeça parecendo um porco degolado feita de carne tão mole pela água que é branca mas no sonho você penteava os cabelos dela com a escova da nossa mãe e pensava em fazer uma trança mesmo que não desse para fazer uma trança porque o cabelo de uma menina afogada é fino parecendo fiozinhos de *nylon* embaraçados numa necessaire cheia de colares mas no sonho eu achava isso tão lindo que poderia chorar nessa época a gente morava no bairro lembra era numa casa de esquina em cima da loja de papelaria e artigos para casa que a mãe abriu com o dinheiro da demissão sem justa causa cadernos do rbd e fichários da *betty boop* se misturavam a vasilhas *duocolor* fôrmas de bolo e colheres de plástico naquele tempo a janela do

meu quarto dava direto para o muro da casa dos doidos o muro era um rio alongado reto e infinito que isolava o portão para longe o suficiente do meu olhar impedindo que eu visse qualquer coisa que acontecia lá dentro quando a mãe decidia comprar cremes e batons com a creuza era minha chance de passar em frente ao portão vazado de mãos dadas a mãe me arrastava pela rua me erguia pelo braço sem nunca diminuir o ritmo me puxando enquanto me fazia ficar de pé outra vez as pernas arrastando nas pedras de brita das calçadas tentava acompanhar seu passo morrendo de medo de ficar para trás mas não conseguia não tinha como meu olho era uma linha de pesca esticada e eu via sem virar a cabeça até a bolinha do olho doer ficando oooooo todo alongado o terreno de terra batida cheio de galinhas e cachorros com uma casa ao fundo construída de forma precária afastada dela ainda no fundo daquele quintal havia uma estrutura de tábuas de madeira onde morava o doido ao redor da casa do doido se empilhavam sacos e mais sacos de lixo sacolinhas do mercado setriol estufadas de resto de comida e papel higiênico os cachorros não rasgavam nada nem mesmo as galinhas ciscavam naquele amontoado que ele construiu para si a mãe passava rapidíssima me arrastando e resmungando que não era possível viver nessas condições que aquelas pessoas não tinham mais jeito nas raras vezes em que eu aprontava dizia que iria chamar o doido para me fazer desaparecer de uma vez por todas da vida dela lembra ela fazia isso com você também não fazia isso de contar que dentro daqueles sacos tinham fiapos de

roupas e carne das crianças que não calavam a boca quando mandadas eu sabia que era mentira mas não deixava de sonhar que abria uma daquelas sacolinhas e encontrava uma mão humana acordava suada enraivecida com a mãe que era capaz de me fazer pensar em coisas que eu não queria pensar porque no bairro o doido podia ser todas as coisas terríveis ele era uma massa heterogênea que podia tomar a forma de qualquer coisa que se temia encontrar pelo caminho mas apesar disso nunca fez mal a ninguém nem quando decidiu botar fogo na própria casa ele realmente fez mal a alguém você lembra quando eu percebi aquela labareda enorme subindo da casa do doido e saí correndo para você pegar o nosso cachorro teco ele havia colocado fogo na pilha de sacos de lixo que a essa altura já alcançavam o muro a chama se espalhou pelo terreno e reduziu a casa de madeira a lascas de fuligem que encobriram a rua e os quintais por dias eu assistia ele observar tudo se deteriorar e desaparecer da calçada seu rosto retorcido ficava ainda mais enigmático com as cores do incêndio era um touro depois gente seu corpo se movia como se não fosse humano sacolejando e se encurvando a carranca vermelha e laranja as pernas pretas e grossas eram casca de fruta espessa mas por dentro no miolo dava para ver que ele chorava como chora alguém que perde a casa naquele dia mesmo quando os bombeiros apareceram para conter o fogo e os policiais para investigar o acontecido ele não foi sequer levado para a delegacia nem nada só deram uma surra com cassetetes até ele uivar de dor os policiais gritavam que era para ele aprender que um risco assim não se corre que ele poderia ter incendiado a casa da vizinha que da próxima vez iam matar de cabeça baixa o doido escutava tudo que falavam para ele mas não dizia nada só conversava sozinho ou com os bichos mas sem casa ele passou a dormir na rua improvisando aquela lona azul feiosa e enchendo os baldes com terra para armar a barraca com o

peso que segurava o tecido plástico no lugar a configuração da barraca era instável mas pelo menos encobria sua cabeça nos dias de chuva não sei se você lembra que ele passou a comer de um saco de mercado e a andar com uma trouxa de tecido debaixo do braço para onde fosse e sumia por uns dias voltava com a cabeça raspada cortes nos pés ou então passava dias deitado na mesma posição até alguém checar se estava realmente vivo na maior parte do tempo bebia um líquido transparente de uma garrafinha verde e se jogava esparramado na rua como se fosse o último homem da terra os animais fizeram companhia quanto a mim era um divertimento espiar seu talento de encantador de animais ele deitava e os cães os seus os imigrantes das ruas vizinhas aqueles que os donos deixavam livres deitavam ao seu redor lambiam seus pés e seus olhos tristes me martelava a vontade perigosa de abrir o portão para ver se o nosso cachorro seria tão facilmente seduzido mas não conseguia chegava a destrancar a porta e colocar a mão na maçaneta mas não conseguia temia que se ele fosse uma fraude e se aqueles cachorros mal alimentados fossem apenas atraídos pelo cheiro rançoso de carne dele o teco alimentado e louco pela liberdade nunca vista da rua correria sem rumo para longe fugindo do destino de ser meu se isso acontecesse eu temia que minha tristeza fosse tão venenosa que me mataria então me contentei em assistir de longe torcendo para o doido estar à vista e não tão distante de mim o doido tinha nome mas eu nunca soube dos nomes daquela época lembro de dois salete e simone dois s sibilantes a mãe salete tinha muitos filhos entre eles o doido e simone a doida simone assim como o irmão era mais triste do que doida usava roupas feias que nela ficavam bonitas no estilo *glam rock* e andava descalça pela rua magra que era parecia uma cobra sempre de mãos para o alto alongando seu corpo marrom ser mãe foi a pior coisa que aconteceu com simone a última vez que vi ela foi sema-

nas depois de dar à luz na frente da loja de materiais para construção o conselho tutelar tirou seu filho e ela ficou sentada chorando naquela calçada o dia todo um corpo mole espalhado pela calçada tão triste que eu tapava os ouvidos para não ouvir seu canto rasgado depois daquele dia ela sumiu e eu segui vivendo o que era a minha infância sem me perguntar tanto onde ela estaria mesmo sentindo falta de ver ela andando por aí rebolando a bunda magra de dançarina misteriosa no tédio das férias a ausência dela começou a se tornar uma angústia para mim nesse limbo ouvir o que a mãe conversava com as clientes era o prazer mais intenso dos meus dias foi quando alguém tocou no nome dela depois de ouvir o nome uma agonia sem fim tomou conta e eu não entendi até porque até então eu gostava mais do doido do que dela você lembra disso não lembra eu acho que foi o piado dela naquela dia sem o bebê que me fez não conseguir pensar em mais nada eu ia para a loja mas não ajudava em nada ficava em pé na porta olhando para o muro da casa dos doidos com o passar dos dias fiquei muda para perceber o que a mãe fofocava não conseguia dormir à noite com medo de perder algum som que simone pudesse fazer anunciando seu retorno foi a tia lu que me disse que ela morreu mas não acreditei não sabia dizer se era uma daquelas coisas que dizem às crianças para elas pararem de fazer perguntas ou a verdade mas ela realmente desapareceu como desaparecem as mulheres e disso eu já sabia na noite daquela notícia menstruei comecei a ir mal na escola confundia os tempos verbais nas

provas se a aula era de matemática tinha medo de ser punida ao errar alguma conta e então me amarrava com um cinto no pé da cama e implorava para faltar passei a me analisar no espelho até ver meu rosto se tornar gelatinoso fiquei feia para aplacar minha tristeza de menina comecei a escrever as coisas que inventava em um caderninho que escondia atrás da gaveta das calcinhas deitava para dormir mas não dormia ficava só imaginando histórias e cenários impossíveis algumas vezes imaginava que todos que eu conhecia iriam morrer ou sumir tragados por um buraco que se abria no centro da rua e engoliria todos outras vezes imaginava que comprava para simone uma roupa bonita e penteava seu cabelo amarelo recém lavado para trás diferente da menina afogada seu cabelo era grosso e escorria até a bunda eu sonhava que montava ela como uma *barbie* bailarina nunca te disse isso né no sonho eu pedia para que ela rodopiasse e rodopiasse no asfalto todo destruído e aí todo mundo aparecia para assistir a simone as janelas se transformavam naqueles balcões de teatro e eu até imaginava aqueles binoculinhos dourados e elegantes nas mãos dos vizinhos como se eles possuíssem os materiais necessários para o espetáculo todos batiam palmas e o doido acendia um bombril sorrindo todo lindo e feliz girando o braço para criar estrelas ao fim da apresentação se ouvia o som de fogos de artifício e simone sorria tanto mas tanto que chovia rosas todas as flores e no lugar de um buquê eu entregava para ela um bebê gordinho



# DOS FATOS OCORRIDOS NO MUNICÍPIO DE [REDACTED] RELATIVOS AOS INQUÉRITOS DA OPERAÇÃO [REDACTED]:

*raul castilhos*

No dia [REDACTED] de abril de [REDACTED], foi recebido o relato do declarante PAULO SÉRGIO [REDACTED], brasileiro, viúvo, técnico eletrônico aposentado, residente no município [REDACTED], no endereço [REDACTED], o qual na presença do Dr. [REDACTED], excelentíssimo Delegado nesta Comarca, prestou as seguintes declarações sobre os eventos em [REDACTED], no ano de [REDACTED], relacionados aos inquéritos da OPERAÇÃO [REDACTED].

Diz o declarante que se dirigiu a um camping no município de [REDACTED], acompanhado de sua esposa MARIA APARECIDA [REDACTED], de apelido CIDINHA; MÁRIO [REDACTED], de apelido MARINHO; ZILDA [REDACTED]; e ROBERTA SILMARA [REDACTED], de apelido BETA (os acompanhantes do fato narrado encontram-se falecidos ou em local desconhecido). Conta o declarante, que não se recorda da data exata do passeio, que pensava ter sido o ano do cometa e do acidente nuclear da Rússia, mas que não foi nesse ano, pois no dia do acidente o mesmo retirou na loja seu veículo VOLKSWAGEN PASSAT zero quilômetros, e que os funcionários da loja no momento da transação assistiam ao noticiário televisivo sobre o acidente, e que no dia do passeio em que se passaram os

fatos aqui relatados, o veículo já estava no seguinte estado: baleado e batizado.

Lembra-se também das churrasqueiras disponíveis no local para uso recreativo dos clientes. Conta o declarante do som das crianças brincando no córrego da proximidade, devido ao calor que fazia no local, embora não se lembre se era verão ou outono no dia do passeio, mas que não havia nuvem alguma no céu nem qualquer outro fenômeno, e que não havia previsão de chuva para aquele dia, pois o noticiário do dia noticiava tempo bom para as próximas duas semanas, o que o mesmo afirma se lembrar com perfeição pois achava a apresentadora a cara de CIDINHA.

Relata também o declarante que o vestido de sua esposa, de apelido CIDINHA era de cor verde e que na ocasião o mesmo brincou que o vestido era da mesma cor da vegetação do local onde ocorreram os fatos. Porém o relatante relembra que a CIDINHA não deu bola para as piadas, por estar com uma dor de cabeça que já vinha de dias e a estava fazendo apática. Diz também o relatante ter ele mesmo também ficado com uma dor de cabeça ao longo do dia devido ao consumo de bebida alcoólica em companhia do MARINHO, na ordem de 19 latas de cerveja de marca KAISER dispostas em forma de pirâmide (conforme FOTOGRAFIA KODAK em anexo 10 deste relatório). Alega o declarante que a

cerveja tinha no dia dos fatos adquirido sabor metálico e cheiro ocre, embora o mesmo tenha consumido cerveja do mesmo lote no dia anterior sem qualquer estranheza.

Quando indagado sobre o consumo de álcool no dia em que se passaram os fatos aqui relatados, afirma o declarante que os mesmos foram em outras ocasiões corroborados pela BETA e pela ZILDA, as quais diz que não consumiam bebida alcoólica. Afirma ainda que era acostumado a consumir álcool e que mesmo tendo consumido mais que MARINHO não se encontrava em estado de embriaguez. Diz ainda o mesmo que o MARINHO não tinha o hábito de consumir bebida alcoólica, e que por isso não entendia por que o laudo da necropsia do MARINHO declarava falecimento por cirrose, quando do falecimento deste três meses após os fatos aqui narrados.

Conta ainda o mesmo que a carne utilizada para churrasco rapidamente após ser retirada do fogo apresentou gosto de bafio, e que sentiram fome e comeram amendoim, pois os pães estavam batumados, por mais que tivessem sido comprados no próprio dia, no qual se passaram os fatos aqui relatados.

[...]

Diz neste momento o declarante que pediu a um RAPAZ presente no local, o qual o declarante diz não se lembrar do nome, que tirasse uma foto do declarante e dos indivíduos que os acompanhavam no dia dos fatos narrados. O RAPAZ alegou ter tido dificuldade em focar a lente da MÁQUINA FOTOGRÁFICA ZENIT do declarante e que a foto tinha ficado ruim. Neste momento o declarante em um momento de estresse gritou com o RAPAZ, que se retirou do local.

Lembra o declarante que, mesmo sendo macho e casado, chamou a atenção do mesmo a cor de tonalidade [REDACTED] de um olho do RAPAZ, que era de [REDACTED]

diferente do que era acostumado a ver, por exemplo os olhos da própria CIDINHA, e que era uma cor a qual o mesmo afirma se lembrar ocasionalmente à noite mesmo tendo se passado [REDACTED] dos fatos aqui relatados. Porém diz o mesmo que isso era sinal de que o RAPAZ era meio cegueta, e que por conta disso não soube fotografar corretamente.

Afirma ainda que, após gritar, percebeu que o local onde se passaram os fatos narrados estava em um silêncio inusitado, pois não se ouviam mais os passarinhos nem o barulho do córrego do *camping* nem as crianças, as quais brincavam na água.

Jura o declarante que ao final do dia, ao se preparar para retornar a seu domicílio ao anoitecer, anoitecer que diz o declarante ter sido em horário após o normal e de tonalidade ligeiramente verde fosforescente, o veículo VOLKSWAGEN PASSAT demorou a dar partida, pois ficou subitamente com os circuitos elétricos em pane e que o sistema de som do veículo de marca BOSCH apresentava chiados agudos em ritmo [REDACTED], mesmo sendo o modelo topo de linha do mercado.

Aponta o relatante para a FOTOGRAFIA KODAK (em anexo 11 neste relatório) com data anotada à mão no verso constando a data dos fatos narrados. Foto essa na qual aparecem o declarante, sua esposa CIDINHA, MARINHO, ZILDA e BETA em meio ao matagal do *camping*. A fotografia é borrada com um só detalhe nítido no céu azul-esverdeado. O mesmo aponta para o detalhe e aproxima o papel fotográfico do rosto do excelentíssimo Dr. [REDACTED]. Diz o declarante que não mexia na foto após o falecimento de CIDINHA e que agora reconhecia o detalhe no céu. O declarante pergunta: eu vi. E tu, tu viu?

# caixas

*beatriz malcher*

*a partir de Kamal Aljafari e Gabriel Gonzalez*

1.

uma caixa e dentro dela outra caixa que se abre pra outra caixa que se abre pra outras caixas e em cada caixa uma imagem e dentro da imagem outra imagem que tem talvez eu. ou você só. só alguém dentro de uma imagem dentro de outra imagem dentro de muitas caixas, escrevendo suas pequenas verdades.

2.

esse sábado é de sol dizem que faz sol eu não sei se é sol. moro dentro dessa caixa acredito que faça sol. acredito que seja o início do fim. tem vezes que acredito no que dizem e outras duvido de tudo. são as formas que encontro de fazer passar o tempo.

3.

tem vezes que entra uma fresta de luz. é quando vejo a foto sempre a mesma foto dentro da minha caixa. a foto que não lembro como veio parar aqui cheia de marcas de dedos e tempo. o pai feliz abraçando os filhos o bolo no centro da mesa a mãe talvez do outro lado da câmera. a mãe com certeza desse lado da foto segurando com os dedos a foto que já esteve dentro de outra caixa que não a minha. a mãe segurando a foto dentro de outra caixa fora do tempo. a mãe segurando o tempo nos dedos e dizendo, puxa, como fomos felizes!

4.

é sábado faz sol gente de todo mundo vem pra beira do mar. aqui é a terra do sol gente de todo mundo vem. josef

mengele pensava no sol durante o inverno de 1943 quando estudava crianças que não riam em cima de bolos de aniversário. quando não podia mais trabalhar mengele veio pra cá porque aqui é a terra do sol cheia de crianças prontas. também gostava de crianças e de sol alfredo stroessner quando veio pra cá porque aqui é a terra do sol. comprou uma mansão à beira mar numa praça que agora leva o seu nome e a encheu de crianças e de janelas abertas e de caixas e de visitas ilustres e instrumentos e silêncios e diabos e deuses todos felizes na terra do sol.

5.

é sábado faz sol lá fora. na imagem também faz sol. o bolo no centro da mesa olha de baixo pra cima. a família fedendo a perfume e suor. e como são felizes, puxa! o bolo pensa talvez essa imagem seja imaginação. ignora o fogo a cera que escorre da vela que molha sua cabeça. sente o calor do fogo do sol acha que é imaginação é invenção. ouve o barulho do obturador todo mundo dizendo xis. pensa não é possível não vão me queimar me cortar me devorar. pensa este não será o meu fim. pensa eu que faço a minha própria história. enquanto é triturado por dentes.

6.

dentro da minha caixa ou da sua ou da de alguém tem uma imagem de outra imagem. e dentro da imagem, a verdade, que está em algum outro lugar.



# holofernes

*érika gentile*

Estava distraída, entediada entre fileiras de carros cinzas e motoqueiros de aplicativo, monitorando apenas urgências instantâneas, retrovisor, mudança de marcha, preferencial. Demorei a perceber a demolição do que é que tinha aqui antes, também não prestei atenção na lavanderia substituída pela Igreja Puritana da Última Trombeta, só me dei conta quando precisei mandar lavar um edredom. Notei a disgrafia no muro, pensei primeiro na forma mesmo, as letras mal desenhadas, inseguras, Judite é puta de *swing*, essa coisa de tela está acabando com a caligrafia, a rádio soltou Faroeste Caboclo, tocava “e João conseguiu o que queria”, e eu só tinha avançado um quarteirão, Judite é uma puta larga, a mesma letra desorganizada, um pequeno acidente entre uma moto e um caminhão estreitava a pista, pensei no pichador, no seu membro perdido na vastidão de Judite, o trânsito fluiu.

Domingo seguinte, fui almoçar num restaurante familiar, indicação de uma amiga, fica lá no Araés, esse bairro onde sempre me perco porque as ruas se desmancham em outras, feito rios em confluência. Estou na terceira volta em torno de uma praça malcuidada quando reparo no muro repercutindo os garranchos, Judite dá para todo mundo.

Eu esqueceria os três muros, a exemplo de tudo quanto tenho esquecido nos últimos anos, não fosse a demolição do sobradinho antigo defronte à minha casa e os tapumes metálicos estampados com alfabeto regular reto: aqui morou Judite, a puta.

Tenho me esforçado, mas não consigo

me lembrar dos moradores do sobradinho, minha memória estacionada numa buganvília vermelha contornando a *by window*, ambas engolidas em menos de uma semana por uma retroescavadeira parecidíssima com um Alossauro de ferro amarelo, a interditar a rua.

Alguns dias e eu já consigo passar pelos muros a recitar a jornada de Judite sem me preocupar com a qualidade do grafismo ou gravar as frases, viajando no modo econômico, atenta aos prazos, aos boletos, algoritmo, checagem. preços, retrovisor, preferencial.

A estranheza só apareceu quando eu precisei usar o GPS num trajeto novo. Siga na direção Sudoeste na Rua Judite é gorda e pelancuda, em direção à Avenida Judite é vadia, em quinhentos e cinquenta metros vire à direita na Travessa Judite está pedindo, siga por um quilômetro e saia na segunda saída da rotatória para a Avenida Judite não vale o que come, continue por cento e cinquenta metros na Rua Judite vagabunda, mantenha-se à direita para contornar o viaduto, Judite vou te pegar, e saia para a perimetral Procura-se Judite, pagamos recompensa, dirija por quatrocentos metros. Você chegou. O *outdoor* plantado num terreno baldio terraplanado anunciava: Quem protege a família, combate Judite.

No trânsito os adesivos dos carros, antes a família, cachorro, terço, ou guiado por deus, foram substituídos pelo antigo jogo da forca, a brincadeira do colégio, estampando a forquilha rudimentar, uma bolinha pendurada a letra J\_ \_ \_ \_ , os motoristas se reconhecendo na caçada, buzina uns para os outros num movi-



mento festivo a lembrar o final da copa de 2002.

Bem na minha frente, uma mulher foi detida por dois seguranças ao passar o cartão de crédito, na fila do caixa do supermercado. Meu nome é com th protestou, sou professora aposentada, tenho setenta e dois anos. Ainda assim foi arrastada do caixa em direção a uma ala de segurança jamais percebida até então.

Nas esquinas, farmácias, camelôs há oferta ostensiva de pulseiras de identificação, onde deve constar endereço, estado civil e responsável.

De uns tempos para cá, poucas dirigem, a maioria vendeu os carros e usam os aplicativos compartilhando com um homem da família os trajetos entre a casa e o trabalho, o supermercado, a igreja. Não é proibido, mas nenhuma de nós tem ido à academia ou a qualquer lugar

desacompanhada, um amigo nosso estava usando uma camiseta “justiça ao general”, justo ele, tão terno, um poeta, mas, agora, os olhos perdidos, distraídos da minha presença, dirigindo-se sempre ao meu companheiro a quem passou a chamar de “o varão” e me censurou veemente quando da primeira vez eu ri.

Colocamos a casa à venda, fomos visitados por dois policiais, um médico psiquiatra, um assistente social e passamos por uma audiência, onde Fernando explicou ao Juiz, estou aposentado, somos idosos, queremos morar perto de nossa filha e dos nossos netos. Recebemos o alvará, a casa está anunciada, ele é quem recebe os corretores e eventuais compradores, o nome da varoa é Cida, temos uma cachorrinha castrada, não sei quem é Judite.

Os desconhecidos vão e vem, o visto não sai, a casa não vende.

# **metalinguagem: modos de usar**



# postulado do corpo (im)possível

*alexander dejonghe*

Quando me dizem que dois corpos não ocupam o mesmo espaço eu não consigo deixar de pensar na inevitável tragicidade dessa lei física. Apesar de não conseguir explicar exatamente por que, algo me parece terrivelmente equivocada nessa afirmação. O estranhamento que sinto não tá ligado às normas da composição atômica de matérias físicas, mas no que tá nessa afirmação, que implicitamente constata a inescapável distância entre dois corpos. A memória de você dentro de mim me vem à mente. Seu corpo nu contra o meu. Sinto seu calor, seu gosto, seu cheiro. Meu corpo se abrindo pra você e – surge a vontade de ser um cara genial, mais que genial, sobrenatural, pra conseguir escrever um tratado que refutasse esse postulado, que só pode ter sido criado por um homem hétero, pra nunca ter sido comido e ter sentido um corpo dentro do seu. Como ele afirmaria que dois corpos não ocupam o mesmo espaço com a memória de seu movimento implacável que, até hoje, às vezes, ainda sinto dentro de mim, como se você tivesse me comido há 10 minutos atrás. O corpo não esquece. Isso não seria tão

trágico, se não fosse pelo fato que meu corpo urge com esse espaço desocupado que você deixou. Às vezes penso em como seria, na sua cama, depois de te comer, você ainda me sentindo dentro de você? Como seria se pudesse entrar em você. (escrevo agora firme no papel, caneta se enterrando na folha, porque, finalmente, me dou conta, que parte do motivo de estar aqui, escrevendo esse texto a você, é para que um dia você possa sentar na sua poltrona, com essa folha em mãos, chegar até esse trecho e ler essa passagem. E ao lê-la, cada letra que segue a outra, misteriosamente, formam sentido em algum lugar aí dentro. Ao me ler não estaríamos ocupando o mesmo espaço? Essa é minha oportunidade de entrar dentro de você. Sem sua permissão prévia, eu sei. Mas é a minha chance para ocupar seu tempo, para ocupar o espaço entre suas mãos que agora me seguram com tanta firmeza, e para ocupar sua mente. Lugar onde postulados físicos ridículos podem ficar de lado. Lugar onde eu e você podemos ocupar o mesmo espaço; o espaço dentro de mim, dentro de você)

# autodefinição literária

*brisa serena*

Trinta e um anos e meus pés não aprendem! Toda vez que compro sapatos novos, eles sempre me apertam os dedos. Penso que é possível dar uma chance a eles, afinal, comprei porque achei que combinaria comigo, que eu pareceria mais elegante, ou sensual, ou mais séria do que realmente sou. No final, ao invés de trocar, prefiro testar, “vai que dessa vez dá certo”. Quase sempre, acabo com bolhas, esparadrapos e um arrependimento. Boa mesmo é aquela botina que comprei por trinta reais em uma calçada no largo da Santa Cecília.

Por que eu insisto? Acho que a experimentação é da minha natureza. Um dito popular fala que pra conhecer alguém, é preciso calçar seus sapatos. Outro jeito é dar poder. Parece que cada vez que tento um sapato novo, tento também aproveitar a força de habitar a diferença de mim mesma. Experimento um punhado da minha tataravó, mulher indígena que foi sequestrada aos treze anos. Um pouco da minha avó, que era doce e morreu analfabeta. Da mulher insurgente e impetuosa, àquela que repete, pacientemente, o sintoma familiar.

Cada uma usa também uma lente pra ler a vida, talvez cada uma tenha até suas cicatrizes, que por sua vez contam suas histórias. Entre um par de sapatos e outro, imagino como é ser um veio de riacho que aprendeu a voar, ainda que outros leitos tenham sido soterrados.

Essa ginga da diferença de si produz um corpo-território que sustenta o trânsito entre a maloca morada dos ancestrais e as malocas onde se traga o torpor em fluxo na rua escura. Um corpo travessia. Eu persigo a floresta enquanto caminho na cidade. Eu persigo uma falta que me leva a outra perspectiva de um lugar familiar na espiral do tempo.

Escrever é contar dos universos que me habitam e produzir pontes com outros corpos-territórios que velejam em rios voadores e os que pairam malandros na viela da favela. Escrevo pelo devir, e pelo avesso. Para alargar as margens que me pariram. Pelo que sou, não apesar de, mas por causa das minhas cicatrizes. Simples, pra qualquer um. Porque posso calçar muitos sapatos, mesmo gostando é de andar descalça.

# autodefinição trans-literária

*stéfani mendes*

Xica Manicongo, destrave-me a língua  
Ensina-me o feitiço das travas  
para que o mundo não acabe  
em homem, de novo

Minha escrita não começa na ponta dos  
dedos, mas no centro do peito – bem  
onde uma cicatriz antiga ainda pulsa  
memória. Então enfio o dedo, e a cica-  
triz se torna ferida aberta.

Aprendi a escrever aos cinco, aos dez  
escrevi meu primeiro romance, aos  
quatorze comecei a rasgar a pele, aos  
dezesesseis deixei um garoto me comer,  
aos dezoito meu pai foi esfaqueado, aos  
vinte quis me matar, aos vinte e dois gri-  
tei travesti, aos vinte e sete minha mãe  
se foi. As palavras brotam da ferida em  
que eu enfio o dedo.

Aprendi a escrever quando eu morro. E  
eu morro muito.

Se em um poema eu pudesse  
do meu peito arrancar  
o homem que me assombra  
e que fui ensinada a perdoar  
Quem sabe assim  
talvez eu  
escrevesse sem pensar  
Quem sabe assim  
talvez eu  
me dissesse poetisa

Não acredito numa escrita pura. A mi-  
nha é suja de terra, de saliva, de sangue,  
de glitter. Uma escrita-trânsito, travesti,  
transmutável. Escrever parece pecado.  
E eu nasci travesti. Foi escrevendo que  
eu aprendi: a morte também pode ser  
bonita, mas não quando se é vítima de  
transfemicídio. Por que arrancam o  
coração das travestis? A minha escrita é  
um carrinho de mão, e nele está Dandara  
Ketlyn, sorrindo, cantando e dançando.

Aprendi a escrever quando eu morro, e  
nós combinamos de não morrer.

sinto vontade de me plantar na terra  
transformar meu corpo em  
arruda  
feitiço de bicha  
macumba de travesti  
para que o mundo não acabe  
em homem, de novo

Então eu só posso escrever. Eu só sei  
escrever. Eu só quero escrever. Onde  
mais eu posso ser Deus se não no vazio  
da próxima linha em branco? Se me per-  
guntam por que escrevo, digo: porque  
nasci travesti. E nós somos muitas.

# escrever sob tetas

*isa gontijo*

Querida Virgínia,  
Deus entendeu de dar-nos a teta,  
Nunca o teto.

Sem teto,  
Nossa sina:  
Telha a telha,  
Tatear

Para escrever,  
Eles jamais entenderiam

Das tetas saem vias lácteas  
Eu as vi  
*Out of my own room*

# caranaíba

deborah r. sousa

Busquei no meu álbum de fotografias do celular a foto do cavalo na janela.

Ou será que eu deveria dizer a foto do cavalo na janela dentro de uma casa. Ou, então, a foto do cavalo na janela dentro de uma casa no alto dum morro. Eu não vi a casa da primeira vez que olhei. A foto objetivava, num primeiro momento, registrar a horta da casa onde eu estava. Mas a casa no alto dum morro dentro da foto me intrigou por ter um focinho evidente.

Eu abandonei o celular e encarei a verdadeira casa no alto dum morro. Um ar seco e gentil nos separava. Era junho e fazia um pouco de frio.

Eu então identifiquei o que era: um cavalo dentro de um quarto que me olhava da janela da (sua?) casa. Era um cavalo sozinho que tinha uma casa.

Fui atrás do cavalo dentro da casa. Eu estava naquela cidade de dois mil habitantes onde outros relógios orbitavam. Eu abandonei a casa onde estava, com seus paninhos de tapar bolo; suas buchas de fio natural; suas garrafas de café quente e pães de queijo cujo cheiro me invadia. Fui atrás do cavalo.

Caminhei contra um tempo parado. Contra portões fechados e lábios cerrados. O silêncio abria uma fenda no espaço do corpo. O que me movia era a imagem do meu corpo e a imagem do cavalo. O mesmo corpo que pouco antes jazia abraçado, no deque da primeira casa. Dançando junto da roupa no varal que quarava no sol. Enquanto eu caminhava, eu só pensava nas nossas roupas quarando juntas no varal.

Eu recitava mentalmente o poema “Beija-flor”. Então, obsessivamente escrevia “*Suponha que eu grite outono/ Rabisque a palavra cavalo na palma da mão/ Coloque-a para tocar. E vá embora. Quando você voltar/ Meu canto, você se lembrará/ Das tardes, e do quanto,/ Simplesmente do quanto, eu sinto muito.*”

Eu escrevia isso enquanto procurava pelo cavalo. Sem papel. Sem nada. E de repente não era mais só uma busca pelo cavalo na janela de uma casa no alto dum morro. Me custou muito encontrar o cavalo. Perguntei pelo cavalo. Alguém viu um cavalo? Quase desisti do cavalo. Até que encontrei o cavalo. Não era o cavalo.

Beija-flor

*“Suponha que eu diga verão/ escreva a palavra ‘beija-flor’/coloque-a num envelope desça a colina até a caixa/de correio. Quando você abrir/ minha carta, você se lembrará/ daqueles dias, e do quanto,/ simplesmente do quanto eu te amo.”*

Raymond Carver



# vestígio

*patrick gois*

Desloca calmamente  
teu silêncio mais profundo,  
nele tem memórias  
que precisam ser sentidas.  
Convive com os restos  
antes de chamá-los teus.

Espera que o mundo  
se transforme, se revele,  
com teu poder de vestígio,  
teu poder de palavra.

Ultrapassa os restos  
com a força das palavras.  
Compartilha as palavras  
flutuando os restos.

# gineceu

*jaqueline saad*

*para Ana C.*

I

Insaciável.

Quero esparramar as palavras como sementes  
e regar o papel com minha sede.

Me faço resoluta,

temerária e resoluta,

não pergunto

“na ausência do pousio

que farei?”

É inútil

umedecer os grãos

ou manobrar o arado da escrevinhação (?)

Dito isso

a pena faz-se corte, a decepta lança brotos ao chão.

Que deslizam

avidamente

no côncavo da minha mão

II

Cultivar um jardim em terra arrasada  
Promessa etérea  
Revolver com as mãos o que está sem chão  
Banir seus invasores  
Ervas daninhas-mutantes  
Capturar o grão andarilho trazido pelo vento  
Forjar a seiva  
Bruta e fluida  
Desafiar a esterilidade do tempo

III

Na aurora do outono meu corpo é um celeiro  
abarroado de palavras hesitantes  
trancado por dentro  
A mão mergulha no amontoado de grãos  
escancara as portas  
bota tudo a dispersar  
Tudo flui  
Tudo frui  
(menos a perfeição)

# dezesseis

*mateus ruas*

isto não é um poema  
não é um poema  
não é um poema  
não é escrita e  
não sou poeta  
se escrevi isto:  
não é um poema

# quarenta e nove

*mateus ruas*

presa está a palavra que não  
me passa a garganta

presa é a palavra que o tigre vê  
e abocanha

# [sem título]

*marina leite*

Tento escrever organizado

Mas não consigo

Não sai, não vai

Sai torto, sai solto, sai fora de ordem

Sai com várias palavras pra dizer a mesma coisa

Caso uma só não seja suficiente pra expressar a ideia, o conceito, o sentimento

Vai ver não fui feita pra escrever organizado

Vai ver estou matando minha própria expressão

Ao tentar torná-la digerível

Digerível pra quem?

Pra mim é que não é



# penélope fogosa





# penélope fogosa

*dennis novaes*

você diz que vai pra guerra  
me deixa cuidando do nosso neném  
vou cumprir o combinado  
vê se eu tô lembrando bem

sento em oito pretendentes  
depois sento em outros cem

mas claro que homem enjoa  
nem só de piroca se faz uma orgia  
tem buceta toda noite  
tem buceta todo dia

deusa da cachorrada  
a mãe da putaria

# fiel delícia

*talita franceschini*

convém agora  
entregar esse corpo  
a quem quer que seja  
se assim deseja

de dia tecer  
de noite molhar

ela só faz transar

# as razões de distração de penélope com os moços do palácio à espera de odisseu

*diuli de castilhos*

o primeiro tinha os olhos de seu marido  
o segundo as mãos pequenas de seu filho  
o terceiro a força adutora dos mamíferos  
o quarto tinha um cheiro ocre alfazema  
o quinto um dente torto vinho tinto  
o sexto cabelo além seda de um vizinho

o sétimo porque era seu aniversário  
o oitavo porque lembrava o pai de seu pai  
o nono porque falava as coisas de sua mãe  
o décimo pois sabia a canção do momento  
duodécimo pelos belos joelhos de frango  
quatuordécimo pelos coxins interfalângicos

terdécimo nono um cheiro cigarro de cravo  
sedécimo quinto só a unha clara no mindinho  
unvigésimo oitavo alô anêmico do caralho  
o trigésimo quando causou borborigmo no estádio  
tricésimo sétimo falou-lhe falho do encéfalo  
quadragésimo molhado acepipes quadráticos

o quadragésimo quarto quando lhe serviu catacreses  
o quinquagésimo primo equilibrou-se labiríntico  
quinquagésimo uno rachou um poço inverossímil  
quinquagésimo quatro riu da cintura pra baixo  
quinquagésimo último sarcasmo nervoso pichoso  
sexagésimo centelha em certa nostalgia do rabo

sexagésimo oitavo pelo céu em colapso  
setuagésimo pós lipo turbo na papada  
septuagésimo terço gozo suicida berreiro  
octogésimo quinze modo touchscreen vintage  
nonagésimo sexto com tudo que é vivo e véspera  
duovigésimo sétimo pele leonina incesto

undetricésimo oitavo no latíbulo podres achados  
nonagésimo na veia fraqueza no timo fetiche sereia  
nonagésimo nono sentado e de coque mítica baunilha  
centésimo rápido e fácil respiração fraca nenhum áporo  
centésimo primeiro orelha sem pálpebra boceja  
centésimo segundo direto sangue mostarda iniciática

centésimo terceiro tateando olho secreto no meio centro  
centésimo quarto pan nada desata na dinamarca  
centésimo quinto estratégias pura punheta mental  
centésimo sexto vazio mediano cocegava por dentro  
centésimo sétimo recita puta trampo morrer se evita  
centésimo oitavo só por exuberância

e volta de volta ao primeiro  
que de raiva afobo ciúme  
trincou-lhe a sínfise púbica  
e o clichê cristalográfico  
da amiga calipso

# penélopes

*cintia brasileiro*

*Temo e ousar. Como assim?*

*Não sei: só sinto e me-agonizo-me.*

A trama que o dia tece, a noite desfaz  
O dia esquece os que a noite traça  
De dia, solitário  
de noite, farrá  
De dia, sudário  
de noite, nudez  
De dia, palavras secas  
de noite, palavras miúdas  
O dia esquece os que a noite traça  
A trama que o dia tece, a noite desfaz

**P  
E  
N  
É  
L  
O  
P  
E  
S**

A trama que a noite tece, o dia desfaz  
A noite aquece o que os dias traçam  
De dia, ordinário  
de noite, *bacchanalis*  
De dia, sudário  
de noite, altivez  
De dia, palavras ocas  
de noite, palavras de Hedonê  
A noite aquece o que os dias traçam  
A trama que a noite tece, o dia desfaz

# ulisses afogado

*maurício rosa*

ser um participante decepado dos não-sei-quantos-toques  
e compartilhar de uma toca de mil sementes

não me desagrada

estar afogado no suor dos cento e oito intrusos  
acariciar com a língua uma boca vazia  
e no entanto repleta de assombro e estímulo

isso me apraz

em tempo algum assumirei o regalo de estar por perto dos homens  
de compartilhar o mesmo arco a mesma flecha  
a mesma e ereta tocha de Ítaca as mesmas catapultas e aríetes da guerra  
o mesmo ventre turbulento

assim te perdoo Penélope  
as noites e os dias em que dividiu com amantes a minha ausência  
porque em seu corpo

também sei

entrarei em campo de batalha

– e por vias de maravilha e perigo –

também terei amásios mancebos inimigos

no meu lençol

**tinta fresca**





# [não escrevo poemas]

*cláudia ricci*

Não escrevo poemas. Também não tenho cachorros. Não gosto. Me incomodam os latidos cadenciados, um após o outro, entre silêncios e “aus”. Talvez se chegassem sem ritmo no portão, assustando quem passa distraído, eu me dedicasse a eles. Não sei dosar a razão. Nem a razão. Confesso que tentei gostar. Esbarrei numa caixa, cheia de palavras, e quando abri, pequenos olhos pediram que os levasse pra casa. Sabia que não aprovariam, tentei. Disseram, melhor não. Parece fácil, mas não é. Exige paciência e doação. Abnegação. Trabalho árduo. Amor. Durou algumas horas. Guardo uma coleira antipulgas e poucas palavras. Café com pão, café com pão, café com pão. Odeio café, amo pão. Por que amor e ódio caminham tão juntos? Quando ficar velha e só, talvez escreva um poema. E arrume um cachorro pra me fazer companhia. Ou dois. Ou três. Será uma ocupação e tanto. Uma trabalhadeira danada. Melhor se fossem de pelúcia. Palavra macia. Os olhos não vão mais facilitar a procura das letras e vou lamber os dedos ao virar as páginas. Vou manter distância segura, pra que me abocanhem só as peles das unhas, as pontas dos dedos. Nada de colo. Aí é demais. Sei que não deveria confessar, mas dizem que sou sincera. Sou boa pessoa. Todos gostam, ou fingem gostar. Não os ignoro, absolutamente. Mas assim como o “absolutamente”, melhor que não estejam aqui. Sei que não é adequado dizer, mas como mentir? Disfarço e amontoio ossinhos de borracha um abaixo do outro? Separo em linhas com sílabas contadas? Sei que não é só disso que vivem. São livres. Mais um motivo para o não querer. São bonitos de olhar, fazem bem em algum lugar por dentro, mas têm cheiro. Deixam rastro de pelos e coisas das quais não consigo esquecer. Trazem algo que não sei explicar, que me tira do controle. Não ficaria tranquila segurando a guia enquanto buscam o melhor lugar pra fazer xixi. Tenho medo. E se saírem correndo me levando pra onde não sei? Afinal não é isso que fazem os cachorros e os poemas?

# [é um, é dois, é três...]

*cláudia ricci*

É um, é dois, é três... As mãos que apertavam seus tornozelos e pulsos estavam geladas. Há menos de um minuto estava debaixo das cobertas. Na hora de dormir, a mãe passou o lençol com ferro quente e ela se deitou pra levantar-se só no dia seguinte. O quarto tinha três camas. Perto da porta Vado e Toninho, na do meio Zira e Lia, ela e Déda bem pertinho da janela. Dormiu quentinha e acordou com o gelado das mãos. É um, é dois, é três. Brincaram de esconde-esconde a tarde toda. Balança caixão, balança você, dá um tapa na bunda e vai se esconder. Logo de cara, foi a primeira a ser achada, por baixo da almofada azul. A meia, que também era azul, estava furada e dedurou o pé. Na outra vez esperou, esperou, esperou. Já estava escurecendo quando saiu de dentro da sapateira. Aguentou firme o chulé, saiu e ninguém mais estava brincando. Esqueceram dela. Sempre esquecem. Não conseguia enxergar com a fronha enrolada na cabeça e se concentrou nas mãos do tornozelo. Eram mais geladas que as mãos dos pulsos. A do pé esquerdo, mais áspera que a do direito. É um, é dois, é três. Seu corpo balançava e escutava as risadinhas. Vão acertar a janela?

# poética

*lúgia castro*

Canto o coração das pedras,  
a suspeição das pedras,  
revezes e desditos.  
Eurídice contra a serpente  
canto raptos silentes, corte  
no caos: outro viés de sinos  
subitamente submersos.  
Canto o mar alto e seu hálito  
Algazarra dos bichos  
Translado  
Engasgo  
Ave Maria às seis da tarde  
Luz crepuscular basculante  
Léguas, línguas, olhares  
a galope.  
Canto o fim e a brecha.  
Mínima, azul,  
irreduzível brecha.

# manifesto

*lúgia castro*

eu escrevo pra você, canalha,  
apanhador de metáforas entre-espelhadas.  
teu jogo  
é xadrez de peças gigantes, dedos nus,  
luvas negras retidas na fronteira.  
um salão veranil arejado,  
mas vazio,  
senão visitado por memórias de paredes manchadas  
onde eu sou você, canalha,  
de onde te escrevo este manifesto descumpridor do cálculo  
meticuloso, manhoso, míope  
canarinho kamikaze – em voo rasante – de asas cortadas  
angelicais igualmente canalhas  
nós  
em tantos  
que sabendo assaltamos a rapaziada  
que amando estiramos ao sol as mágoas  
que caçando testamos o limite da pauta  
a cena incoesa, a foz flutuante, e sobre nós  
o tesão do constrangimento deliberado.  
disse (ao final)  
a professora em acesso de raiva:  
ama teu rótulo como ama a ti mesmo  
quando na verdade dizia: ama a ti como a mim  
galhardos, bastardos, desfiando histórias  
desesperadas.  
— me escreve e me malha  
— me desenha, alarga  
— me precipita  
na inexatidão assim exigida  
de mais essa doce corruptela  
surda e implacavelmente  
canalha.

# alguns jeitos de dizer eu te amo

*tarsilla couto de brito*

1.

eu só vivo mesmo  
em bombardeio  
só vou sossegar  
quando matar um

2.

quando pequena  
achei muito tempo  
que ia matar alguém  
de tédio ou de raiva

3.

t. queria ser minha  
era na quinta série  
t. foi meu primeiro pintinho amarelinho  
t. foi minha primeira vez de não ser boa  
eu disse sim

4.

t., depois de tanto tempo,  
eu precisava dizer  
você é feliz, não é, eu sei que é  
t., você precisa saber,  
sou infeliz  
fui eu que fiquei aqui  
esquecida debaixo do fogão

5.

t., lembra do primo júnior  
que de tanta ruindade  
que a vó lavou a boca dele com querosene  
lembra que a boca encheu de bolha  
bem feito

6.

t., quando você morrer,  
prometi te fazer uma elegia  
como arquíloco de paros  
morre não, pliss

7.

oi, é você?  
sou eu aqui.  
você morreu?  
estou ligando pra dizer  
que te odeio  
porque você morreu  
isso não se faz – morrer  
você não devia ter feito isso comigo  
quase que morro de tristeza  
que raiva  
vai morrer pra lá!  
mas tô ligando pra te pedir  
(isso você não pode negar)  
que você não tenha morrido  
apenas don't,  
até logo.

# aos sete

*geiza martins*

uma menina do dedo enfeitado  
pelo pai  
um anel dourado no dedo direito  
da menina

o bafo de álcool toma  
conta do quarto do hospital  
corte linha costura ponto

a cicatriz vai sumir  
em dez ou vinte anos

em dez ou vinte anos  
não terá vidro quebrado  
nem queda

o anel de sorteio de bingo  
se perderá muito antes  
certeza

O bafo do álcool não se desgasta.

# para que o texto venha

*camila caires*

a escrita começa com uma pergunta do corpo:

— *O que fazer com o desespero?*

o corpo se debruça sobre si, num movimento de constrição, tentando encontrar algum tipo de resposta que venha das entranhas. nesta tentativa, há toda uma articulação própria entre vísceras, ossos, músculos e pele, que, organizados através das extremidades de braços e mãos e ponta dos dedos, tentam estruturar aquilo que não se contém em si. não são apenas braços e mãos e pontas dos dedos. há os pés descalços bem ancorados no chão, a articulação firmada dos joelhos, os ísquios bem-postos num pequeno banco de madeira.

há o corpo se preparando para meter a língua dentro de uma folha inteira.

há uma espera. e há o silêncio dentro da espera, para que o texto venha. como se, de dentro do corpo, uma língua crua fosse inventada para dar voz a alguma espécie de salvamento.

primeiro, come-se e bebe-se; depois, se digere, e digerir é transformar, é fabricar uma outra coisa a partir da coisa conhecida; depois, excreta-se: é *escrita*. aquilo que é matéria-prima, nutrição e decomposição ao mesmo tempo. uma antropofagia do corpo, na tentativa de fazer do verbo uma casa para se morar durante uma tempestade solar.

# eu sou

*tim silva*

Escrevo como um demônio, pois sou o caos. Não sou lembrado. Dilacero as palavras para criar antagonismo e representar o perecimento, mesmo através do nascimento. Sou humano, portador de desesperanças e mentiras. Escrevo sem propósito além de escrever, pois não necessito. Deus falou porque também não precisava.

# à liberdade desses homens

*tim silva*

Querida mamãe,

Talvez esta carta te cause alguma apreensão por seu conteúdo e por não mencionar o lugar onde me encontro, mas só tenho a ti. Um homem da minha idade, entregue à solidão e sem outro confidente, só pode abrir seu coração à senhora. Sinto, mamãe, uma saudade imensa da vida que outrora levei, da juventude que se esvaiu como névoa. Aqui, perdido em pensamentos, recordei-me do instante em que compreendi que César estava por mim tomado. Em tarde junto ao rio, ele aproximou-se, e ao encostar seus lábios em minha pele, senti-me febril. Onde ele tocava, meu corpo corava, e, ao ver seu tremor, pensei que o desejo o dominava completamente. Seus movimentos eram rápidos e intensos, e enquanto ele me possuía, havia uma intensidade que me fez acreditar que éramos um só. Seu membro, rijo e quente, pressionava minha pele até que, num impulso firme, ele o encaixou em mim. Eu senti a dor abrir-se, crua e súbita, enquanto ele se movia de forma intensa, as mãos firmes em minhas coxas, e, mesmo sob o peso dessa dor, havia algo em mim que ansiava por aquele momento. Ele me consumia em um ritmo frenético, e eu podia sentir a força de cada investida, a maneira como ele parecia, por um instante, perdido em algo que não consegui compreender. Não demorou muito para que terminasse, seu corpo enrijeceu, e então relaxou, seus olhos fechados, o rosto molhado tanto pelo suor quanto pelas águas do rio que ainda tocavam nossos pés. Vi, ao abrir os

olhos, algo que me pareceu uma lágrima escorrendo pelo seu rosto, embora ele mantivesse o olhar voltado ao céu. Acreditei ver ali um resquício de felicidade, uma expressão de paz, mas sem entender por completo o que se passava em sua mente. Confuso e com o corpo ainda tomado de sensações, corri para o meio do mato, o estômago revirando, e ali evacuei. Quando volto, Cesar boiava com corpo, grande e liso, repousava contra a correnteza, e o sexo, agora flácido, descansava sobre seu ventre, estendendo-se quase até o umbigo. Olhando para ele, parecia-me mais sereno, mais... completo. Eu pensei: talvez, no fundo, ele também sentisse o mesmo contentamento que eu, um alívio quieto. Mais tarde, ao conversar com ele, mencionei que não havia experimentado o mesmo alívio, e, ao ouvir-me, ele hesitou, parecendo estremecer por um instante. No entanto, depois de insistir, ele assentiu, embora sem me olhar diretamente nos olhos. Deixamos o rio e, num tronco de árvore, ele se entregou novamente, desta vez para que eu o tomasse. Ele não emitiu som, como se, por aquele breve momento, tudo estivesse em ordem, como deveria ser. Mas percebi que ele chorava com soluços silenciosos. E agora, mãe, penso sobre tudo isso, sobre aquele homem forte e grande, que até pouco tempo atrás víamos como alguém sem alma, um ser primitivo e selvagem. No entanto, a paz que encontrei nele me faz crer que erramos ao trazê-los a este país da forma que fizemos. Talvez o certo seja mesmo inclinar-se à liberdade desses homens.

# nosso museu

*leo nunes*

não se fala  
nos guias de viagem  
sobre os corredores  
do museu do louvre  
onde lojas interrompem  
a passagem entre salas

você não consegue andar  
pelo museu  
sem ceder ao desejo  
de comprar mais um baralho  
temático ou um quebra  
cabeça artístico  
compro um postal  
para contar  
aventuras e desejar  
você aqui

ando pelas ruas do museu  
pensando nas diversões que teríamos  
se estivéssemos juntos  
conseguiríamos distinguir  
as obras mais icônicas  
ao mesmo tempo que debateríamos  
se beyoncé e jay-z deixaram  
alguma de fora

ouço tantas vozes  
tantas falas diferentes  
e entendo o desespero  
dos babilônios

quando deus  
determinou  
a confusão de línguas

foco o grupo  
de turistas com a bandeira do brasil  
ouço português baixo  
a guia contando história  
e me pergunto se estaria  
roubando informação

vemos um quadro  
que divide a sala com mona lisa  
tadinho  
ninguém olha para ele  
a guia conta como napoleão  
mandou trazer a pintura do exterior  
depois de alguma batalha  
como ele é maior que o apartamento  
dela  
como jesus ao centro da tela  
abençoa a todos

jesus não enfrenta fila  
e vê gioconda todos os dias  
ali faz seu primeiro milagre  
transmuta água em  
vinho  
assim como em todas as missas  
o padre transmuta vinho  
em sangue

nós que crescemos no subúrbio  
do mundo sabemos  
se come e se bebe  
tudo que é dado

subo as escadas internas  
do museu

subo em direção à vitória  
de samotrácia  
como nós subíamos o corte  
do cantagalo  
lembra do nosso passeio  
noturno  
quando ficávamos até duas e pouco  
da manhã no arpoador  
vendo as ondas e as ruas  
dando notas para os transeuntes

subo as escadas  
lembrando de nós  
cantando às margens  
da lagoa rodrigo de freitas  
os versos de mc beyoncé  
deixando claro  
somos o bonde

mas agora neste museu  
lembro das fotos que fizemos  
quando invadimos  
os terrenos baldios  
de copacabana

procuro uma sala vazia  
alguma parte deste museu  
proibida  
apenas para viver mais  
uma vez a sensação  
da transgressão

te sinto ao meu lado  
caminhando comigo  
estou nos aposentos reais  
aqui nosso palácio

sento no trono  
sinto a onda

# 10 anos

*lucas guilherme*

Incendiar os cadernos  
apagar os registros da poesia  
rasurar tudo

e salvar por descuido o motivo da vergonha.

# cenas de leitura

*lucas guilherme*

aos domingos chegava cedo e convidavam a fazer leituras  
a missa prestes a começar com um folheto em mãos  
eu lia

no púlpito o tempo roxo e uma passagem  
enormes caravanas de camelos e dromedários  
e cidades que ainda hoje não sei dizer

a voz embarga tropeça embola em fios de microfone e gagueja tortuosamente  
gaguejo

*só lia lá na frente* dizia minha mãe  
*se antes tiver*  
*o texto*

dentro da boca o dorso se parte e as velas entoam a espera  
leva muito tempo para aprender a língua materna

//

quando criança eu trocava g e d  
e me esforçava em nomes comuns eu dizia  
meu amigo daniel minha mãe droria

por volta dos seis anos  
eu parei de trocar g e d

se o folheto chegasse  
ainda que sem ensaios  
antes era muito mais fácil dizer dromedário  
embora eu não soubesse ler

e precisasse que essa espécie familiar de camelo  
tivesse as iniciais da minha mãe

//

na escola fazia caligrafias ditados e cálculos sem dificuldade  
na alfabetização depois do b de bola me ensinaram o c de camelo  
mas a letra seguinte era reservada aos dados

talvez se eu morasse em marrocos  
e viajasse em caravanas pelo deserto  
se glória perez tivesse escrito antes a novela o clone  
eu leria muito bem aquela palavra

mas não nenhum abecedário tem d de dromedário

//

daquelas cidades estrangeiras só uma vez tropecei em seus nomes  
das outras vezes gaguejei nos mais comuns da minha língua  
doce amargo dos sulcos

//

às vezes levanto cedo e começo a fazer leituras  
o dia prestes a começar com um poema em mãos  
eu leio ainda  
que mal ainda que tortuosamente  
como quem carrega na língua os camelos  
os dromedários

# legado

*maurício reis*

a história começa  
na ponta dos dedos  
relevo aberto  
no crânio dos seus  
deitados em seu colo  
nas tardes de sábado

capinava os cabelos  
procurando piolhos  
desenhava depois  
a morada dos livros  
dos elogios das professoras  
do beijo da mãe  
da carícia dos amores

minha avó construiu  
no solo do meu couro  
uma fortaleza de pedras  
onde os cães dormiam  
grandes represas  
para a chuva diária  
não afundar as esquinas

hoje protejo a terra  
do musgo e do mofo  
arejo as criações  
quando os homens  
me acordam  
passeando com os dedos  
no bioma da minha cabeça  
nas manhãs de domingo

# [sem título]

*marie*

meu bem,  
teu nome também é meu  
não preciso endereçar  
só quero passar recado  
te fazer entender  
de uma vez por todas  
o som da rua jamais  
vai te abraçar como és  
te sinto como vejo  
e por isso te espero aqui  
quando puder

# breve lição de economia doméstica

*beatriz machado*

a avó de p. eu soube esses dias  
tomou matte com cortázar  
a de j. atravessou três países  
e uma guerra  
a de s. saltou de um comboio  
nazista e ria mostrando a cicatriz  
de uma bala em seu tornozelo

traço no mapa  
todos os lugares em que minha avó  
já esteve  
somo os metros  
que juntos  
são pouco mais de 300km  
entre  
*a fazenda o cortiço e o sobrado*

uma vida  
inteira  
para um mapa  
tão pequeno

quando penso  
nos meus poemas  
pergunto  
será que tenho *mesmo*  
algo a dizer?

minha avó por exemplo  
nasceu em 1927

uns meses depois  
de gabriel garcía márquez  
e um ano antes de  
haroldo de campos  
    lia pouco e  
    escrevia apenas seu nome  
    bem devagar

no tempo em que ela levava  
para assinar trêmula  
o seu nome  
drummond  
escreveria estrofes inteiras  
talvez até um ou dois sonetos

os poemas  
da minha vó  
    contudo  
escorreram pelo ralo da pia  
    ou quem sabe  
pingaram da roupa  
cheirando a sabão de coco  
estendida no varal.

neruda, como o hemingway  
que aproveitava sempre  
as primeiras horas de luz  
preferia escrever pela manhã

diferente do gabo que preferia

estender um pouquinho  
tirar algumas horas do almoço  
sempre entre as oito  
e as duas da tarde

para escrever nessas horas  
é preciso deixar queimar  
o arroz no fogo  
ou embolorar as  
roupas no tanque  
não criar três filhos  
e matar o pé de  
manjeriço do quintal  
porque nada se escreve  
sob o ronco do motor  
quebrado da geladeira  
e nenhum poema  
vale mais do que  
uma milanesa de beringela

pois houvesse as musas visitado  
minha avó  
ela diria apressada, sem sair ao portão  
*não, não*  
*não quero saber de avon*  
*nem de natura*  
*e meu perfume da boticário*  
*está cheio*  
devia ter aprendido com ela  
recusado erato, calíope e melpomêne

e não feito como fiz  
seduzindo-as

porque como bem sabem  
as musas não resistem  
a certas palavras sussurradas  
nem a beijos no pescoço  
ou a dois ou três botões  
abertos  
e quando se apaixonam  
querem sempre  
atenção total

desde que trocamos  
nossos primeiros beijos  
visitam-me em horários  
inoportunos  
e nunca mais me deixaram  
catar os feijões  
nem alvejar os panos  
ou passar bem minhas camisas.

# biografia

*adrielle rezende*

i

eu tinha 6 anos  
quando a professora disse  
seu nome começa com a letra “A”  
cheguei em casa  
contei a novidade para minha mãe  
e o início do alfabeto  
inaugurava o mundo  
em casa se ouvia  
silêncio  
cansaço  
e minha letra “A”

ii

naquele tempo eu estava  
obcecada pela letra “A”  
procurava por ela  
em todos os três cômodos  
da casa  
na cozinha em uma das  
gavetas do armário  
encontrei um livro da biografia  
do Michael Jackson  
o único livro que a gente tinha em casa  
com uma porção de “As”

iii

minha mãe escrevia cartas.  
para ela.  
folha sempre pautada  
caneta de tinta sempre azul  
no único livro que a gente  
tinha em casa  
entre as páginas sobre solidão  
e traumas na infância  
uma carta  
com a letra A mais visceral  
que eu jamais veria outra vez

iv

um livro dentro da gaveta  
guardava a primeira carta de “As”  
que eu tinha lido  
houvesse mais livros  
mais gavetas escondidas  
minha mãe teria

# tá por aí?

*adrielle rezende*

*deixe a sua mensagem após o sinal*

oi  
sou eu  
não sei quem ainda  
usa caixa postal  
pra deixar recado  
nem sei se alguém ouve  
mensagem de caixa postal  
hoje em dia

também nem sei se  
quero ser ouvida

imaginar algo que  
ninguém mais usa  
mas que ainda existe  
é meio doido, né?

faltam 30 segundos pra eu voltar  
do meu intervalo agora menos  
talvez

provavelmente essa mensagem  
vai cair no limbo  
dos servidores da vivo  
porque agora dá pra desativar  
notificação no dispositivo quando  
chega mensagem, né?

cê nem vai saber

como não sabe que o ipê  
floresceu amarelo  
por aqui  
ou que tá chovendo  
desde o solstício

ou que aqui no alto da serra  
ainda faz frio  
e o vento tem cheiro de metal  
ou as outras cinco  
mensagens que eu já te gravei

por isso eu sei que você  
desativou a notificação

melhor assim  
falar com o silêncio  
incorporado da sua imagem  
melhor assim  
enfim  
oi  
sou eu

# [sem título]

*jefgarcia*

[1]

não quero o amor melancólico  
enquanto atiram bombas sobre Gaza  
nem o amor que resta da jornada de trabalho  
quero ver as cores vivas em uma pedra  
submersa nos ombros de um rio  
o inverno pisando de mansinho  
na correnteza dos teus olhos em brasa  
eles que acusem o amor de comunismo  
eles que lutem contra o narcotráfico  
eles que me chamem de terrorista  
quero te beijar sem pressa pela ladeira da preguiça  
não aceito os minutos de um amor frio  
como uma estátua no porto de Nova York  
quero a conversa entre nossas nuvens quentes  
o amor é o tempo em que estive com você  
e não olhei os ponteiros do relógio

# natal de barrigas quente e frias

*milena boniolo*

barrigas frias

escolhas no freezer do mercado

barrigas quentes

panelas na beira do fogão

barrigas gordas e descansadas

nos sofás e redes após a gula eufórica

barrigas molhadas

encostadas na pia

barrigas despidas e pouco bronzeadas

na cama cansadas

# memória paulistana

*celso vanderlei*

o brasil passava de mãos entre os generais  
geisel para figueiredo e ainda amargurávamos  
a vitória da argentina na última copa  
mas eu só queria comer um bife com fritas  
no boteco maneiro da cincinato com a carlos sampaio

a alegria do sábado era poder trabalhar com meu pai  
que pintava paredes nos novíssimos escritórios da paulista

da periferia de embu (que ainda não era das artes)  
ao cruzamento com a brigadeiro  
uma longa viagem de ônibus se completava  
com um passeio de kombi lotação

conjunto nacional, masp, trianon e sesi  
já margeavam aquela esteira de fuscas  
brasílias, chevettes e magníficos opalas

meu velho generosamente me iludia ser útil  
deixando-me manchar uma parede qualquer

a jornada se completava com uma caminhada até a augusta  
ouvindo as histórias dos antigos casarões pelos quais passávamos

antes de chegar em casa ainda ganhava um refrigerante  
só para acompanhá-lo em sua sagrada cachaça de cada dia.

# neste endereço

*andré maia*

“mas talvez amanhã tudo comece novamente”

Roberto Bolaño

ao que tudo indica, não estou morto  
deixarei para trás o arquivo de impossibilidades  
a estante solitária no apartamento esquecido  
e fumarei de pé, contra o vento, na praia deserta

estou certo de que fumar me matará  
mas ao que tudo indica, ainda não estou morto  
e ainda com fôlego ausculto o coração do mar

atravesso as luzes cortantes e entro na rua erma  
onde coincido com minha própria sombra  
estou vivo, já disse, mas uns olhos sanguinolentos  
que me farejam, me confirmam, é aqui

nesta rua de ninguém, onde os saltimbancos  
leem as estrelas, e os amigos lavam-se no silêncio  
neste ponto do mapa onde os relógios respiram

sua casa

# incertezas (um diálogo com Marília Garcia)

*cristiane cerdera*

Ela me diz

*Não ter onde pisar  
é estarrecedor*

E eu penso se  
Ao me levantar  
já me perguntei  
se há alguma superfície  
embaixo dos meus pés

Quando lhe digo isso  
ela me explica  
que o sentido da frase  
não é esse  
e eu penso  
que ainda não negociamos  
os termos desta conversa

*Querida Marília:  
Quando você diz pisar  
quer dizer tocar o chão com os pés?  
De onde você vem é comum  
duvidar  
da presença do solo?  
Você também hesita ao se levantar  
da cama                   pela manhã?*

Então me lembro que  
Wittgenstein                   antes de morrer  
teve tempo de pensar e escrever  
que é preciso não duvidar  
de algumas coisas

para que nossas vidas  
possam seguir seu curso

Talvez, para ele, a dúvida sem fim  
fosse um gesto arriscado

*De tudo, não é possível duvidar*

Ela repete  
*Não ter onde pisar é estarrecedor*

E agora começo a entender  
que é preciso não escavar demais  
em algum lugar minha pá  
bate na rocha dura  
e entorta

Então tomo fôlego  
e aceito  
a firmeza relativa do solo  
sua porosidade  
como neste poema

Aceito a língua instável que partilhamos  
e todo o resto

Explico a ela  
que quando era criança  
tudo o que eu sabia desenhar  
eram bonequinhos  
com uma cabeça grande e redonda  
pés e braços de palito

Minha preocupação maior  
era desenhar o chão  
Naquela época eu achava  
que sabia tudo  
sobre o solo  
era só fazer uma linha  
contínua e firme  
de um lado a outro do papel  
Ali os bonequinhos assentavam os pés  
davam as mãos  
embaixo do sol  
amarelo e redondo  
como suas cabeças

Nenhum mistério aparente  
a infância é a era das certezas

A dúvida vem mais tarde  
quando o solo perde  
sua aparente firmeza  
e escorregar  
deixa de ser divertido

Às vezes me sinto  
um experimento do tempo  
Sou criança de novo  
me sento em uma cadeira alta  
minhas pernas e meus pés balançam  
mas não tenho receio de descer  
meus pés agora sabem

é preciso encontrar o chão

# o mar diz teu nome na areia

*diuli de castilhos*

o mar, poeta

a água corre a lua

vem e vai

como você

comerei você

até o último punk

brindar o último copo de cerveja

hei de

#

despejo ouvido

no tapete do peito

não há canto de gente

só o barulho do mar

dum forró nunca antes sampleado

da voz de Soledad

no vão do pescoço

duas gardênias um santo anjo

um cheiro me rouba o léxico

os suores dos teus amores

#

te ofereço

as hecatombes todas

os cabelos cortados

tudo que eu fiz

do que eu não quis do amor

dente rasgando o oco  
da tua mão enorme a folha  
do morango-manjeriço

#

o sol some sob meu travesseiro

(é noite alta)

nasce além dois bairros

tua língua-significado  
língua-d'água rebelião  
inda me treme

um pássaro rosado voa

francas quadras tantas

(entre as bocas nossas  
o país dobra ao meio)

#

avisa quando chegar

(receio a gota fatal  
de chuva ou álcool  
que poderá nos tragar)

#

que tu lembre morrer em mim

amplo

como a pouca memória das crianças  
prestes já a adormecer

# carta topográfica

*magali freitas*

por aqui dias nublados  
parece que vai chover  
as nuvens carregadas  
mas não cai  
uma gota  
a terra sob os pés  
as plantas sem rega  
piso em terreno  
desconhecido  
experimento o estranho  
novo  
as fronteiras indefinidas  
não há  
medidas exatas  
nem as quero  
as urgências me arrastam  
como um vento  
noroeste  
gosto de terra  
na boca  
a língua estranha  
o sabor das misturas

o inominado      agora

a única evidência  
os seus rastros  
em todos os cantos  
suspendem a vida  
no varal  
faço menção de recolhê-la  
antes da chuva  
mas uma rajada de vento  
adia-me

as folhas  
se desprendem dos galhos  
a sua partida é natural  
ainda não sinto  
a sua falta  
enquanto ela não vem  
caminho por esse luto  
sem topografia

# no boteco com nina rizzi

*mariana queiroz*

ela também *vem me visitar*  
combino panos de prato  
averiguo (miúda)  
a toalha de rosto  
a umidade e textura  
para os dedos  
que lambo

eu também caí  
em *abysmos*  
esses ocos estelares  
que me miram

*eu, cayo toda*  
inventando uns vãos  
de *saldades*

Nina  
peguei *uma senha*  
de grafia dessabida  
era minha vez na ternura  
como de costume  
achei que não sabia meu nome

ela desenha constelações  
juntando poros  
com a ponta do nariz

faz um mapa  
das minhas fraquezas  
fico boba  
sendo feita de superfície funda  
pros rabiscos dela

Nina  
*cayo na poema*  
a cada vez:  
seja c'fome  
seja c'sede  
no temporal  
ou n'stigaem

você sabe, poeta  
como se sai?

# para nina rizzi

*letícia nunes de Moraes*

nina menina  
poeta a cantar mulheres  
em versos rizzadas e boas prosas  
a tomar o cânone às colheradas  
como danone de morango  
nina menina  
preta a inventar outros mundos  
mais livres  
mais leves  
mais alegres  
menina branca nasci entre brancos  
em berço de ouro  
(foi o que sempre ouvi)  
embalado aos solavancos  
cresci e aprendi a reconhecer outras  
mãos  
como as suas  
nina menina  
a acender velas  
a clamar justiça  
a ninar corações aflitos  
a embalar sonhos de escrita  
sou historiadora também  
sou mãe solo também  
tão solo que até sem filho estou  
não  
não sou só  
não sou só mãe  
sou poeta também  
ou poetisa

que é uma palavra doce  
como danone de morango  
sou mais  
sou revisora  
a ver e rever  
sentidos supressões  
cortes acréscimos  
repetições  
sou leitora  
a virar página por página  
a começar um capítulo novo  
sou aquela que  
me nina

# sede

*felipe julius*

ao som de  
*o children*,  
por nick cave & the bad seeds



se me queres por inteira  
educa tua potência no arco das minúcias  
toragesic não alivia toracotomia, sabias?  
eu sei... eu sei... me davam de papinha também  
[bordões e selvagerias  
meu argumento?  
eu cuspia dia após dia contra o espelho  
desgraciando em banheiros  
a minha *boa* linhagem.

com tempo, também vais criar forças &  
retirar as mechas do rosto  
ver vultos da alvorada  
(tentar) se divorciar  
dessa osmose do abandono.

roberto piva sabia  
corpo & palavra são coisas  
que se misturam. sim. sim. mas...  
tente caber o corpo  
na palavra... difícil, né?  
*morda...*  
*morda meu coração na esquina,*  
ainda sussurra o poeta  
de sua lápide nada franzida.

se me queres por inteira  
    guarde que gesticulo pra fugir...  
fugir de ser mais uma das versões solitárias  
    dos meus, da minha família  
versão exígua,  
    nada tremeluzente... desidratada  
que finge andar em dois pés  
    como a tia nadja que, no breu,  
se enrolava incongruente com seu urso de peluche

    como minha irmã enfant terrible  
com obscuridade                      habitual dolosa  
cutucando & repetindo com suas pederneiras:  
*mamis mamis ladra*  
*mas diminui o grito.*

se me queres por inteira  
    largues a cornucópia que te conforta  
nesta terra queres ter um ofício? não te acanhes:  
entre numa panelinha.  
    não tenhas o tesão de estudar  
num quarto trancado  
    o mundo é maior  
tens de ter o carinho suficiente  
    para te desimportares;  
    escutares a nepobaby  
    da tua pontifícia particular hablar

caso contrário  
    laboriosamente  
    verás a ave regozijar na mão  
de algum outro queridão  
enquanto tu sangras por ser  
    reincidente no lower ground.

romantização carnuda? pode ser.      tu que sabes.

claro... tão claro, como achas que me conheces  
[no âmago,  
onde tudo arde,  
afirmarás que insisto no regresso. por óbvio.  
& pra isso te responderei pernóstica que  
a arrumação do caos é o cúmice do ápice  
do que cala e finge. que os deuses  
dispõem tréguas aos que alimentam a dádiva  
da incerteza. *trust the process*,  
diriam os publicitários.

primavero nisso  
esqueço toda grinalda de emojis maliciosos  
pego onda no guaíba.

aos poucos tu vais descobrindo  
que oxímoro é meu hobby favorito  
que não meço os versos &  
me exílio em pátria fictícia  
crendo ser imantada contra todas as urtigas  
vendo o vão das letras como se fosse firstborn.

\*\*\*\*\*  
\*\*\*\*\*

se me queres por inteira

o que posso te oferecer é  
um amor subtil  
sem cenografias  
que rasga & cavalga &  
entreabre o longe  
sem chicotes, sem cera quente,  
sem coup de chance

um amor subtil  
nada íngreme, sempre sedento.

# nessa ilha

*vinícius alves de aráujo*

nessa ilha  
um museu uma capela uma piscina  
eu e você  
um bando de fantasmas  
e o nosso amor

impossível

nessa ilha  
um museu uma capela uma piscina

para nadar  
para celebrar  
para guardar

eu e você  
faustine

nessa ilha  
um museu uma capela uma piscina  
eu e você  
faustine  
para sempre

nessa ilha  
dois sóis

nessa ilha     quente  
só eu vejo você  
faustine  
vejo  
força     façanha     fenda     faca

# aula de alfabetização

*maurício rosa*

## **Primeiro osso**

descobri que os cães  
eram enterrados no quintal  
brincávamos  
portanto  
sobre um cemitério

ainda ontem  
ouvi um latido  
correndo  
entre as minhas pernas

## **Segundo osso**

era uma prática comum  
essa de esconder os mortos  
debaixo da terra

cavei com as minhas mãozinhas  
entre a arruda e a hortelã  
e encontrei o primeiro  
                  o segundo  
                  e o terceiro osso  
de um dos cachorros da família

## **Terceiro osso**

no terceiro osso  
parei

no que levará

disse a minha mãe  
acordar focinhos descarnados  
patas sem a possibilidade  
do arranque e do salto  
um amontado sem músculos  
e tutano sem pelos sem rabo  
sem a língua que lambeu  
a cara dos seus tios

– quando eles também eram vivos

### **Quarto osso**

não resisti  
e ainda reservei um quarto osso

com eles

no barro um dia  
escrevi o meu primeiro poema  
debaixo da goiabeira  
cujas raízes tiveram  
como alimento  
eu pensei  
sabe-se lá quantos totós

não foi um epitáfio  
nem uma oração:

CAMINHO SUAVE

foram as palavras  
que só se escrevem na terra  
e com o que resta

# fim da linha

ananun



na noite  
de 19 de abril de 1940  
por volta das vinte e uma e quarenta e quatro  
um guarda estava a serviço na esquina  
da rua tomaz gonzaga com curitiba  
quando foi avisado que algumas mulheres  
estavam jogando futebol  
na rua santa catarina ao fim do bonde de lourdes  
o guarda  
segundo a reportagem  
considerou o fato um escândalo  
“ainda mais no meio da rua”  
“ainda mais no meio da rua”  
ao chegar, o jogo foi interrompido  
e o guarda conseguiu prender duas jogadoras  
Arletina e Enedina

além de um homem  
que participava do jogo  
a notícia  
chamou  
atenção  
no diário  
da tarde  
mulheres juntas  
nunca foram bem vistas  
ainda  
mais  
no  
meio  
da  
rua  
ainda  
mais  
no  
meio  
da  
rua  
na noite  
de 19 de abril de 2024  
por volta das vinte e uma e quarenta e quatro  
um guarda estava a serviço na esquina  
da rua tomaz gonzaga com curitiba  
quando foi avisado que uma mulher escapou  
do fim da linha  
trancou-se  
dizendo que era livre

MULHERES ~~JOGAVAM~~ FUTEBOL,  
~~A NOITE~~, NO FIM DA LINHA ~~DE LOURDES~~  
~~O guarda prendeu as jogadoras e o seu treinador.~~ — Uma  
conseguiu escapar e irancar-se ~~em casa~~

pra onde vão as mulheres ~~livres?~~  
que escapam?



**escrever sem papel e caneta**





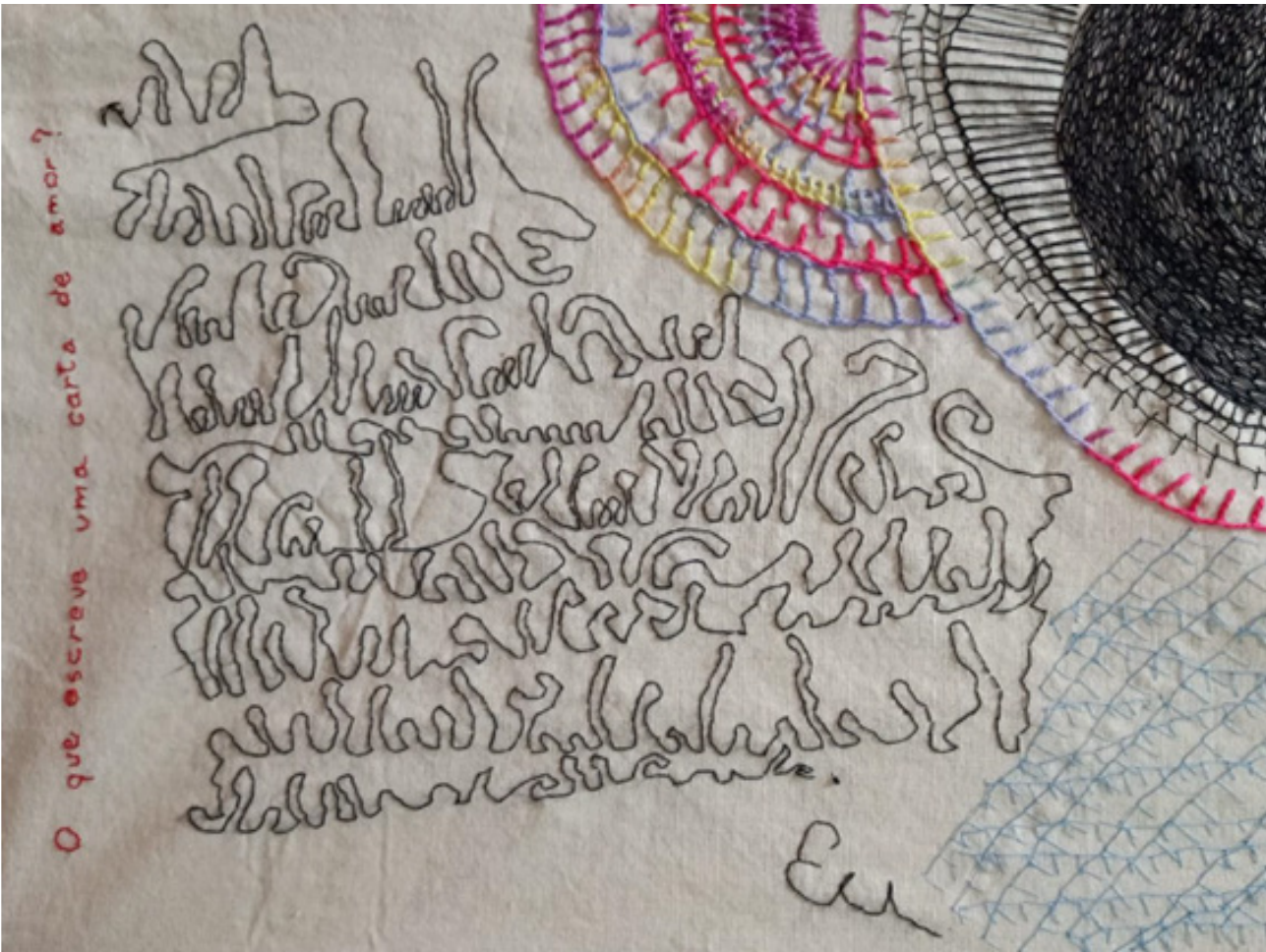
# perdão ou eles sabem o que fazem

*maurício rosa*

*para chico mendes*



cláudia ricci



# faustine

*vinícius alves de araujo*





# memória coletiva





# nós

*memória coletiva da turma 1, com textos de camila, felipe, ana, vilma,  
lucas, cláudia, letícia, vinícius, tim,*

*organizados e editados por letícia nunes de Moraes*

eu me lembro & nãaninanão nunca hei de esquecer  
eu me lembro do anel de plástico  
eu me lembro de que muitas vezes a ajudava a caminhar até a minha casa  
eu me lembro de que aprendi a subir no sofá para conseguir ler o livro de histórias  
eu me lembro do ardido do cinto da minha mãe  
eu me lembro do armarinho de linhas de bordar ponto-cruz organizado meticulosamente  
[a partir do código cromático  
eu me lembro de assistir à feiticeira  
eu me lembro de assistir à viúva porcina com a minha mãe  
eu me lembro do aniversário de 18 anos no mcdonald's  
eu me lembro de me apaixonar  
eu me lembro dos aviões feitos de caixas de madeira  
eu me lembro do balanço em que desloquei a clavícula  
eu me lembro do bambolê que revelou as possibilidades do meu quadril  
eu me lembro dos banhos renovadores de guaraná  
eu me lembro da barbie e do he-man  
eu me lembro do barulho da campainha  
eu me lembro do barulho de taco no asfalto  
eu me lembro da batata-doce assada na brasa da fogueira  
eu me lembro de me batizar como quem lava todas as mágoas  
eu me lembro da bolacha passatempo  
eu me lembro da bolsa de patinho da menina rica e loira  
eu me lembro da blusa de seda roxa da minha mãe  
eu me lembro de brincar de sexo  
eu me lembro das brigas que silenciavam a casa  
eu me lembro do cabelo da delourdes  
eu me lembro da cachorra susy  
eu me lembro do caco de telha do lado da amarelinha  
eu me lembro do caminho até o céu no jogo da amarelinha  
eu me lembro das caprichadas pegadas em tinta do coelhinho da páscoa

eu me lembro do carinho nada esfarelado com tanta coragem isso não se compra  
eu me lembro do carrinho de mão  
eu me lembro da casa de quintal de caquinhos vermelhos onde voltei a sorrir  
eu me lembro da casa dos fundos do quintal de caquinhos vermelhos  
eu me lembro do casaco listrado de azul e vermelho e de todas as pantufas de bichinhos  
[que eram os presentes  
eu me lembro que a cátia cilene era boa na queimada  
eu me lembro dele chegando bêbado e todo mundo saindo da sala  
eu me lembro de chegar da escola  
eu me lembro do cheiro de fandangos de queijo  
eu me lembro do cheiro do chá das folhas de figo colhidas do quintal de casa  
eu me lembro de chorar até o travesseiro afundar  
eu me lembro do cimento verde descascado  
eu me lembro do cofre no meio da sala da casa dos fundos  
eu me lembro da coleção de bolinhas de gude  
eu me lembro de começar a gostar de meninos  
eu me lembro de me converter e acreditar que ali estava o caminho  
eu me lembro de copiar à mão num caderno as histórias que gostava de ler  
eu me lembro de correr pela casa dos meus avós brincando de pega-pega com os primos  
eu me lembro de cortar os cabelos das barbies  
eu me lembro das dádivas cômicas do nosso papai noel embriagado  
eu me lembro das décadas compartilhando coraçõezinhos de frango  
eu me lembro do dia em que aprendi a andar de bicicleta no parque luiz de queiroz  
eu me lembro do dia que brincávamos de esqui apenas com as meias nos pés  
[deslizando no corredor de piso de taco recém-encerado  
eu me lembro do dia que me casei e do dia em que me divorciei  
eu me lembro do dia que fui ao teatro com a escola e quando as cortinas abriram você  
[estava lá de franja  
eu me lembro do dia que quebramos ao meio o sofá-cama de estrutura de madeira pura  
eu me lembro do dia que te vi passar pela janela da minha sala e pensei sim  
eu me lembro do dia que me toquei que o meu maior medo é esquecer  
eu me lembro de dizerem que eu não era mais amigo de deus  
eu me lembro de domingo de manhã  
eu me lembro de encerar o chão vermelho da cozinha.  
eu me lembro do esparadrapo aparecendo pelo tamanco branco  
eu me lembro de estar na faculdade e o ódio me consumir  
eu me lembro do estojo de agulhas de tricô em branco e azul que guardava os pares de  
[agulhas coloridas  
eu me lembro de expulsar demônios em nome de jesus

eu me lembro que família não é sangue  
eu me lembro do feijão cozido na hora melhor que refogado  
eu me lembro do feixe de luz que entrava pela porta do seu quarto  
eu me lembro de ficar sozinho como se fosse meu destino  
eu me lembro das frescas madrugadas andando na cidade pequena com os amigos  
eu me lembro da fronha roxa  
eu me lembro da geada de 1975  
eu me lembro da gente sozinho se esquentando no frio  
eu me lembro de gostar de meninas  
eu me lembro da infância tida com júbilo a despeito de tantas coisas mal resolvidas  
eu me lembro de ir à igreja buscando um norte  
eu me lembro dos insultos que cortavam como facas  
eu me lembro do interruptor do lado esquerdo da cama  
eu me lembro de me lembrar  
eu me lembro sem querer me lembrar do dia em que eu não mais a encontrei  
eu me lembro me lembro lembrolemebrolembrolembro-me sim ahhhh como poderia  
[me esquecer  
eu me lembro da letra redonda da nádia terezinha  
eu me lembro do livro de histórias que adorava ler e de tão grande não conseguia  
[segurar  
eu me lembro do livro que comprei para presentear os amigos no final do ano que nos  
[separamos  
eu me lembro dos lugares nos quais me ocultava fazendo do esconde-esconde uma  
[brincadeira absurda  
eu me lembro que luto todos os dias  
eu me lembro da luz dourada do fim do dia enchendo a cozinha  
eu me lembro da maçã enorme que minha avó me ofereceu para levar para a escola  
eu me lembro das mãos do meu vizinho na minha vulva quando brincávamos de  
[pega-pega  
eu me lembro quando menstruei a primeira vez  
eu me lembro da menina que cagou lombrigas  
eu me lembro do meu irmão  
eu me lembro do meu pai brigando com minha mãe por causa da blusa de seda roxa  
eu me lembro do meu pai segurando um pé do meu sapato quando eu e minha mãe  
[fomos embora  
eu me lembro do meu tio saindo de madrugada com a susy dentro de um saco preto  
eu me lembro dos meus surtos de pânico  
eu me lembro da moça batendo o sininho  
eu me lembro da minha avó colocando a mesa

eu me lembro da minha avó nos dando caldo de carne  
eu me lembro da minha avó tirando a mesa  
eu me lembro do molho no avental da vó  
eu me lembro da miniárvore de natal  
eu me lembro da mordida do cachorro no sovaco do vizinho  
eu me lembro do não querer e mesmo assim me esqueço do que eu já lembrei um dia  
eu me lembro do nescau escuro no copo de leite  
eu me lembro de nunca saber o que é amar  
eu me lembro de orar com o coração cheio de fé  
eu me lembro da orelha do coelho de chocolate branco do vô João  
eu me lembro da outra viagem em que dentro do carro tinha o pote com as iscas de  
[kefir que saíram voando  
eu me lembro do pão com mortadela  
eu me lembro de pedalar no parque como se a bicicleta fosse um manga-larga  
eu me lembro de pedir amigos  
eu me lembro de que pedi para ter um gatinho e minha mãe não deixou  
eu me lembro do pé de mamão crescendo torto no quintal  
eu me lembro que às vezes perco  
eu me lembro de perder a cabeça  
eu me lembro de perder as contas  
eu me lembro da pérola do colar no chão  
eu me lembro de uma pintura de coração inacabada na parede da sala  
eu me lembro dos piqueniques do eu sozinho com toalha esticada na sala de tv e  
[sanduíches de pão-de-leite maionese e queijo  
eu me lembro da primeira noite em um apartamento novo  
eu me lembro da primeira vez que vi um gatinho recém-nascido  
eu me lembro de procurar flor ao invés de gente  
eu me lembro de quando aceitei uma proposta para morar junto  
eu me lembro de quando falei para minha mãe que sairia de casa  
eu me lembro de quando ele bateu a porta para nunca mais voltar  
eu me lembro de quando nossos amigos disseram você nos presenteou com esse  
[mesmo livro no final do ano que nos separamos  
eu me lembro de quase todos os milkshakes de chocolate que tomamos depois das  
[infinitas tardes na piscina do clube  
eu me lembro dos quebra-cabeças que eu nunca concluí  
eu me lembro do quintal de caquinhos vermelhos  
eu me lembro do rasgo na orelha da tia  
eu me lembro de que raça não é cor

eu me lembro do recreio  
eu me lembro das rodadas de baralho que me ensinaram a trapaça & a persuasão  
eu me lembro do rosto cúmplice do motorista do caminhão de mudança  
eu me lembro do que já esqueci um dia  
eu me lembro de que um dia saí mais cedo da escola  
eu me lembro de sair da igreja  
eu me lembro dos séculos andarilhando em camelódromos  
eu me lembro de ser amigo de deus de sentir sua presença  
eu me lembro da sineta do tio do quebra-queixo  
eu me lembro da sombra azul no olho da mulher na revista manequim  
eu me lembro do sorvete azul  
eu me lembro de que sou humano feito de memórias costuradas  
eu me lembro de que sou sempre preto  
eu me lembro de que sou sozinho  
eu me lembro de todas as horas de recreio quando aprendi o mais valioso lançar o  
[meu charme e promover o espanto nos coleguinhas  
eu me lembro de todas as nossas noites no carro que bebemos da mesma garrafa  
[olhamos para as mesmas estrelas e beijamos as nossas bocas  
eu me lembro de todas as tardes que passamos deitados na sua cama apenas olhando  
[para o teto e cantávamos *the only exception*  
eu me lembro de que tropecei na escada que levava pro quintal e descí de barriga  
eu me lembro do tssss tessss da panela de pressão  
eu me lembro da última palavra que vovó me disse  
eu me lembro da última vez em que comi o feijão da minha avó  
eu me lembro das velas que comprei para te presentear e depois escrevi que se um dia  
[eu te dei velas esse poema é pra você  
eu me lembro que às vezes venço  
eu me lembro da viagem de volta de minas gerais em que dentro do carro tinham 18  
[queijos 10 potes de doce de leite e 4 cadeiras de área em madeira pura  
eu me lembro da violência que eu reservava durante a queimada  
eu me lembro de você dizer que via quando era mais nova antes de eu nascer  
eu me lembro da vontade  
eu me lembro *yes señorita* & muito mas muito mesmo



## O que é o Para Escrever?

O **Para Escrever** é uma iniciativa cultural voltada para a escrita criativa, fundada em 2024 por Lilian Sais, que também coordena os projetos. Além de oferecer cursos, produzimos o *podcast Para escrever*, a revista *Tinta Fresca* e conduzimos uma *newsletter* no Subtack.

Nesse período de 2 anos, oferecemos diversos cursos de curta, média e longa duração, abordando a escrita de poesia, de prosa de ficção, de ensaio e de escrita autobiográfica.

Nosso intuito é muito maior que oferecer cursos: acreditamos que a formação de leitores e de escritores é fundamental para o nosso país hoje. Por isso, estamos sempre atrás de parcerias que possibilitem aumentar o alcance dessa iniciativa.

Além disso, temos uma política ampla de bolsas integrais e parciais, atendendo principalmente a pessoas negras, indígenas, trans e em vulnerabilidade social.

## **Como acompanhar as ações dessa iniciativa?**

*site:* <http://paraescrever.com>

*Instagram:* @cursoparaescrever

*newsletter:* <https://paraescrever.substack.com/>

*podcast:*  



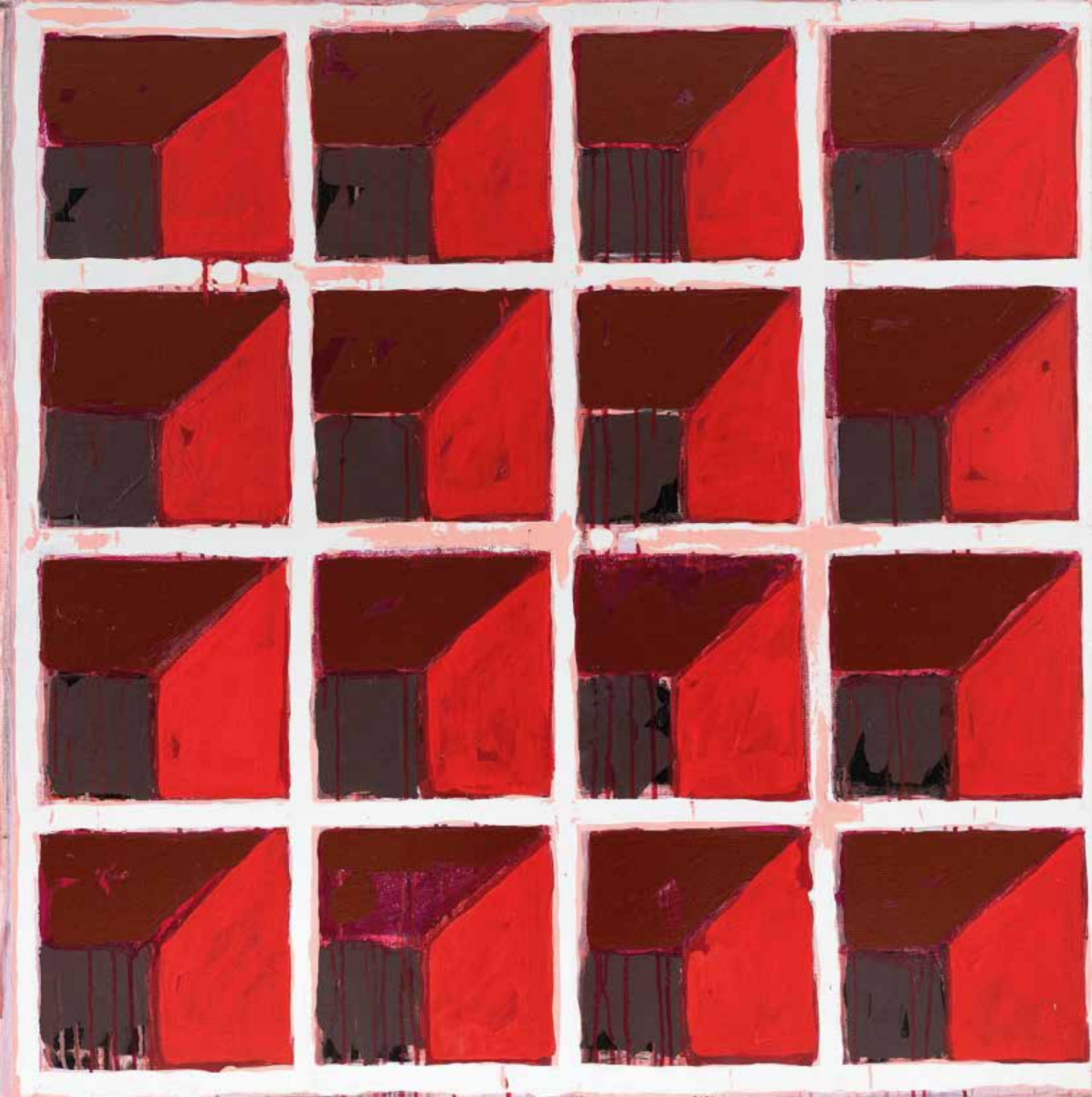


*patricia lino*

[\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*]  
[\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*]  
[\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*]  
[\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*]  
[\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*]  
[\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*]  
[\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*] [\*]

o volume 1 da revista tinta fresca  
foi composto em tiempos  
impresso em papel  
pólen bold 90gr  
no verão  
de 2026  
cuidado  
para não  
se sujar





**P A R A**  
E S C R E V E R